

DISCENTE: ANA CAROLINA PACHECO
DOCENTE: ALLINE SERPA

A CIDADE OCULTA DA
PROSTITUTA
PERIFÉRICA

UMA CARTOGRAFIA DAS
DINÂMICAS URBANAS DA
PROSTITUIÇÃO PERIFÉRICA
EM DUQUE DE CAXIAS

UNIVERSIDADE UNIGRANRIO
2019.2

Ana Carolina Pacheco Olimpio Medeiros

A Cidade Oculta Da Prostituta Periférica
Uma Cartografia das Dinâmicas Urbanas da Prostituição Periférica
Em Duque de Caxias

Trabalho técnico de pesquisa de cunho teórico apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, no Curso de Arquitetura e Urbanismo, na Universidade do Grande Rio Prof. José de Souza Herdy – UNIGRANRIO como requisito parcial para obtenção do título de Arquiteta e Urbanista.

Aprovada em: 17 de Dezembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Alline Margarette da Mota Serpa (Orientadora)
Universidade do Grande Rio

Filipe Ungaro Marino
Universidade do Grande Rio

Priscila Gonçalves Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Duque de Caxias, RJ – Brasil
2019.2

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as mulheres que passaram pelo meu caminho e que me ensinaram que ser mulher é muito mais do que nascer mulher. Em especial, agradeço às três supermulheres que me fizeram ser o que eu sou hoje a partir de uma mistura perfeitamente dosada da personalidade de cada uma. Agradeço à minha vó, Edna, por me apoiar na temática deste trabalho, por cantar de manhã quando eu acordo e por me divertir contando suas aventuras de quando mais nova. Agradeço à minha mãe, Jaqueline, pelo carinho em me ensinar os princípios básicos da vida, por ter me apresentado as atividades que eu sou apaixonada em fazer, ler e escrever, e por me permitir ensiná-la sobre outras formas de viver também. Agradeço à minha irmã, Adna, por ter me ensinado o que eu sei, por ser humana, dançarina e por ser inspiração de força e sensibilidade para mim todos os dias. Agradeço às três por terem lutado em batalhas que hoje eu não preciso mais lutar. Serei eternamente grata às rosas do meu jardim. Agradeço ao meu padrasto, Carlos, por me apoiar em tudo o que eu me proponho a fazer e por me ajudar a conquistar o mundo. Agradeço ao meu irmão, Felipe, por entender minhas cicatrizes e por estar sempre presente para me ajudar a curá-las. Agradeço ao anjo de quatro patas e olhos amarelos, Leleco, que me ensinou sobre amor, perdão, e que hoje vive livre e feliz na plenitude do infinito. Agradeço à minha família por me mostrem que, se hoje cai uma tempestade, amanhã nasce um arco-íris.

Agradeço às professoras Rossana Tavares, por ser um exemplo e por ter me ensinado tanto sobre a profissão; Diana Helene, por ser minha referência neste trabalho e, também, referência de simpatia e simplicidade; Alline Serpa, pelas orientações, competência e apoio; e às outras professoras do curso, Fernanda Podzwato e Rachel Maciel pela representatividade. Agradeço, também, à todos os outros professores do curso que dividiram seus conhecimentos comigo e que eu tive o prazer de conhecer.

Agradeço aos meus amigos que o tempo e a faculdade me proporcionaram, que sempre me apoiaram e estiveram comigo nos momentos mais difíceis durante o curso, reforçando as minhas estruturas. Em especial, agradeço à minha amiga de longa data, Taleesa, por estar do meu lado há mais tempo do que a metade da sua idade, por me ler minha mente quando não consigo falar e por perceber que tudo acaba, tudo passa, exceto a nossa amizade.

Agradeço aos meus amigos que o tempo e a faculdade me proporcionaram, que sempre me apoiaram e estiveram comigo nos momentos mais difíceis durante o curso, reforçando as minhas estruturas. Em especial, agradeço à minha amiga de longa data, Taleesa, por estar do meu lado há mais tempo do que a metade da sua idade, por me ler minha mente quando não consigo falar e por perceber que tudo acaba, tudo passa, exceto a nossa amizade. Agradeço à todas as pessoas que passaram pelo meu caminho e que me ensinaram um pouco mais sobre a vida. Agradeço às prostitutas que tive contato ao longo desse trabalho pelo conhecimento obtido e por me darem a oportunidade de reconhecer vivências diversificadas na cidade. E, por fim, agradeço à Deus, o destino, e à natureza por fazerem de mim fortaleza, por mudarem a minha concepção de lar e por terem permitido a minha trajetória até aqui.

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa visa abordar as diversas dinâmicas urbanas da prostituição periférica nos bairros Centro e 25 de Agosto, em Duque de Caxias, por meio da construção de uma análise urbanística que questione o planejamento urbano local e entenda a distribuição dos pontos de prostituição e as localidades que os acolhem. Além disso, debater o direito à cidade e desvendar o perfil da protagonista da prostituição periférica diante da elaboração de mapas de estudo, levantamento de dados e entrevistas de campo que compreendam as narrativas da periferia e da prostituição com o intuito de desmistificar os estigmas acerca destes cenários. O Objetivo principal desta pesquisa consiste em apresentar os conflitos socioespaciais da prostituição na localidade de estudo por meio da confecção de uma cartografia que promova reflexões e conclusões de análise diante dos resultados obtidos abordados diante da ótica feminista integrando os debates de etnia, classe e território.

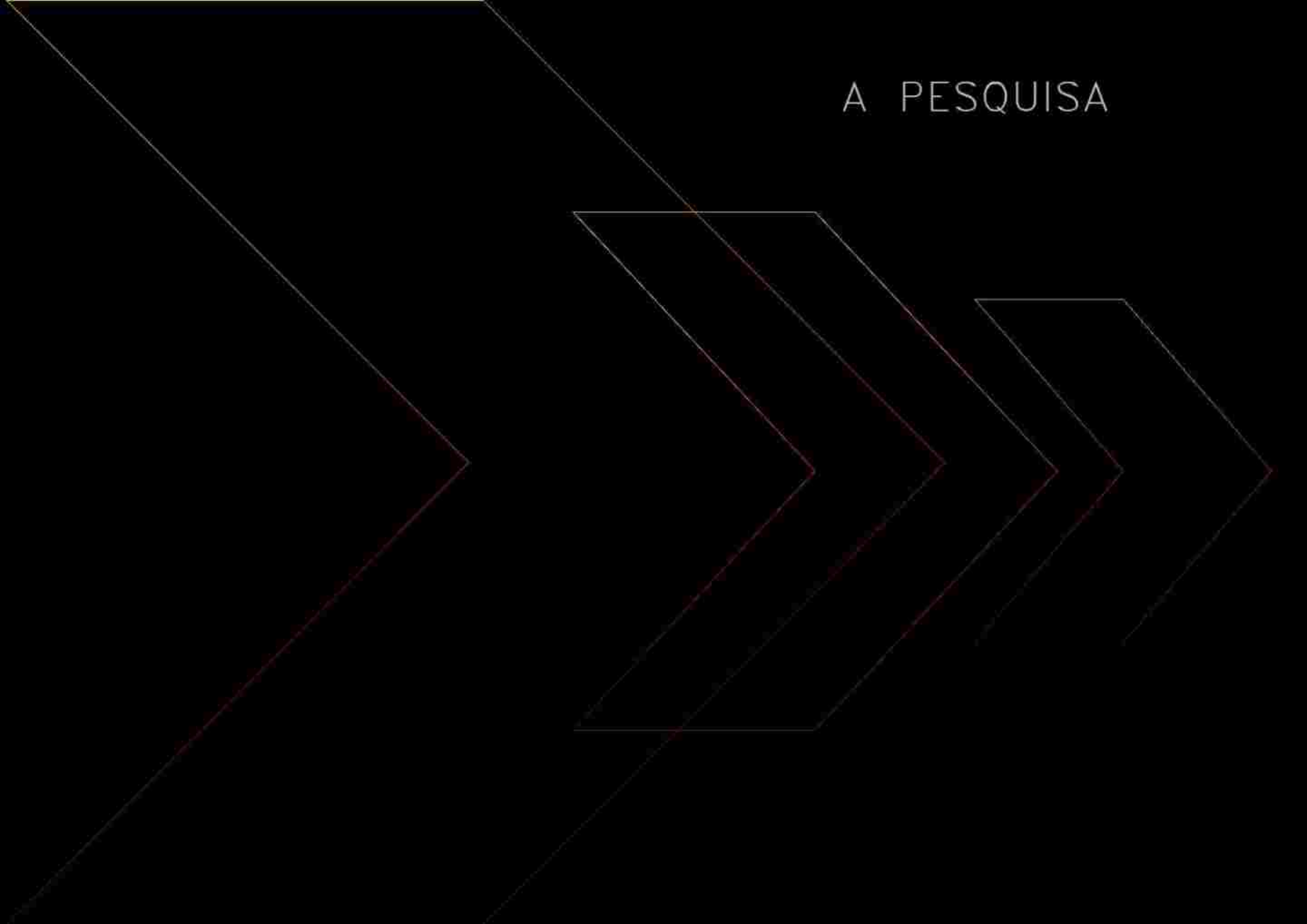
ABSTRACT

This research aims to approach the various urban dynamics of peripheral prostitution in the Centro and 25 de Agosto neighborhoods of Duque de Caxias, through the construction of an urban analysis that questions the local urban planning and understands the distribution of prostitution points and the localities that welcome them. In addition, discussing the right to the city and unraveling the peripheral prostitution protagonist's profile of in the preparation of study maps, data collection and interviews that understand the narratives of the periphery and prostitution in order to demystify the stigmas about these scenarios. The main objective of this research is to present the socio-spatial conflicts of prostitution in the place of study by making a cartography that promotes reflections and conclusions of analysis about the results obtained from the feminist perspective integrating the debates of ethnicity, class and territory.

SUMÁRIO

1	TEMA.....	PÁG. 06	10	A HISTÓRIA DA PROSTITUIÇÃO NO BRASIL.....	PÁG. 22
2	OBJETIVOS.....	PÁG. 08	11	O IDEAL HIGIENISTA.....	PÁG. 26
	OBJETIVO GERAL.....	PÁG. 08		PROCESSOS DE GENTRIFICAÇÃO E SEGREGAÇÃO URBANA.....	PÁG. 30
	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	PÁG. 08		O DIREITO À CIDADE DO ARQUITETO E URBANISTA.....	PÁG. 32
3	OBJETO.....	PÁG. 10		CIDADE, GÊNERO, CLASSE E ETNIA.....	PÁG. 33
4	LOCALIZAÇÃO.....	PÁG. 10	12	A PROSTITUTA PERIFÉRICA COMO OBJETO SÓCIO-CULTURAL.....	PÁG. 38
5	JUSTIFICATIVA/RELEVÂNCIA.....	PÁG. 12	13	O CONTRASTE URBANO DE DUQUE DE CAXIAS E A RESISTÊNCIA DAS PERIFERIAS.....	PÁG. 42
6	PROBLEMATIZAÇÃO.....	PÁG. 14	14	A CONSTRUÇÃO SOCIAL E URBANA DA BAIXADA FLUMINENSE.....	PÁG. 44
7	DIRETRIZES.....	PÁG. 14		A ORGANIZAÇÃO SOCIOESPACIAL DO 1º DISTRITO DE DUQUE DE CAXIAS.....	PÁG. 47
8	REFERÊNCIA.....	PÁG. 16	15	A CORPOGRAFIA NOS ESPAÇOS OPACOS E LUMINOSOS DA CIDADE.....	PÁG. 50
9	A ATUAÇÃO DA MULHER NO ESPAÇO PÚBLICO.....	PÁG. 18		OS REFLEXOS DE LUZ E SOMBRA.....	PÁG. 52
				CORPOGRAFIA E MOVIMENTO URBANO.....	PÁG. 57
			16	AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS DA PROSTITUIÇÃO EM DUQUE DE CAXIAS.....	PÁG. 60
				A GEOGRAFICIDADE DA PROSTITUIÇÃO E AS ÁREAS OCULTAS DA CIDADE.....	PÁG. 62
				A PROTAGONISTA DA PROSTITUIÇÃO PERIFÉRICA NO ESPAÇO URBANO.....	PÁG. 66
			17	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	PÁG. 72
			18	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	PÁG. 76

A PESQUISA



TEMA

TEMA GENÉRICO

Planejamento Urbano e Geografia.



TEMA ESPECÍFICO

Dinâmica urbana da prostituição periférica.



PECULIARIDADE

Cartografia das dinâmicas urbanas da prostituição periférica em Duque de Caxias.





Foto: MARGOLLES, Teresa.
Título: *Pista de baile del club Mona Lisa*, 2016.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Construir uma análise cartográfica relacionada ao planejamento urbano de Duque de Caxias que desmistifique a prostituição e seus estereótipos através da apresentação de conflitos socioespaciais travados pela atividade do trabalho sexual diante de uma abordagem feminista integrando os debates de etnia e classe na periferia.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Apresentar como o planejamento urbano de Duque de Caxias desconsidera a prostituição de mulheres transgênero e cisgênero nas áreas periféricas, segregando-as diante das dinâmicas sociais e urbanas da cidade e, ainda, problematizar o lugar da prostituta na história do Brasil, questionando e estudando os lugares que as acolhem, a distribuição dos locais de trabalho sexual e os impactos urbanos causados na localidade. Além disso, debater se a prostituta tem lugar na cidade do arquiteto e urbanista, principalmente diante de projetos de revalorização, de forma a problematizar os espaços opacos na cidade. A pesquisa ocorrerá por meio de levantamentos de dados, mapeamentos interativos e análises de gentrificação – processo de transformação de centros urbanos através da mudança dos grupos sociais ali existentes, onde sai a comunidade de baixa renda e entram moradores das camadas mais ricas – e resistência tornando a prostituta um símbolo de valorização histórico-cultural e proporcionando o direito à cidade para esses grupos sociais e visibilidade à essas narrativas historicamente invisibilizadas e marginalizadas ao longo dos anos. O objetivo final se resume, ainda, na construção de uma análise cartográfica a partir de uma dialética da macroespacialidade à micro, relacionada ao planejamento urbano de Duque de Caxias, apresentando os conflitos socioespaciais travados pela atividade do trabalho sexual nas áreas periféricas dos bairros Centro e 25 de Agosto por meio de reflexões e conclusões de análise diante dos resultados obtidos.

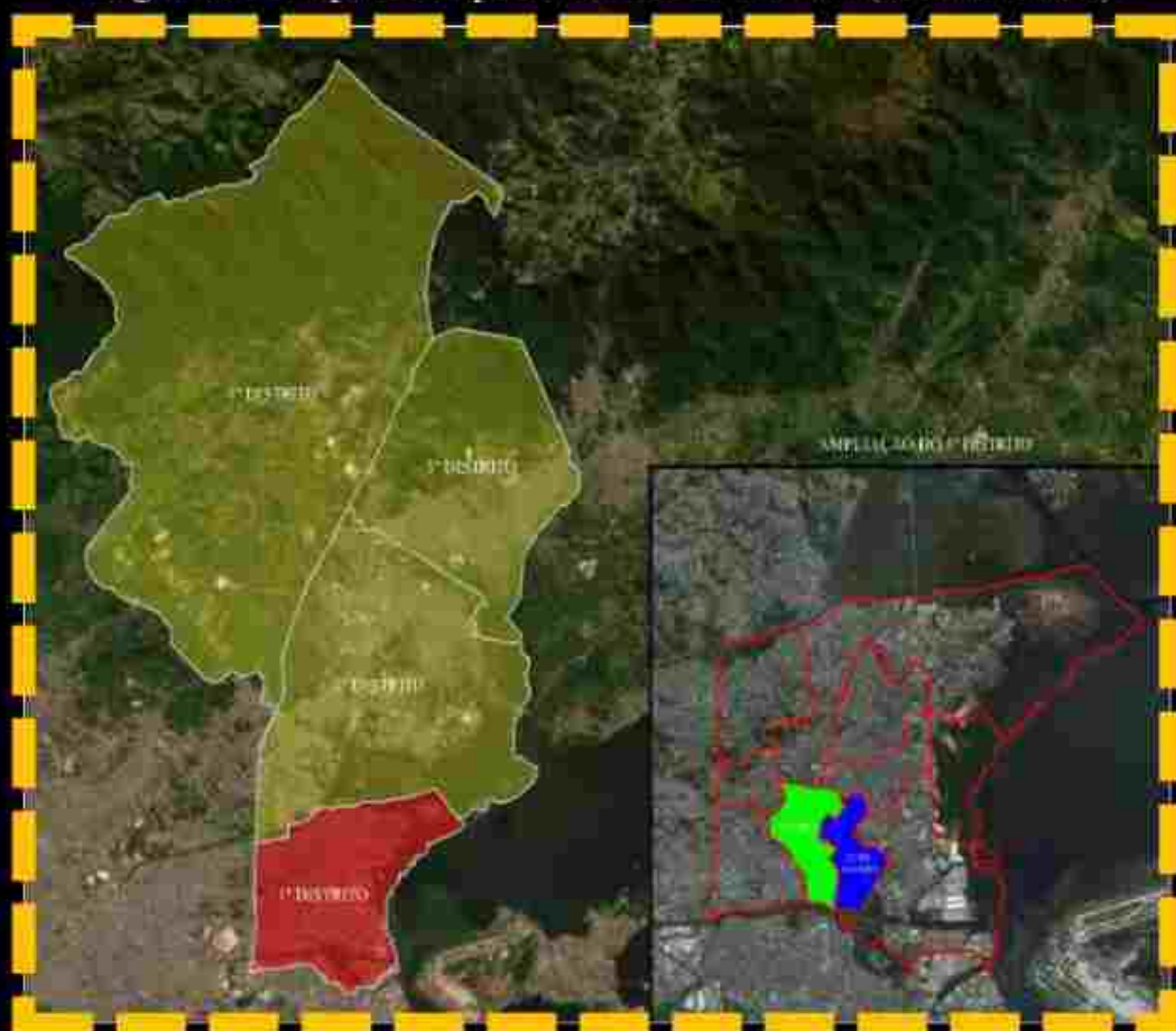


Foto: MARGOLLES, Teresa.
Título: Pista de baile del club Mona Lisa, 2016.

OBJETO

A prostituta periférica e seus modos de relação com o espaço urbano de Duque de Caxias, com foco nos bairros Centro e 25 de Agosto, localizados no 1º Distrito da cidade, em contraste com as dinâmicas socioespaciais da prostituição analisadas sob uma perspectiva de gênero, etnia, território e classe.

Figura 01 – Mapa de Duque de Caxias – 1º Distrito (local de estudo).



LOCALIZAÇÃO

O trabalho possui Duque de Caxias como o local de aplicação da pesquisa, apresentando o seu foco nos bairros Centro e 25 de Agosto, no 1º Distrito.



Foto: MARGOLLES, Teresa
Título: Pista de baile del club Irani's, 2016.

JUSTIFICATIVA

A escolha da temática da prostituição foi motivada pela falta de inclusão e visibilidade das prostitutas no planejamento urbano da cidade de Duque de Caxias e a constante exclusão dos pontos de trabalho sexual perante, ainda, a problemática da localização periférica, deixando essas narrativas ainda mais marginalizadas. O propósito de investir na viabilização e inserção dessas narrativas no debate urbano não possui a intenção de falar pelas prostitutas ou representá-las dentro da temática, mas, sim, expor a questão, de forma necessária e urgente, como um debate a ser problematizado dentro do campo do urbanismo.

A localidade a ser abordada demonstra-se como uma motivação pessoal, uma vez que toda a minha vivência no Rio de Janeiro possui como base as periferias de Duque de Caxias. Logo, a ideia é propor o direito igualitário à cidade por meio da ampliação do pensamento urbano no campo da Arquitetura e do Urbanismo, levando reflexões que tenham como ponto focal as áreas negligenciadas da cidade e o empoderamento da periferia Caxiense diante do grande barulho e agitação dos centros da cidade. A questão embasa, ainda, o esclarecimento dos mitos acerca da prostituição em que seus locais de atividade são considerados pela sociedade como “submundos” da cidade. Como consequência dos processos de empoderamento e inclusão do direito à cidade igualitário, esses grupos sociais ganharão a visibilidade necessária para serem parte participativa da cidade e para diminuir significativamente os estigmas acerca da prostituição.

Ainda como motivação para a implementação da pesquisa, agora, porém, de forma mais pessoal, envolvo, diante do meu lugar de fala enquanto mulher, a voz feminina, na maioria das vezes, invisibilizada e quase que anulada diante da sociedade onde raramente é tratada como perspectiva de reflexão para novas abordagens coletivas no espaço urbano. E, ainda assim, quando são abordadas políticas públicas voltadas para as mulheres, nos deparamos com um papel feminino estereotipado, cujo é reforçado pelo estado patriarcal – sistema social em que homens mantêm o poder primário e predominam em funções de liderança – e pela cultura machista – conjunto de pensamentos, fatos, atitudes e costumes que fazem os homens acreditarem que são superiores às mulheres – nas cidades onde somos, frequentemente, viabilizadas como mães ou donas de casa, além atrelar o papel feminino ao âmbito privado, tomando o homem dominador do espaço público. Também tomo como motivação os significados sociais e culturais acerca da palavra “puta”, que é atrelada a qualquer mulher, independentemente de estar relacionada à prostituição ou não, contanto que ela não siga quaisquer padrões de feminilidade da sociedade e utilize o seu corpo e a sua presença na cidade como sinônimo resistência e autonomia, além de exercer seus direitos igualitários, desconsiderando os rótulos impostos de homem e mulher do corpo social. A abordagem feminista interseccional – vertente do movimento feminista que diz respeito as intersecções ou recortes de opressões e vivências que devem ser feitos quando se for analisar as estruturas sociais de dominação-exploração – e empoderadora acaba se tornando vital para a pesquisa uma vez que equipara os direitos entre os gêneros e empodera as mulheres. Os debates de classe, território e etnia são embutidos na questão uma vez que são a base dos preconceitos acerca do trabalho sexual. Logo, quando esse pensamento é implantado nas periferias, os estigmas só aumentam perante o sistema elitista, – sistema sistema embasado no favorecimento da classe social mais favorecida – racista e misógino – pessoa que possui aversão patológica pelo feminino – da sociedade, tornando necessária a abordagem da temática diante das óticas apontadas acima.





Foto: MARGOLLES, Teresa.
Título: *Pista de baile del club Rodarte*, 2016.

PROBLEMATIZAÇÃO

Tratado como o trabalho mais antigo do mundo e sendo pauta desde a colonização do Brasil, tendo o Rio de Janeiro como possuidor da primeira zona de prostituição reconhecida, em Laranjeiras, a prostituição é abordada desde a bíblia às conversas de bar e, apesar de antigo, o trabalho sexual em nenhum momento foi tratado como patrimônio social.

Quando voltamos a perspectiva feminina para o âmbito profissional, a sua voz surge sufocada e com dificuldades de consolidação social, precisando se reafirmar constantemente. A objetificação da mulher em qualquer campo profissional ainda se perdura como uma realidade, porém, quando falamos de uma vivência de trabalho relacionada aos aspectos sexuais e/ou de utilização do corpo e da imagem feminina como sustento, surge uma banalização social sobre o assunto submetendo a mulher, principalmente enquanto prostituta, como objeto de escárnio e desvalorização. Esses pensamentos tradicionalmente construídos perante uma sociedade conservadora e patriarcal que necessita desses estigmas para se manter em uma predominante dominação social, ignoram a posição, presente e persistente, da mulher em relação à história do local e discrimina o papel de resistência da prostituta em aspectos histórico-culturais. Ainda como produto das problemáticas citadas acima, uma outra problemática se desenvolve diante dos projetos de revalorização urbana, ocasionando os processos de desapropriação e, conseqüentemente, gentrificação das zonas de prostituição e seus pontos de trabalho nas ruas. Essas ações são provenientes de um planejamento coletivo não inclusivo, – cujo recorta e seleciona grupos a serem favorecidos e grupos a serem abolidos da sociedade – durante o desenvolvimento efêmero da cidade, ocasionando a expulsão das prostitutas e a marginalização dessas narrativas. Isto é, apresentando heranças de um discurso higienista que pregava a “limpeza” das cidades, principalmente nas suas áreas centrais, desconstruindo e ressignificando esses espaços, muitas das vezes, de forma violenta e de forma a violentar a permanência da mulher que exerce um papel urbano diferente do convencional na cidade.

DIRETRIZES

DIRETRIZ 1

Expor de forma qualitativa e sensorial como o planejamento urbano das cidades, com foco em Duque de Caxias, desconsidera a prostituição de mulheres como parte urbana ativa local e como o plano diretor descaracteriza as periferias e seus moradores.

DIRETRIZ 2

Contribuir com o fim da expulsão, gentrificação, segregação e exclusão das dinâmicas sociais e urbanas da prostituição nas cidades e em sociedade, proporcionando um conhecimento histórico-cultural do papel da prostituta ao longo dos anos, questionando e estudando os impactos urbanos sensíveis a esses grupos.

DIRETRIZ 3

Desmitificar os reflexos higienistas da sociedade acerca da prostituição e das periferias, propondo visibilidade para essas narrativas socialmente marginalizadas, além de privilegiar a desconstrução de pensamentos racistas, transfóbicos, – pessoa que possui aversão ou discriminação à pessoas transgênero ou travestis baseada na expressão da sua identidade de gênero – misóginos, sexistas – pessoa que possui a atitude de discriminar ou objetificar sexualmente alguém – e machistas no ambiente público urbano, possuindo como principal personagem desta pesquisa as mulheres, cisgênero ou transgênero, negras, pobres e periféricas.

DIRETRIZ 4

Proporcionar o direito igualitário à cidade entre gêneros, etnias e classes e cultivar a igualdade de acesso para as localidades periféricas.





Foto: MARGOLLES, Teresa.
Título: *Pista de baile del club Ruv*, 2016.

REFERÊNCIA

PRETA, POBRE E PUTA

Diana Helene Ramos

Como referência de pesquisa, embasamento metodológico e de abordagem projetual, parto do princípio da tese de doutorado “Preta, Pobre e Puta”, premiada pelo CAPES em 2016, da professora, arquiteta e urbanista Diana Helene Ramos, onde é tomado como pauta a segregação urbana da prostituta na cidade de Campinas, São Paulo, problematizando o local projetado para a prostituição, o Jardim Itatinga, tendo como seu principal foco a prostituta pobre e preta, mantendo a pesquisa sob a perspectiva de gênero integrando os debates de território, etnia e classe e dissertando, ainda, sobre os impactos do desenvolvimento da localidade. A referência se comunica com a temática desta pesquisa uma vez que se aprofunda nas questões do planejamento urbano com vistas à prostituição e problematiza seu principal personagem, a prostituta negra, pobre e, por muitas das vezes, periférica. Os debates se diferenciam pelo tratamento da localidade onde, na tese, é apresentado um local projetado para a prostituição, sendo essa a questão a ser problematizada ao longo da pesquisa, refletindo os impactos da segregação socioespacial que acompanha a proposta. Porém, neste trabalho, a problematização acontece diante de um desenvolvimento espontâneo da cidade, a periferia, que é tratada como um refúgio e uma resposta à segregação urbana enfrentada por alguns grupos sociais, apresentando-se como um local sem planejamento urbano que abriga narrativas invisibilizadas pelas áreas centrais. A pesquisa premiada se assemelha, ainda, com a abordagem feminista, integrando etnia, classe e território em seus debates e propostas de discussões teóricas.

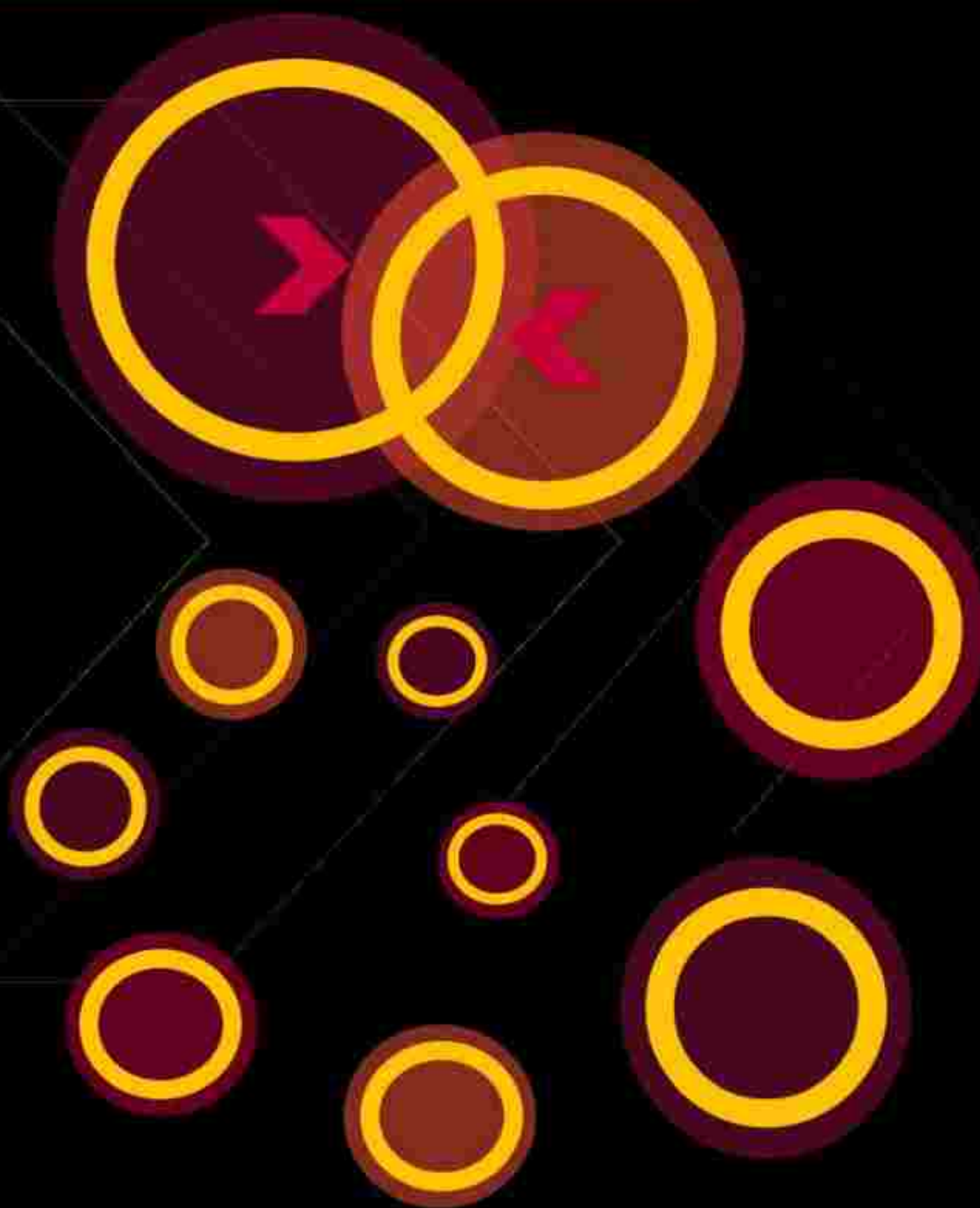




Foto: MARGOLLES, Teresa.
Título: Pista de baile del club Las Vegas, 2016.

CAPÍTULO I

A ATUAÇÃO DA MULHER NO ESPAÇO PÚBLICO





Foto: MARGOLLES, Teresa.
Título: *Pista de baile del club Eduardo's*, 2016.

A ATUAÇÃO DA MULHER NO ESPAÇO PÚBLICO

Ainda que consideremos os espaços públicos urbanos os grandes protagonistas da cidade, as suas garantias plenas de uso, ocupação e apropriação não são asseguradas de forma democrática entre seus usuários, transformando-o, muitas das vezes, no possível antagonista da cena proposta. Os espaços públicos são vistos pelo modo como seus usuários em potencial se apropriam ou não desses espaços. As formas de apropriação se relacionam diretamente com os aspectos socioculturais pregados de geração em geração ao longo da história da cultura nacional e internacional, onde Calió (1997, p. 07) aponta as formas de apropriação do espaço como uma releitura indireta do urbano patriarcal. Os aspectos influenciadores apresentam uma compreensão urbana altamente sexista, revelando diferenças e desigualdades que resultam em limites de acesso generificados e segregação socioespacial nos territórios públicos. As contradições sociais de gênero acabam estruturando o modo de pensar o espaço urbano, hierarquizando ou desqualificando experiências urbanas válidas de visões variadas que nem sempre são as que ganham notoriedade.

Historicamente, a mulher foi atrelada ao espaço privado, ressaltando a sua hipotética natureza de cuidar e procriar, deixando-a em uma condição submissa ao homem (Martins, 2005). Logo, foi construído um planejamento urbano sem a presença das mulheres e, conseqüentemente, sem a perspectiva e participação feminina, deixando invisível a sua atuação pública. A partir daí, podemos refletir o papel da mulher no espaço público urbano onde o seu ponto de vista dificilmente é pensando e, quando é, a mulher ainda é sujeita a propostas de problemáticas voltadas apenas ao seu papel de mãe ou dona de casa.

Por volta de 1970, as teorias feministas ganham uma maior visibilidade social e, segundo Zirbel (2017, p. 20), as mulheres passam a reivindicar a equidade dos seus direitos e lutar contra a discriminação sexual, trazendo mudanças de paradigmas e problematizando o papel universal de molde do homem branco e heterossexual, além de protestar contra a ditadura militar e a censura que se instalava na época, como demonstrado na figura 02. Com os efeitos do movimento, surgem novas formas variadas de concepção de pontos de vista, principalmente em espaços públicos, dando voz e margem para outros movimentos sociais de apoio. Assim, é proposto um cenário onde a mulher começa a ocupar seu lugar de direito na sociedade em âmbito social e urbano, trazendo representatividade feminina nos setores públicos e desmistificando a sua relação encarcerada com os espaços privados.

Figura 02 – Atrizes Eva Tudor, Tônia Carrero, Eva Vilma, Leila Diniz, Odete Lara e Norma Benguel, protestam contra a censura, em 1968.

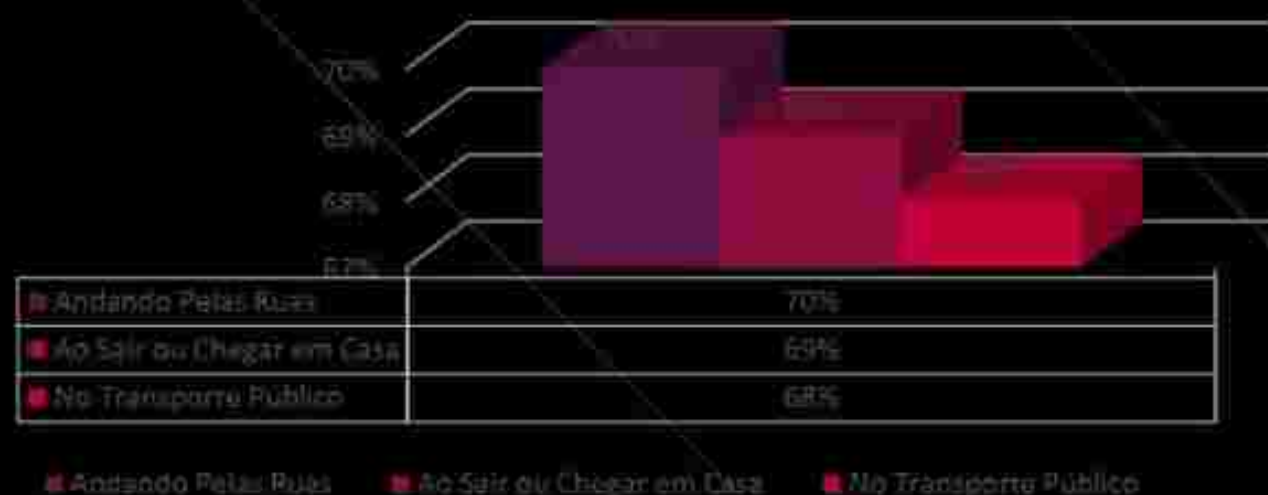


FONTE: Jornal Brasil.

Uma vez que a cidade começa a se caracterizar pela personalidade das experiências vividas, colocando, assim, em segundo plano aonde tais experiências são vivenciadas, a questão social inserida, ainda que indiretamente, no espaço público é tomada como o novo personagem principal na hora de repensar cidade. Neste novo cenário, a valorização do espaço urbano vai além da massa construída, da infraestrutura, dos mobiliários e do aprimoramento dos aspectos físicos de composição de praças, parques e ruas, é proposto o enaltecimento da vitalidade da cidade, apresentando como o seu ponto focal a sociabilidade e as experiências sensoriais no ambiente urbano sem distinção entre seus usuários (Jacobs, 1961). As ruas, as praças e os parques são os espaços públicos que mais ganham foco diante de debates urbanos pela carga de envolvimento social que os acompanham e por serem os elementos primitivos da cidade tradicional, sendo os primeiros a serem alvo de percepções públicas – trazendo experiências desconhecidas, sendo elas negativas ou positivas para o usuário – diretamente ligadas com o âmbito privado – onde ocorrem experiências consolidadas e confortáveis para o usuário.

A ATUAÇÃO DA MULHER NO ESPAÇO PÚBLICO

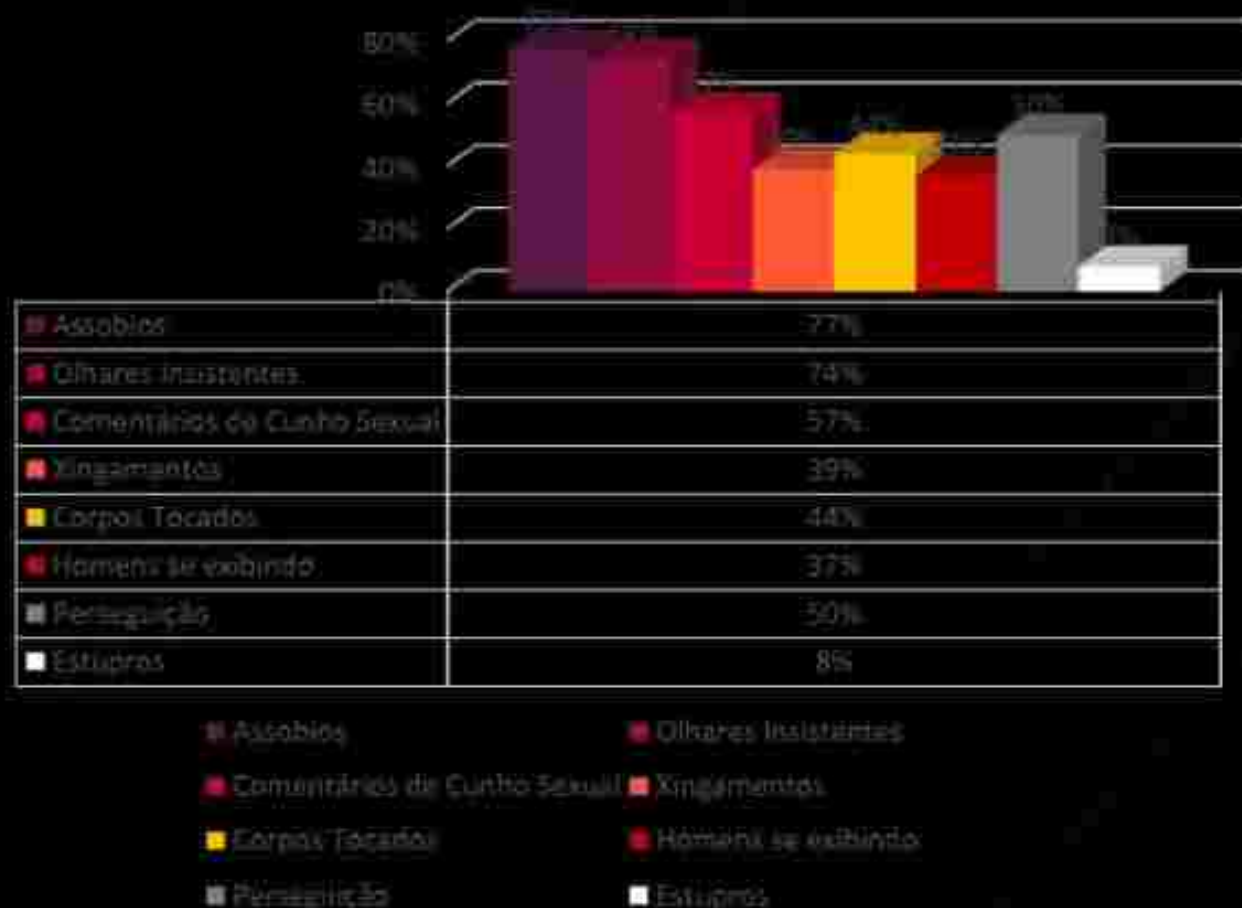
Figura 03 - Lugares Tendenciosos ao Assédio no Brasil.



FONTE: Agência Brasil, 2016.

As ruas são os primeiros pontos de acesso na cidade e, também, o primeiro local de contato social e urbano, onde a sua premissa apresenta-se como um local de conexão, transição e, até mesmo, de encontros. Nos dados estatísticos da Figura 03, é perceptível o quanto o gênero feminino ainda é reprimido quando exposto no espaço público, tendo como o maior palco do assédio as ruas, o único local público inevitável de ser evitado e, consequentemente, com a maior carga de insegurança apontada pelas mulheres, onde são expostas incessantemente ao assédio sexual, verbal e até criminoso. E mesmo quando o assédio é exposto, não é garantido a segurança da vítima e, muito menos, que a penalidade ao agressor seja cumprida, construindo um cenário de amedrontamento ainda maior para a mulher, mesmo que estejamos respaldadas de forma legislativa, ainda que ofuscada e, muitas das vezes, falha.

Figura 04 - Tipos de Assédio Sofrido no Brasil.



FONTE: Agência Brasil, 2016.

Na estatística apresentada na Figura 04, conseguimos identificar os tipos de assédio sofrido pelas mulheres em que, alguns, ainda são considerados cortejos em situações em que a mulher deveria ficar lisonjeada, diminuindo assim a voz da feminina, deslegitimando-a, enquanto releva atos ofensivos dos homens e trata com eufemismo o assédio ocorrido no país. Logo, o assédio sem contato físico acaba sendo normalizado e, até mesmo, romantizado pela sociedade e aparece representado como os maiores índices de atos ocorridos, sendo representados por assobios, olhares insistentes e comentários de cunho sexual.

Assumindo que os espaços públicos possuem o poder de causar impactos, tanto positivos quanto negativos, na cidade e na sociedade que os utiliza, ao invés de seguirmos estruturando e encorajando as localidades que não acolhem e, geralmente, intimidam as mulheres, a expandirem, deveríamos refletir sobre as características dos lugares que as emancipam e que proporcionam a autonomia urbana necessária colocada em pauta nas lutas feministas até os dias de hoje. A meta se estabelece na valorização e no reconhecimento de usos e usuários diversificados nos espaços públicos, mantendo a ideia central de que esses lugares precisam atender e atrair a população de forma homogênea, auxiliando o florescimento da diversidade derivada – termo citado por Jacobs (1961, p. 115), onde enfatiza o uso principal dos espaços como um objeto diversificado e democrático e reintera que o consumo e produção urbana voltada apenas para um determinado público é insuficiente e inapropriado.

CAPÍTULO II

A HISTÓRIA DA PROSTITUIÇÃO NO BRASIL





A HISTÓRIA DA PROSTITUIÇÃO NO BRASIL

1594

A IGREJA PEDE PARA QUE MULHERES LUSITANAS FOSSEM MANDADAS AO BRASIL PARA QUE SE CASASSEM COM OS COLONOS

1641

AS ESCRAVAS SE PROSTITUÍAM PARA SUSTENTAR SEUS SENHORES COM TRAJES QUE MOSTRASSEM O CORPO

1775-1782

AS CASAS DE PROSTITUIÇÃO COMEÇAM A SE EXPANDIR NAS ÁREAS DE PASSAGEM OBRIGATÓRIA AO REDOR DAS MINAS DE OURO

1808

PROSTITUTAS DOS AÇORES E DA FRANÇA CHEGAVAM AO BRASIL PARA "ENOBRECER" A PROSTITUIÇÃO

1845

AS PROSTITUTAS FORAM DIVIDIDAS PELA SOCIEDADE EM TRÊS CLASSES: AS ARISTOCRATAS, AS DE RÓTULA E AS DE ESCÓRIA

1890

AS OPORTUNIDADES DE EMPREGO SE TORNAM ESCASSAS, DEIXANDO A PROSTITUIÇÃO COMO REFÚGIO

A necessidade de dar um passo atrás na história para compreender as dinâmicas atuais da prostituição nas cidades acaba sendo indispensável. "A profissão mais antiga do mundo" carrega consigo diversos estigmas ao longo de seu histórico cultural e segue em processos de resistência desde o período do Brasil colônia. De acordo com Cavour (2011, p. 15), esses estigmas se dividem desde a estruturação do Estado patriarcal até os debates sobre a hostilidade social aplicadas sobre grupos desfavorecidos da seguinte forma: Em 1594, a igreja, preocupada com a grande crescente da miscigenação, fruto de estupros das mulheres indígenas pelos colonos, pediu para que mulheres brancas fossem mandadas ao Brasil. Foram enviadas, então, órfãs, criminosas e prostitutas para que se casassem com os colonos e povoassem o país com o mesmo sangue lusitano e colonizador.

No ano de 1641, as escravas se prostituíam, obrigadas, para sustentar seus senhores; e quando não conseguiam clientes eram punidas e ameaçadas, tratadas como rebeldes e insubordinadas. Nessa época as prostitutas negras usavam trajes que mostrassem o corpo para chamar a atenção dos homens, enquanto as brancas se vestiam normalmente com suas vestimentas típicas da época.

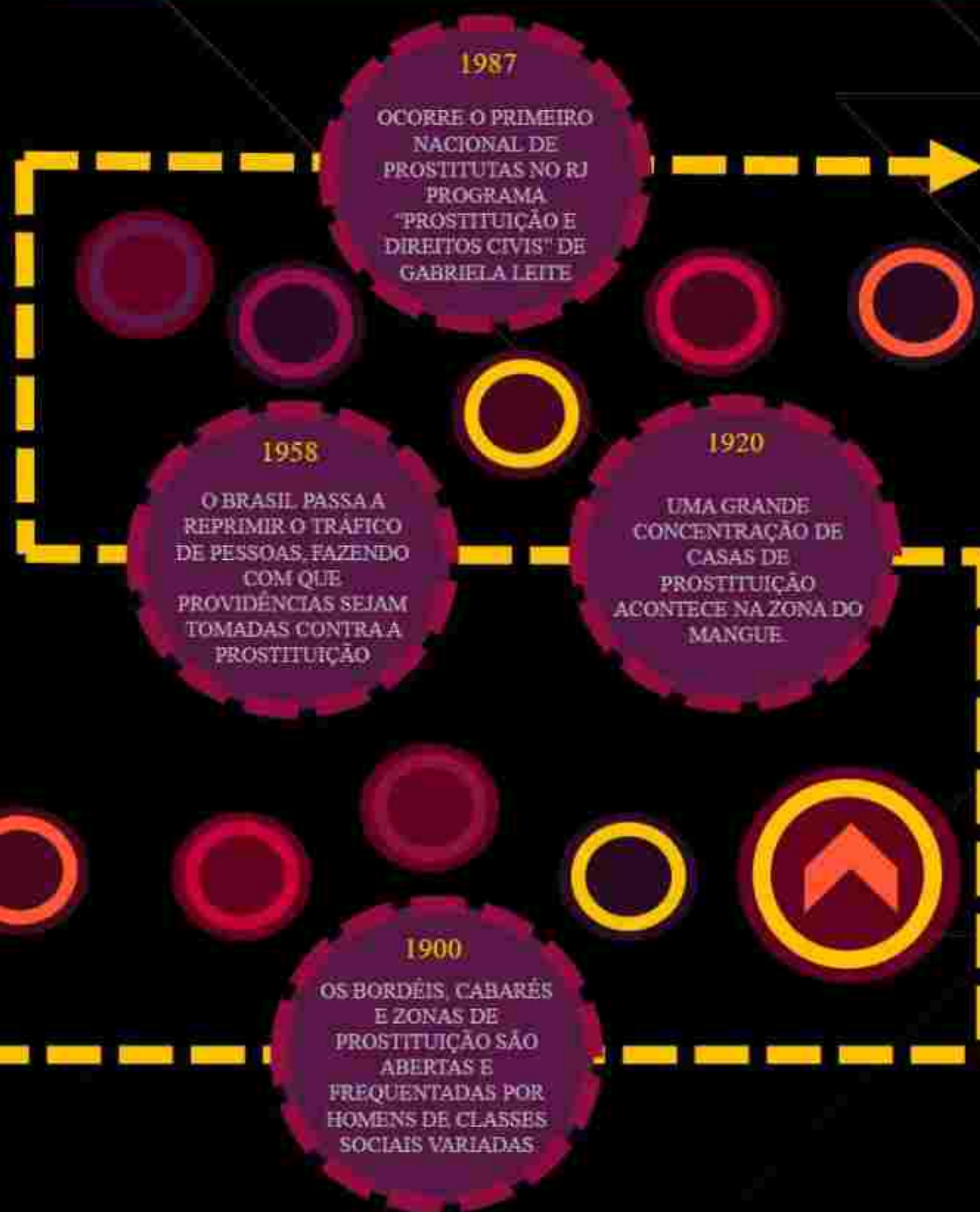
Entre os anos de 1775 a 1782, as casas de prostituição começam a se expandir pela cidade, principalmente em áreas de passagem obrigatória ao redor das minas de ouro, item de grande procura da época, localizadas, geralmente, em São Paulo e Cuiabá.

Em 1808, com a chegada de Dom João VI ao Rio de Janeiro, prostitutas dos Açores e da França chegavam ao Brasil para "enobrecer" a prostituição da região.

Já em 1845, as prostitutas foram divididas pela sociedade em três classes: as aristocratas ou de sobrado, onde se trabalhava em belíssimas residências burguesas; as de "sobradinho" ou de rótula, onde trabalhavam em hotéis ou casas de costureiras, e deram início à prostituição ao longo das ruas das cidades, esperando seus clientes em praças, mercados e avenidas movimentadas; e as de escória, moradoras de casebres, mucambos ou cortiços que faziam do seu próprio local de moradia, seu local de trabalho.

Por volta de 1890, as oportunidades de emprego se tornam escassas e a sobrevivência da mulher, principalmente da mulher negra e periférica, se torna um desafio, deixando a prostituição como um local de refúgio econômico. Nesta altura da história, as prostitutas eram mulheres libertas, escravas, livres, brasileiras e estrangeiras.

A HISTÓRIA DA PROSTITUIÇÃO NO BRASIL



Em 1900 os bordeis, cabarés e zonas de prostituição são abertas e frequentadas por homens de classes sociais variadas, onde seu funcionamento se dá a partir de códigos, leis e práticas próprias. A partir de 1920, uma grande concentração de casas de prostituição acontece na zona do mangue, localizada no Rio de Janeiro, estruturando, posteriormente, a reconhecida Vila Mimosa.

Em 1958, o Brasil passa a ser um país influenciado por um movimento político e social que promovia leis que defendiam a população negra e que lutavam pelo fim da escravidão, onde, segundo De Menezes (2009, p. 84), incluía os negros em sociedade de forma não espontânea, mas, sim, dirigida. A assinatura da Convenção de Lake Success é ratificada e é, finalmente, reprimido o tráfico de pessoas, fazendo com que providências sejam tomadas contra a prostituição.

Já em 1987, ocorre o primeiro encontro nacional de prostitutas no Rio de Janeiro pelo programa "Prostituição e Direitos Civis" coordenado por Gabriela Leite, dando margem a diversos outros movimentos de resistência, valorização, empoderamento e de busca pelos direitos das prostitutas ao longo dos próximos anos.

Desde o princípio podemos perceber o quanto a diversidade era expelida pelo homem branco colonizador, onde, apesar de abusar e ter filhos com mulheres indígenas, não conseguiam considerá-las dignas de um casamento ou maior envolvimento pessoal, já reforçando a cultura machista e racista em que estamos inseridos até os dias de hoje. Logo em uma outra fase, já podemos relacionar a objetificação da mulher negra em relação a mulher branca, principalmente enquanto prostituta, como um objeto de destaque ao longo da história e do desdobramento da prostituição. Os recortes de classe também estão diretamente ligados a uma hierarquização do valor feminino na época. As mulheres periféricas, e geralmente negras, eram desvalorizadas, marginalizadas e inseridas em um contexto de degradação em que o cenário da prostituição acabava sendo o único admitido, propondo-as acolhimento e sobrevivência econômica independente. Muitos desses estigmas se tornaram cicatrizes históricas que geraram uma repercussão dos conceitos sociais de prostituição e da prostituta, principalmente se o trabalho sexual ocorre de forma expostas em ruas e avenidas de destaque nos espaços públicos urbanos. A dialética inserida do ato de prostituir-se segue em profundo debate, inserindo as problemáticas de direitos das prostitutas, de reconhecimento da prostituição enquanto profissão, de insegurança e saúde, tornando o assunto um item quase que censurado em sociedade (Cavour, 2011).

CAPÍTULO III

O IDEAL HIGIENISTA





Foto: MARGOLLES, Teresa.
Título: *Pista de baile del club Rodarte*, 2016.

O IDEAL HIGIENISTA

Juntamente com a libertação dos escravos e a grande fase de industrialização brasileira no final do século XIX, de acordo com Denaldi (2003, p. 09), a necessidade de emprego e empregados aumentava nas áreas centrais das cidades em desenvolvimento. As mudanças de caráter econômico e político na sociedade também tiveram a sua parcela de influência e transição no âmbito urbano. Com a fomentação do círculo empregatício, a necessidade de empregados se tornou inevitável, assim como a exposição da carência de moradias, de infraestrutura e de um planejamento urbanístico adequado que comportasse a incidência numerosa de migrantes para as áreas centrais, uma vez que esses novos trabalhadores precisavam estar próximos dos seus locais de trabalho. A aglomeração da classe trabalhadora culminou na superpopulação dessas áreas e, conseqüentemente, na construção de casas improvisadas, cortiços e “cabeças de porco”, além da proliferação de surtos epidêmicos de algumas doenças vitais como tuberculose e febre amarela, acrescentando, também, as estatísticas de mortes inseridas nestes locais insalubres (Costa, 2013). Logo, os fatores desfavoráveis nas esferas da saúde, da segurança e da higiene foram atribuídos aos pobres que, em sua maioria, atendiam ao perfil do homem ou da mulher negra previamente marginalizados e excluídos. Porém, essa concentração da classe operária nos grandes centros em constante evolução urbana e econômica e o grande impacto negativo na saúde, já

que a incidência de desconformidade social só aumentava, tornou a manutenção desses grupos nas áreas de focais de produção um agente danoso para o poder público da época, resultando num pensamento de higienização desses espaços urbanos ocupados (Valladares, 2000). O movimento higienista surgiu entre os séculos XIX e XX exaltando os conceitos de ordem e consciência sanitária. Além de trazer o ideal utópico de cidade sadia à público, o movimento se respaldava por teorias e tratados de higiene. Segundo Costa (2013, p. 52), a limpeza se revia era exigida, tanto nos aspectos físicos, quanto nos aspectos sociais, considerando o espaço urbano como local de perigo para a população. Diante desses discursos, foram propostos diversos meios de combater este espaço nocivo, como medidas a serem adotadas na infraestrutura, higienização dos meios físicos de contato público, ampla ventilação nos espaços fechados e, por fim, a reorganização dos espaços urbanos. Uma redistribuição socioespacial da classe operária foi proposta, desviando-a dos centros com foco de desenvolvimento econômico, social e urbano. A reestruturação desses espaços não aconteceu a partir de uma abordagem pacífica, e, como demonstra Costa (2016, p. 40), o bota-abaixo de cortiços, vilas operárias e cabeças de porco, exemplificado na figura 05, ocorria, muitas das vezes, de forma negligente com população residente.



O IDEAL HIGIENISTA

Figura 05 – Processo de Bota-Abaixo dos Cortiços no Rio de Janeiro.



FONTE: AGCRJ Bota-abixo.

Como consequência do impacto socioespacial de gentrificação desses grupos, locais com distanciamento das áreas centrais, sem atenção política e sem acesso à infraestrutura foram sendo ocupados de forma irregular pela população expulsa, criando-se, assim, as favelas. Segundo Valladares (2000, p. 19), ao longo do tempo, as favelas se tornaram um produto de refúgio e morada para os seus residentes e, ao mesmo tempo, um problema a ser administrado para o governo. A ressignificação das áreas afetadas pela limpeza ríspida do higienismo ocasionou um processo de elitização e supervalorização dos centros urbanos diante da construção de um pensamento segregacionista e utópico (Costa e Arguelles, 2008). Consequentemente, este processo culminou na criação do significado de “fortaleza” inserido no discurso periférico, atingindo esferas culturais e sociais de autoproteção, empoderamento e resiliência.

Os reflexos do movimento higienista conservam-se até os dias de hoje, de forma pulsante e direta, porém, absorvendo outras denominações como divergência. A força de trabalho surge como um elemento de divisão urbana e social importante nos processos de gentrificação. A classe trabalhadora ainda está inserida, majoritariamente, em zonas periféricas da cidade que seguem sem atenção política e com escasso acesso à infraestrutura pública, encontrando-se abandonadas pelo poder governamental e em posição inferior às regiões globalizadas (Ribeiro, 2017). O desenvolvimento discrepante do interesse governamental nas áreas centrais expande a ascensão da população elitizada e invisibiliza a população segregada das periferias, reforçando as relações conceituais que associam a classe pobre e negra com a insalubridade.

CAPÍTULO IV

PROCESSOS DE GENTRIFICAÇÃO E SEGREGAÇÃO URBANA





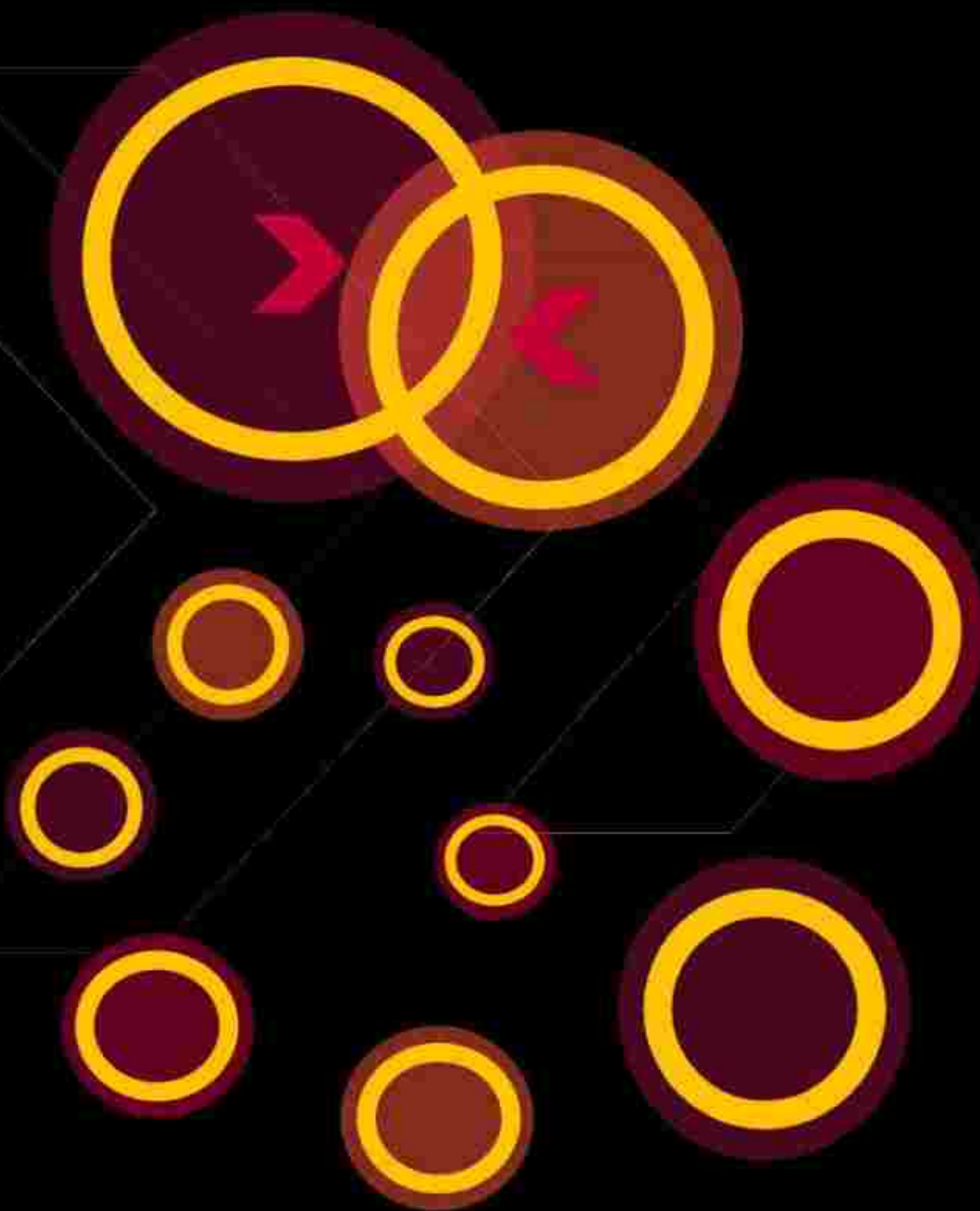
Foto: MARGOLLES, Teresa.
Título: *Pista de baile del club Centro Lagunero*, 2016.

PROCESSOS DE GENTRIFICAÇÃO E SEGREGAÇÃO URBANA

O DIREITO À CIDADE DO ARQUITETO E URBANISTA

Muitos debates acerca do direito à cidade são inconclusivos quando apontamos práticas urbanas invisíveis ou, até mesmo, marginais, que não são viabilizadas no planejamento urbanístico concebido pelo profissional de arquitetura e urbanismo. Uma vez que a herança higienista sacrifica vivências não convencionais na cidade, algumas necessidades humanas individuais são restringidas a uma homogeneidade monótona diante de uma abordagem cotidiana rasa e preestabelecida. As urgências cotidianas sociais de um indivíduo estão diretamente associadas aos atos já experimentados em sociedade, sendo eles: o de conviver e se comunicar, em amplitude ideológica e em aspectos de prudência e segurança; o de se movimentar, tanto em relação ao ato de trabalhar, quanto ao direito de ir e vir; o de se isolar, de forma independente ou criteriosa; o de conhecer, estudar e se informar sobre particularidades específicas; o de consumir, desde o consumo de produtos até o consumo de energia; e o de estar passível aos imprevistos diários, abrangendo as possibilidades de tocar, ouvir, ver, degustar e sentir (Lefebvre, 2001). No entanto, muitas das vezes, essas necessidades não são observadas dentro de um planejamento urbano conforme a distinção dos seus usuários e localidades, revelando uma imaturidade urbana inserida nos planejamentos e projetos aplicados nas cidades. Este cenário pode acabar contribuído com uma seleção de grupos e locais particulares que adquirem o privilégio de exercer suas vivências cotidianas em estado pleno.

Ainda em concordância com o discurso de Lefebvre (2001, p. 112), a desconsideração da cidade como um objeto efêmero de estudo social dentro da arquitetura e do urbanismo, inclina-se à utopia de conceituação de cidade idealizada ou cidade modelo que assombra a irrefutável espontaneidade urbana atemporal. O conceito de idealização demonstra, também, a fragilidade contida nas convicções de um imaginário padronizado e fictício, afastando-se cada vez mais da realidade das práticas sociais cotidianas indeferidas dentro das propostas de planejamento urbanístico. Diante dos fatos, o pensamento esperado em sociedade é uma resposta aos conceitos utópicos de cidade, correspondendo ao atual planejamento urbano, ou seja, segregando e invisibilizando grupos sociais diante dos processos públicos de gentrificação. Além disso, atuando, também, por meio dos projetos de revitalização e urbanização seletiva que apenas beneficia a classe de maior interesse político e econômico, tornando o que era um direito à cidade, agora um dever público que necessita ser cumprido.

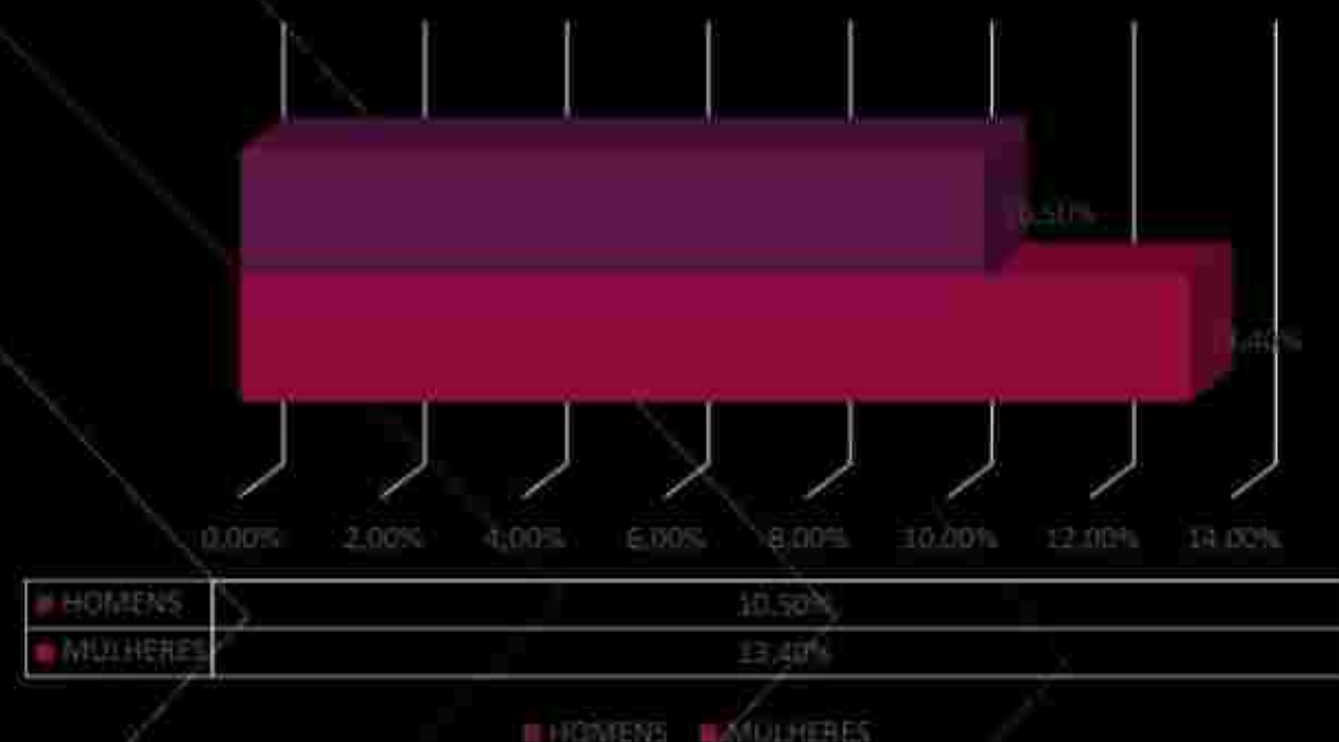


PROCESSOS DE GENTRIFICAÇÃO E SEGREGAÇÃO URBANA

CIDADE, GÊNERO, CLASSE E ETNIA

A partir do entendimento dos processos de gentrificação, muitas das vezes intencionalmente provocados, é justificável associar a segregação socioespacial de grupos marginalizados com este processo. Logo, é possível relacionar os debates de gênero, território, etnia e classe à esta exclusão, uma vez que a protagonista da pauta de restrição urbana, em ampla escala, é a mulher negra, pobre e periférica. Quando acrescentamos todos esses fatores socioculturais de uma realidade imprópria à imagem de um cenário urbano utópico, é possível enumerar vários outros impactos prejudiciais aplicados à esses grupos, possuindo como o seu principal ponto de foco, as oportunidades de emprego e o serviço informal. As narrativas invisíveis, porém, presentes na cidade, uma vez rejeitadas em sociedade, tendem a procurar meios de sobrevivência e acolhimento em lugares igualmente vulneráveis e excluídos dos centros urbanos. Assim como explica Tavares (2007, p. 13), já inserindo o debate de vulnerabilidade no contexto do território Fluminense: “Além disso, é concluído que o processo de vulnerabilidade traduzido na radicalização da segregação sócio-espacial (que contribui para que a dualização centro-periferia) seja marcante para o entendimento dos espaços periféricos, como é o caso da Baixada Fluminense”. Ou seja, a vulnerabilidade social está relacionada com os processos de periferização das cidades. Logo, as áreas periféricas acabam se tornando o lar dessas narrativas e das ocupações marginais, que acabam virando o único meio viável de renda e, até mesmo, de reconhecimento social. Diante de um embasamento teórico, previamente discutido e fundamentado no contexto histórico-cultural do decorrer da presença da mulher nos espaços públicos urbanos, podemos assimilar a sua invisibilidade no âmbito empregatício, ocupando, ainda, pequenos espaços em vagas de emprego e assumindo, cada vez mais, funções secundárias, como podemos constatar nos gráficos a seguir.

Figura 06 – Perfil da Desocupação ou Desemprego no Brasil.

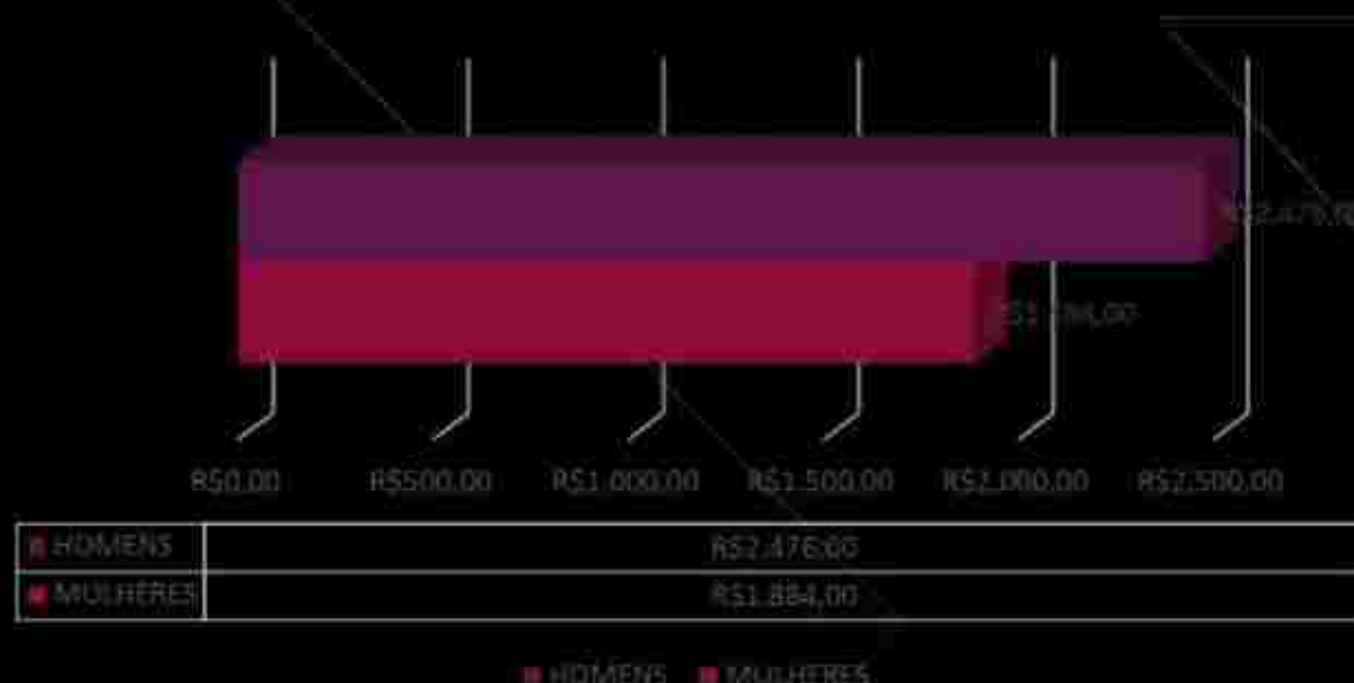


FONTE: PNAD IBGE, 2017.

Na figura 06, podemos observar que o desemprego apresenta-se de forma mais representada pelo gênero feminino, possivelmente herdando os atributos socioculturais empregados ao longo dos anos. Logo, os papéis invisíveis em sociedade atuam diante de uma personificação feminina, já que, muitas das vezes, a mulher não consegue a sua independência financeira e o seu reconhecimento pessoal pelos meios formais de emprego. Este cenário com escassez de oportunidades, deixam as mulheres sujeitas à desigualdade salarial, depreciação das suas qualidades e méritos e, até mesmo, assédio moral e sexual dentro do ambiente de trabalho. Para Teixeira (2008, p. 38) o principal obstáculo para a igualdade salarial são os reflexos históricos em que os homens são os encarregados do salário familiar e as mulheres dos serviços domésticos. Por isso, uma vez que as mulheres ocuparem os postos de trabalho considerados masculinos, estariam contribuindo para reduzir o salário familiar. Além disso, Teixeira (2008, p. 39) ressalta também que a segregação profissional possui importantes implicações para o descompasso salarial entre homens e mulheres, assim como por oportunidades de promoção no mercado de trabalho.

PROCESSOS DE GENTRIFICAÇÃO E SEGREGAÇÃO URBANA

Figura 07 – Rendimento Efetivo Mensal Médio Segundo Gênero no Brasil.



FONTE: PNAD IBGE, 2017.

Figura 08 – Rendimento Efetivo Mensal Médio Segundo Etnia no Brasil.



FONTE: PNAD IBGE, 2017.

Já refletindo o desemprego e a desocupação classificada por gênero na figura 06, podemos identificar a realidade econômica a partir de um recorte ainda mais aprofundado, incluindo a ótica de distinção das etnias no debate. Interpreta-se, em conjunto com a interpretação da figura 07 e da figura 08, que a mulher negra tem o perfil econômico mais prejudicado, enquanto, no topo do privilégio de renda, está o homem branco. Logo, as dinâmicas e hierarquias sociais do poder econômico são expostas, onde, primeiramente, sofre-se um recorte de etnias e, em sequência, de gênero, fazendo com que o maior público em situação de desemprego, desocupação ou desvalorização profissional seja a mulher negra.

Assumindo o cenário em que a mulher é socialmente prejudicada na esfera profissional, meios de obtenção de lucro próprio passam a ser adotados. Assim, caminhos de formalidade social, ou seja, ocupações declaradas como atividades marginais e suscetíveis à reprovação em massa, são tratadas como opção de renda. Logo, a prostituição surge para a mulher como um refúgio econômico, de acolhimento e reconhecimento, que supre as necessidades urgentes e apresenta-se como um meio de atividade profissional, ainda que informal, de amparo financeiro, como demonstrado na figura 09.

Figura 09 – Alternativas de Renda na Prostituição no Brasil.

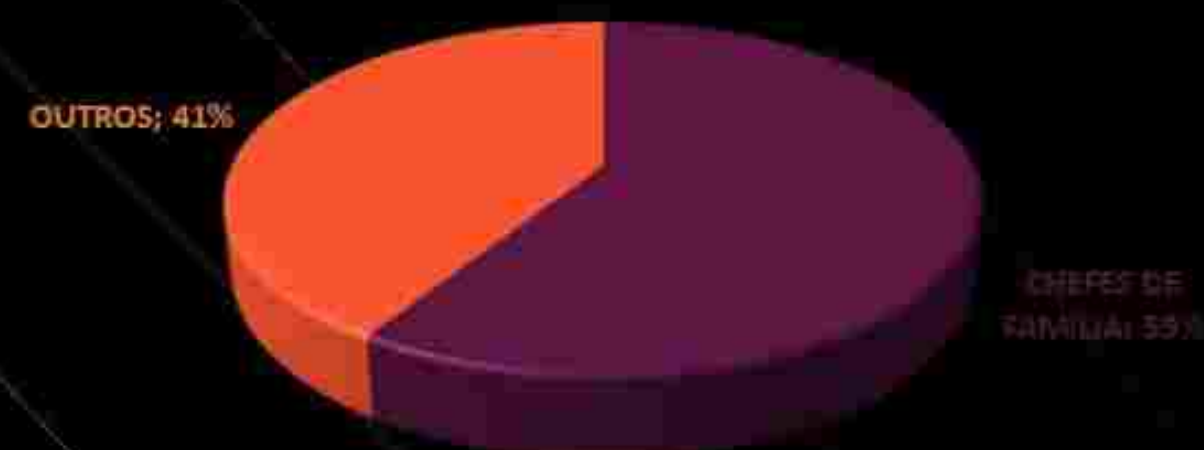


FONTE: Portal G1, 2015.

PROCESSOS DE GENTRIFICAÇÃO E SEGREGAÇÃO URBANA

A procura por meios rápidos e eficazes de sustento próprio e de terceiros se intensifica quando a mulher assume o papel de chefe familiar. A necessidade de sustentar, não só a si mesma, como o resto de sua família, acaba tratando a prostituição como um lugar de segurança financeira, incentivando a sua independência, conforme a figura 10. Segundo Cisne e Gurgel (2008, p.88, apud MÉSZAROS, 2002) muitas mulheres se encontram em empregos precarizados para conseguir garantir as mínimas condições de sobrevivência para a sua família. Contudo, além do papel de líder familiar, em certas ocasiões, a mulher quer apenas se livrar de uma determinada situação doméstica ou se desvincular de algum outro aspecto particular, onde ela não encontra formas de sair desta conjuntura, recorrendo, assim, à prostituição para alcançar a sua emancipação social e a autonomia de sua liberdade, como exemplificado na figura a seguir.

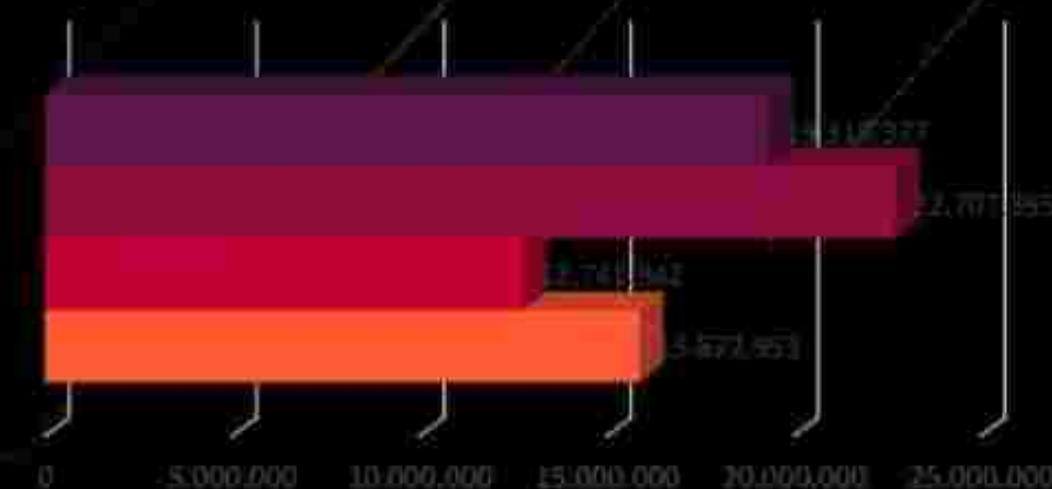
Figura 10 – Chefes de Família Inseridos na Prostituição Brasileira.



FONTE: Portal G1, 2015.

Quando nos referimos às oportunidades de renda nacional, o quadro profissional da mulher negra se agrava ainda mais diante do julgamento da sociedade, trazendo questões de descriminalização social. Apesar dos reflexos históricos e culturais em que as famílias deveriam, supostamente, ser chefiadas por homens, o número de mulheres chefiando famílias no Brasil, principalmente as mulheres negras, é abundante, como ilustrado na figura 11, tornando a busca por emprego externo se torna ainda mais necessária.

Figura 11 – Distribuição de Chefes de Família por Gênero e Etnia no Brasil.



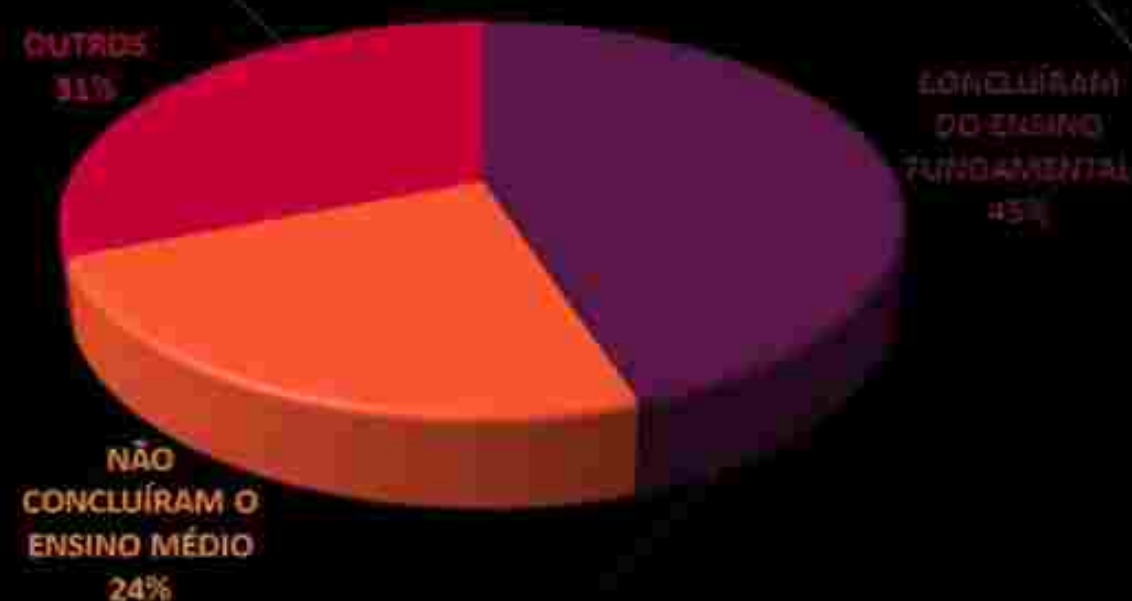
■ HOMENS BRANCOS	19.315.377
■ HOMENS NEGROS	22.707.395
■ MULHERES BRANCAS	12.741.842
■ MULHERES NEGRAS	15.872.453

■ HOMENS BRANCOS ■ HOMENS NEGROS ■ MULHERES BRANCAS ■ MULHERES NEGRAS

FONTE: PNAD IBGE, 2017.

PROCESSOS DE GENTRIFICAÇÃO E SEGREGAÇÃO URBANA

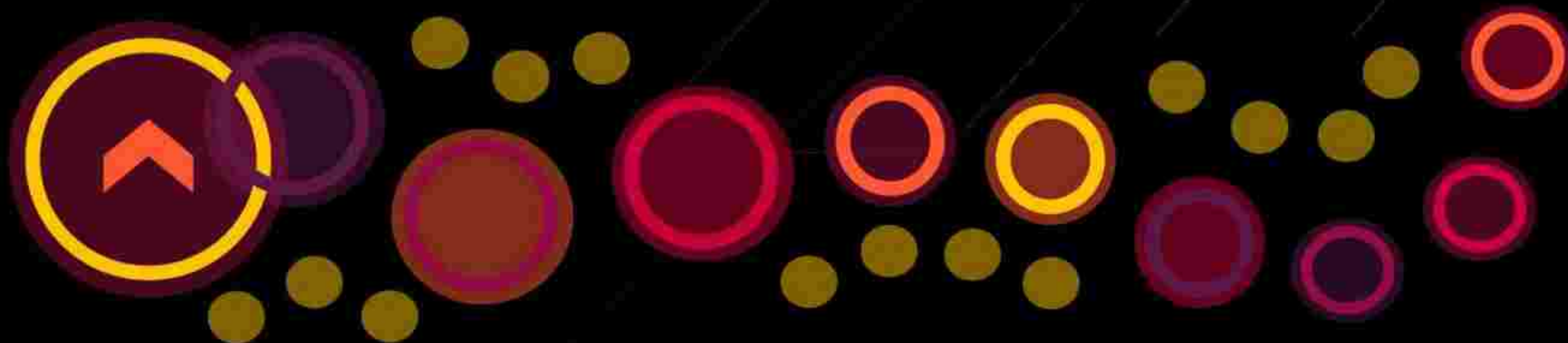
Figura 12 – Escolaridade Média das Prostitutas no Brasil.

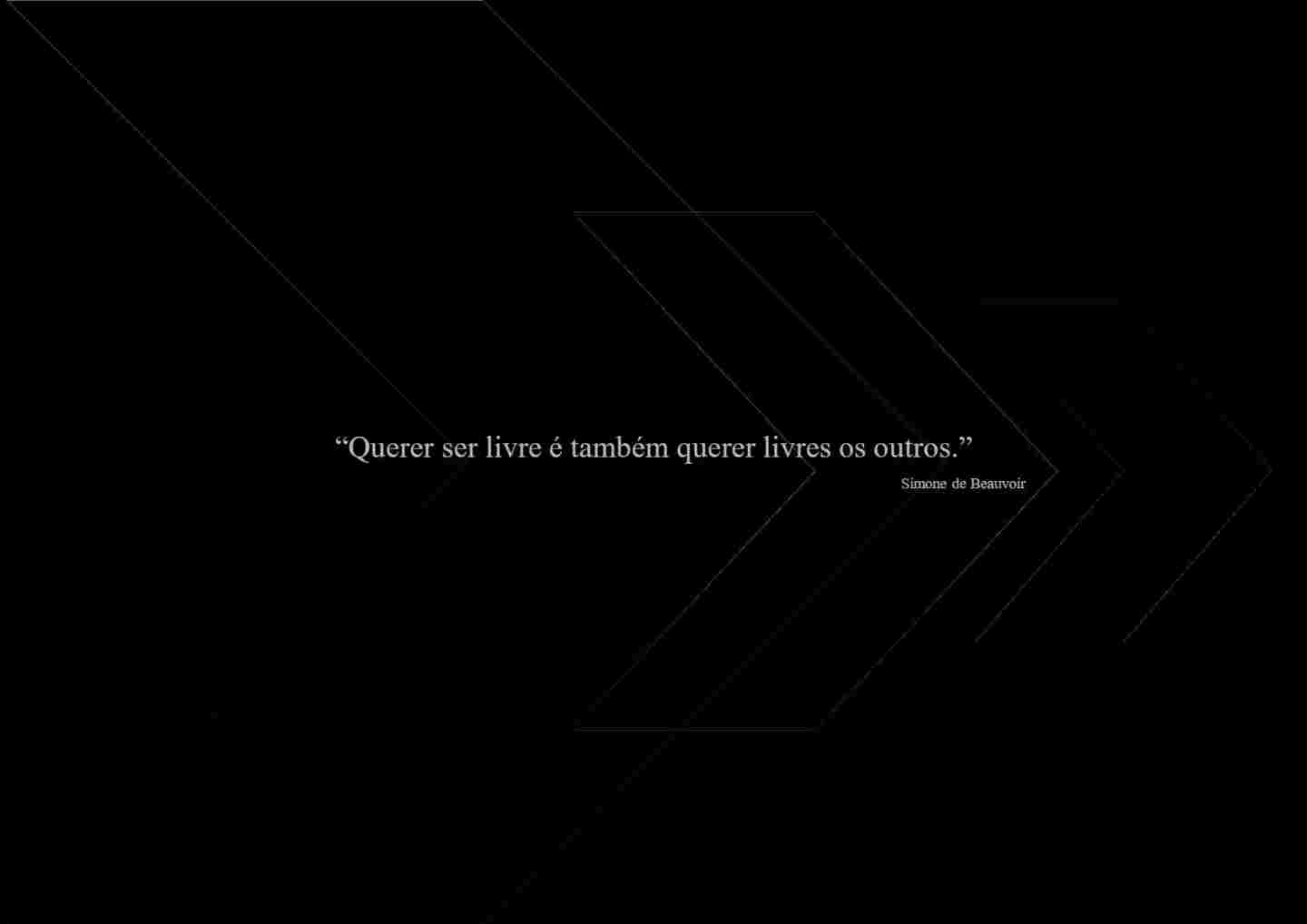


FONTE: Portal G1, 2015.

Além de ser uma consequência na construção social, racista e misógina, empregada ao longo dos anos no Brasil, a falta de recursos profissionalizantes impedem que essas mulheres assumam vagas de trabalho formais na sociedade, deixando-as ainda mais coagidas e inclinadas a recorrer à prostituição como fonte de renda. Na figura 12, é exemplificado o nível de escolaridade média das prostitutas no Brasil, fomentando os debates de acesso igualitário à educação.

A narrativa construída acima é formulada a partir da falta de oportunidades primárias de estudo e educação necessárias e, em teoria, obrigatoriamente fornecida pelo governo. Porém, estes recursos nem sempre não são atribuídos a esses grupos sociais, tanto por fatores histórico-culturais, como também pelos aspectos de segregação socioespacial em que a população periférica se encontra. O ambiente periférico se apresenta às margens das grandes centralidades e das oportunidades de estudo e emprego e, igualmente, às margens do governo e de um planejamento urbano verdadeiramente eficaz. A carência de uma proposta urbanística inclusiva e de acesso fluido para as periferias, se mostra cada vez mais prejudicial para estas localidades e para os seus protagonistas, a mulher e o homem negro, deixando a perspectiva da mulher negra, ainda mais, em segundo plano e fazendo com que ela busque meios informais de sustento e amparo social para conquistar a sua autonomia pública.





“Querer ser livre é também querer livres os outros.”

Simone de Beauvoir

CAPÍTULO V

A PROSTITUTA PERIFÉRICA COMO OBJETO HISTÓRICO-CULTURAL





Foto: MARGOLLES, Teresa.
Título: *Pista de baile del club Nancy's*, 2016.

A PROSTITUTA PERIFÉRICA COMO OBJETO HISTÓRICO—CULTURAL

O ato de reconhecer a mulher em papéis não convencionais do dia a dia nos espaços urbanos ainda é uma dificuldade para a sociedade que insiste em se fundamentar nos conceitos tradicionais que circunscrevem uma postura categorizada como “feminina”. Existem muitas questões acerca da caracterização da feminilidade, onde seus significados se afastam cada vez mais dos aspectos biológicos e se inserem em discursos estereotipados sobre a real imagem social que uma mulher deveria passar ao próximo. Segundo Beraldo (2014, p. 02) a feminilidade está diretamente ligada à imagem idealizada de mulher em uma sociedade regida pela cultura patriarcal. Delicadeza, fragilidade, beleza e sensibilidade são alguns dos atributos impostos às “mulheres femininas”, padrão sistemático e de contraposição ao perfil viril, aventureiro, forte e destemido atribuído à masculinidade. Ainda conforme a explicação de Beraldo (2014, p. 02 apud BOURDIEU, 2003), diante das características apresentadas anteriormente, a feminilidade é a arte de “se fazer pequena”, implicando na pauta das lutas feministas. Estes conceitos reforçam os ideais arcaicos empregados ao longo da história onde o homem é o dominador do espaço público e o provedor do espaço privado, e a mulher apenas exerce seu papel de cuidar, servir e reproduzir, em posição subordinada ao homem. Porém, quando o ideal social de “feminilidade” não é atingido por uma mulher ou, ainda, quando nem mesmo se tem o propósito de atingi-lo, novos estereótipos são construídos a respeito desta despadronização inevitável do papel feminino, visto que não existe um parâmetro que balize as razões para essa atribuição trivial de rótulos injustificados aos gêneros, ocasionando repúdio a tudo que é divergente. As heranças do período de “Caça às Bruxas” são perceptíveis diante deste manifesto misógino de repulsa às mulheres que não cumprem um padrão previamente estabelecido pela supremacia masculina. De acordo com Federici (2009, p. 202), as mulheres bruxas eram acusadas de ser pouco razoáveis, vaidosas, selvagens, esbanjadoras. A imagem feminina era culpável e considerada um instrumento de insubordinação. Porém, as principais vilãs eram dadas como a esposa desobediente, a mulher “desbocada”, a “bruxa” e a “puta”, que eram o alvo favorito dos moralistas da época. Logo, é reconhecível a abordagem intimidadora com que eram tratadas as mulheres, fazendo com que fosse demonizada qualquer atitude que fugisse do modelo imposto e exigido.

Figura 13 – Gabriela Leite, ex prostituta e criadora da marca Daspu, da ONG Davida e da Rede Brasileira de Prostitutas.

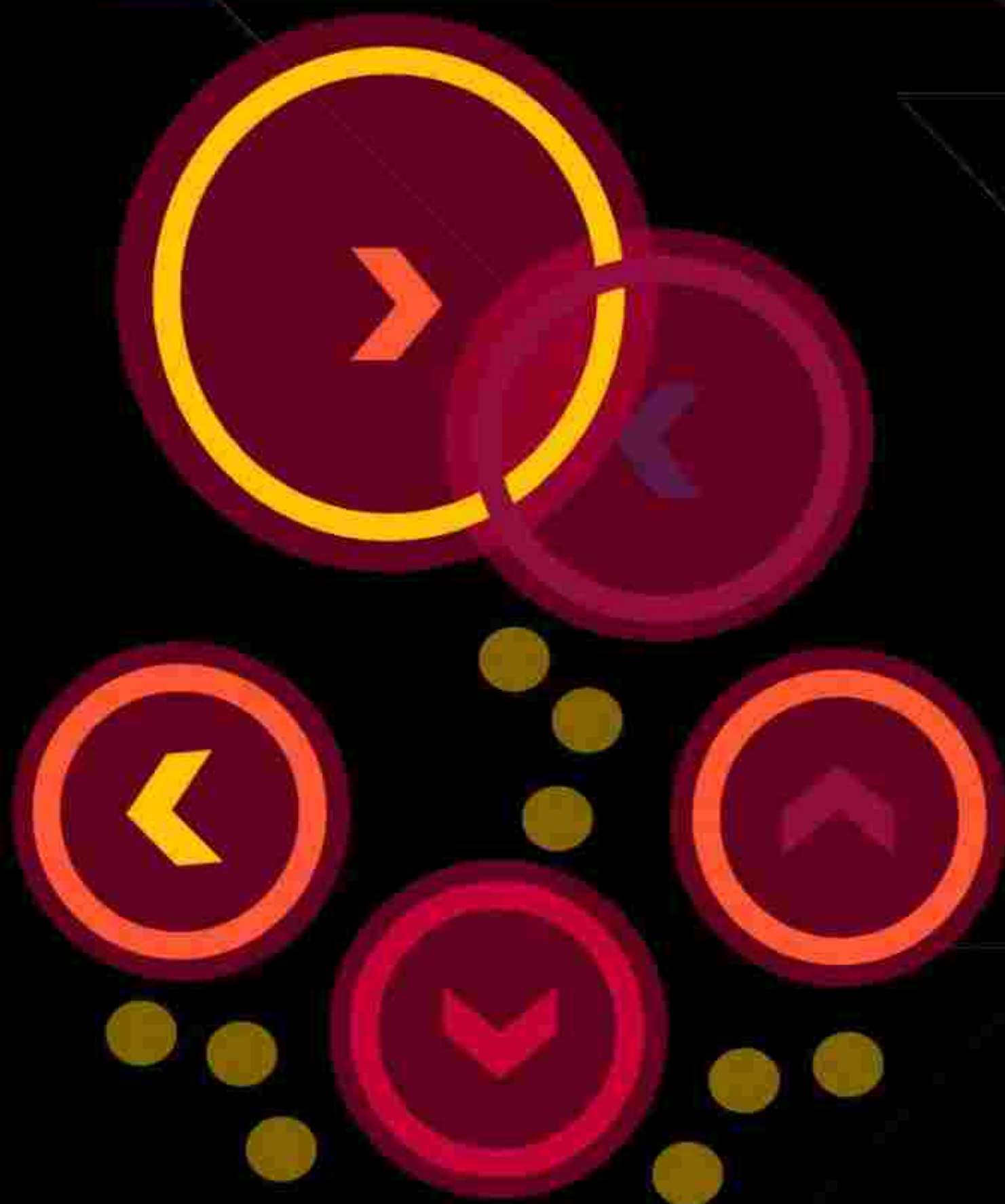


FONTE: Diálogos Políticos

A PROSTITUTA PERIFÉRICA COMO OBJETO HISTÓRICO—CULTURAL

No entanto, a partir do momento em que as mulheres, encorajadas pelo movimento feminista, insistiram na sua independência econômica e social e acreditaram no propósito dos seus próprios desejos, passaram a atravessar as fronteiras da discriminação e a assumir papéis variados no espaço urbano.

Visto que novos papéis femininos se autoproclamavam na sociedade, foram criadas novas perspectivas, pelo sistema patriarcal, do que ainda poderia ser aceito ou não dentro da atuação enquanto mulher feminina. Comumente, estar relacionada ao desejo sexual, à libido ou, até mesmo, desenvolver quaisquer atributos referente ao sexo, se tornou um ato de luxúria entre as mulheres, posto que a atuação viril e ativa dentro do âmbito sexual era a atribuição mais imutável conferido ao homem e à sua masculinidade intangível. A prostituição se apresentou como uma das vertentes dos papéis urbanos assumidos pelas mulheres recém-emancipadas e, uma vez que essa atuação estava relacionada à sexualidade, a abominação desses grupos foi inflexível e autoritária, excluindo e segregando-as de tudo o que fazia parte das dinâmicas operantes na cidade. Logo, estas mulheres foram sujeitas ao desamparo social e ao desprezo urbano inclinado à uma representação invisível. Quando o personagem principal deste discurso é a mulher negra, pobre e periférica, o investimento da intolerância pode ser ainda mais hostil e danoso, sendo potencializado e suprimido pela aliança aristocrata social. Porém, a dissimulação empregada no empenho de mascarar a prostituição, principalmente a periférica, no espaço urbano é nítida. A sociedade escolhe fechar os olhos para um enredo real, ativo e operante nas cidades. O histórico em comum do cenário atual da prostituição e da periferia é de resistência diante de um planejamento urbano não inclusivo que, além de não refletir sobre a diversidade de atuação urbana das mulheres, não comporta, não acolhe e não propõe políticas públicas aos grupos intencionalmente marginalizados, deixando-os à margem do contexto urbanístico efetivo. Além da reivindicação do seu devido lugar nas cidades, do esforço por reconhecimento enquanto profissão e da busca por direitos relacionados à segurança, saúde e atividade pública, a prostituta periférica demanda uma visibilidade urbana que desmistifique os estigmas que acompanham a atividade ao longo da história. Estas narrativas buscam meios efetivos que rompam os estereótipos acerca da prostituição, desmarginalizando e inserindo-as em sociedade, já amparadas por direitos, assistência social e compreensão urbana.



CAPÍTULO VI

O CONTRASTE URBANO EM DUQUE DE CAXIAS E A RESISTÊNCIA DAS PERIFERIAS





Foto: MARGOLLES, Teresa.
Título: Pista de baile del club Hollywood, 2016.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL E URBANA DA BAIXADA FLUMINENSE

Após a ampliação dos impactos higienistas na sociedade e o impulsionamento das obras de embelezamento e revalorização urbana nos centros da cidade, resultando na gentrificação e na segregação socioespacial de grupos sociais marginalizados, o aumento da atividade fabril no Rio de Janeiro causou a ocupação acelerada das áreas periféricas e dos subúrbios. A criação de vilas operárias acabou se intensificando devido a demanda de pessoas com a necessidade de trabalhar, porém, ainda sem condições de adquirir uma residência própria que fosse próxima ao emprego. Com o crescimento desordenado da população trabalhista originária e dos migrantes de estados variados do Brasil a procura de ascensão financeira, entre 1906 e 1930, os limites do tecido urbano do Rio de Janeiro são rompidos e começam a se expandir de forma tentacular para além das fronteiras, dando início a estruturação física, social e urbana da Baixada Fluminense dentro do espaço tipicamente carioca (Abreu, 2006), como ilustrado no mapa da figura 14.

Segundo Abreu (1997, p. 78), uma vez que a Baixada se torna parcialmente saneada, as apropriações territoriais começaram a se concretizar e disseminar majoritariamente em São João de Meriti, Nilópolis e Duque de Caxias que, inicialmente, eram distritos do Município de Iguaçu, que era exclusivamente rural e já se localizava em uma área mais afastada da capital estadual, decorrente da propagação populacional difusa. Posteriormente, o município se dividiu, tornando-se apenas Nova Iguaçu, emancipando seus três distritos, tornando-as as novas cidades da Baixada, de forma conveniente a atender a demanda da população fluminense que se despertava. Portanto, em 1931, Duque de Caxias tornara-se um município independente, herdando o desdobramento urbano tipicamente rural em suas glebas, assim como São João de Meriti, que eram vendidas como laranjais. O período se caracterizou como uma época de grande expansão notável do Rio de Janeiro. De um lado, ocupava-se as regiões sul e norte pelas classe média e alta, comandada e organizada pelo estado e por grandes companhias públicas e, do outro lado, ocorria uma ocupação periférica dos subúrbios cariocas e fluminenses, solidificando-se como o lar do proletariado que se manteve numa crescente numérica populacional sem qualquer apoio governamental ou dos serviços públicos, construindo a sua evolução urbana com a ausência de benefícios urbanísticos.

Figura 14 – Mapa de Estudo do Rio de Janeiro – Baixada Fluminense.



O CONTRASTE URBANO EM DUQUE DE CAXIAS E A RESISTÊNCIA DAS PERIFERIAS

De acordo com Simões (2006, p. 73), visto que ocorria a valorização da área central do município, criou-se um padrão de segregação que deslocava a classe pobre dos centros para o entorno das linhas férreas ou favelas, fazendo com que a valorização do capital imobiliário nascesse. A composição efetiva dos subúrbios do período se desenvolveu descontroladamente de forma a não abranger o traçado urbano, fazendo com que planos urbanísticos fossem propostos em escala estatal, promovendo medidas de combate à informalidade. Um dos planos que se tornaram reconhecidos, porém, que não chegou a ser implementado, foi o Plano Agache, uma tentativa desesperada de controlar o desenvolvimento acelerado e periférico do traçado urbano dos subúrbios durante o governo de Antônio da Silva Prado Júnior e das classes dominantes da República Velha. O plano, conforme explica Abreu (1997, p. 82), propunha uma visão monumental para a região central e para a região oceânica do Rio de Janeiro, que possuíam a população mais abastada do local, a partir de reformas de ordem e embelezamento dos espaços segundo seus critérios de funcionalidade, subdividindo o centro da cidade em áreas funcionalmente específicas. Porém, o processo de criação monumental do Rio de Janeiro exigia um número grande de desapropriações da população de baixa renda que, ainda, resistia nas áreas centrais após aos desmontes e bota-abaxos da Reforma Passos – proposta feita por Francisco Pereira Passos, com conceitos sanitaristas e inspirações na reforma feita em Paris no séculos XIX – o que não fazia parte do planejamento urbano majestoso de Agache, onde, o mesmo, considerava as favelas, resultantes da periferização carioca expansiva, um problema social e estético, apresentando em seu planejamento uma única solução, a sua erradicação total. O julgamento severo de Agache com as favelas, partia do princípio de que seus assentamentos eram cômodos em relação à extensão do restante da cidade, onde se mantinham em vantagem, localizados nas áreas centrais, ou seja, perto dos seus trabalhos, mesmo que em situação insalubre, caracterizando-a como uma deficiência urbana a ser combatida. O comentário feito na época reflete os conceitos sanitaristas aplicados e defendidos com firmeza pelas classes dominantes, além de expor todo o movimento social empregado até a atualidade, conforme demonstrado no livro de Abreu (1987, p. 89):



“Construídas contra todos os preceitos da hygiene, sem canalizações d’água, sem esgotos, sem serviços de limpeza pública, sem ordem, com material heteróclito, as favelas constituem um perigo permanente de incêndio e infecções epidêmicas para todos os bairros através dos quaes se infiltram. A sua lepra suja a vizinhança das praias e os bairros mais graciosamente dotados pela natureza, desde os morros do seu enfeite verdejante e corrói até as margens da mata da encosta das serras... (A sua destruição é importante) não só sob o ponto de vista da ordem social e da segurança, como sob o ponto de vista da hygiene geral da cidade, sem falar da esthetica.”

(Alfred Hubert Donat Agache)

O CONTRASTE URBANO EM DUQUE DE CAXIAS E A RESISTÊNCIA DAS PERIFERIAS

À medida que a população pobre era afastada dos centros urbanos, a residência do proletariado se via cada vez mais longe da força de trabalho, transformando os novos assentamentos informais e as áreas da Baixada Fluminense em cidades-dormitório (Morais, 2016). Já que a expansão periférica não foi acompanhada da melhoria do transporte coletivo em massa, principalmente o transporte ferroviário. A contradição urbana se revelou, então, na separação dos trabalhadores em relação aos seus locais de trabalho, exigindo um deslocamento maior da classe trabalhadora até as áreas centrais e demonstrando o redirecionamento proposital desses grupos sociais para longe da demanda de serviços e com uma distância consideravelmente extensa das regiões de valorização pública. Os terrenos recém-ocupados pelas favelas não atendiam aos critérios de reconhecimento da indústria imobiliária, uma vez que os territórios de relevância no meio seguiam uma padronização plana, enquanto as periferias subiam os morros, desvalorizando estas ocupações. No entanto, segundo Simões (2006, p. 68), após o período de grande expansão urbana no Rio de Janeiro e decorrente da necessidade da população de baixa renda de se manter na proximidade dos meios de transporte público para se manterem em situação ativa de trabalho, com as primeiras ferrovias, surgem, também, as primeiras ocupações suburbanas no entorno das estações e ferrovias, mesmo sem a geração de urbanização no local. Com o reconhecimento de uma nova massa periférica formulando-se, logo os estabelecimentos fabris saíram das áreas centrais, deslocando-se para o subúrbio e sendo substituído, prontamente, por novas indústrias, o que culminou, pela primeira vez nos planejamentos municipais, as iniciativas de definição de zonas industriais na cidade.

O conceito de “periferia” adotado ao longo desta pesquisa será referente, não só ao seu significado primitivo de circunferência ou adjacência de algum lugar, como também assumirá um conceito de um desenvolvimento espontâneo, afastado e marginal em relação às grandes potências dos centros urbanos, onde, geralmente, abriga-se a população de baixa renda. Logo, o conceito de periferia em relação à expansão urbana demonstra-se muito mais atrelado à escala territorial do que a estruturação espacial, como exemplifica Tessari (2013, p. 30-31):

“As dinâmicas socioespaciais presentes no espaço das aglomerações urbanas favorecem a produção de um crescimento urbano disperso e periférico resultando, em alguns casos, em um sistema urbano conurbado que extrapola os limites territoriais administrativos e redefine a escala urbano-regional. Essas interações provenientes de ações econômicas e sociais expressam a dinâmica do sistema de acumulação determinando a forma de produção e a modificação do espaço construído. Assim, a dinâmica da expansão urbana pode ser compreendida a partir de dois prismas: o da escala da cidade e o da escala regional. O primeiro, relativo à escala da cidade, é utilizado para assinalar a criação de novos territórios urbanizados, aos quais correspondem processos de infraestruturação e de reparcelamento de propriedades originalmente não urbanas, e que se traduzem no progressivo crescimento da dimensão das cidades. Já o segundo prisma diz respeito à escala regional e a expansão urbana diz respeito ao fenômeno de crescimento urbano dos aglomerados, ou seja, do alargamento dos perímetros urbanos e ocupação do espaço com o povoamento que, sendo aglomerado em torno de vilas e cidades, pode ser traduzido pelo fenômeno da urbanização do território”

Uma vez que a compreensão de periferia está diretamente ligada à escala territorial, podemos entender como uma região periférica todo desenvolvimento informal ocorrido a partir de uma grande centralidade urbana. Ou seja, aplicando na localidade trabalhada nesta pesquisa, em uma escala ampliada, a Baixada Fluminense e, conseqüentemente, Duque de Caxias são uma periferia, em escala de cidade, em relação à capital do Rio de Janeiro, o grande centro urbano do estado. Diminuindo a escala de análise. Quando abordamos os bairros Centro e 25 de Agosto na cidade de Duque de Caxias, já conseguimos identificar uma periferia em escala regional. Os bairros citados são as grandes centralidades do município, porém, quando fazemos uma análise em escala reduzida, é possível identificar novas centralidades regionais nestes bairros e, por conseqüência, novas periferias inseridas neste contexto, como a Favela do Lixão e outras áreas que surgiram diante de uma expansão informal em relação à esta nova centralidade em escala regional.

Por fim, ao longo desta pesquisa, serão tratados conceitos de periferia em diferentes escalas conforme o seu território de atuação. Contudo, sem o desmembramento da origem conceitual da palavra, mantendo, enraizados, os significados citados no primeiro momento do capítulo.

A ORGANIZAÇÃO SOCIOESPACIAL DO 1º DISTRITO DE DUQUE DE CAXIAS

Após a emancipação espacial e política de Duque de Caxias, a cidade, derivada da expansão periférica carioca, tornou-se a mais populosa da região, manifestando-se, também, como um dos maiores territórios da Baixada Fluminense. Atualmente, Duque de Caxias é organizada e subdividida em quatro distritos, sendo eles: o 1º Distrito correspondente à Duque de Caxias; o 2º Distrito, correspondente à Campos Eliseos; o 3º Distrito, correspondente à Imbariê; e o 4º Distrito, correspondente à Xerém, como ilustrado no mapa da figura 15. Possuindo o maior foco comercial, cultural e econômico, o 1º Distrito de Duque de Caxias é abastecido de um contraste socioespacial, principalmente nos barros Centro e 25 de Agosto, formalizado a partir do grande desenvolvimento dos centros urbanos e expansão das regiões periféricas. A ampla controvérsia socioespacial do 1º Distrito de Duque de Caxias acaba revelando uma localização circunstancial por meio de seus moradores. Uma vez que as favelas se localizam nas proximidades imediatas do centro e das áreas elitizadas da cidade - devido aos reflexos históricos e geográficos da busca por emprego e infraestrutura - criam-se áreas limites com localizações não-oficiais e relativas que propiciam um favorecimento social para determinada parcela da população. O funcionamento da dinâmica da localização circunstancial da região apresenta-se quando o morador de uma área ou um bairro - que tenha como seus limites uma área periférica e área elitizada - escolhe propagar a sua localização baseada na inserção territorial na área elitizada como forma de não reconhecimento ou não receptividade da área periférica, excluindo-a do seu discurso de localização. Os preceitos antigos de que as favelas são lugares de falta de higiene, cultura e informação ainda permeiam pelo âmbito popular do morador Caxiense, fazendo com que, muitas das vezes, essas localidades sejam suprimidas e escondidas em convivência social, contribuindo para a sua marginalização e segregação espacial.

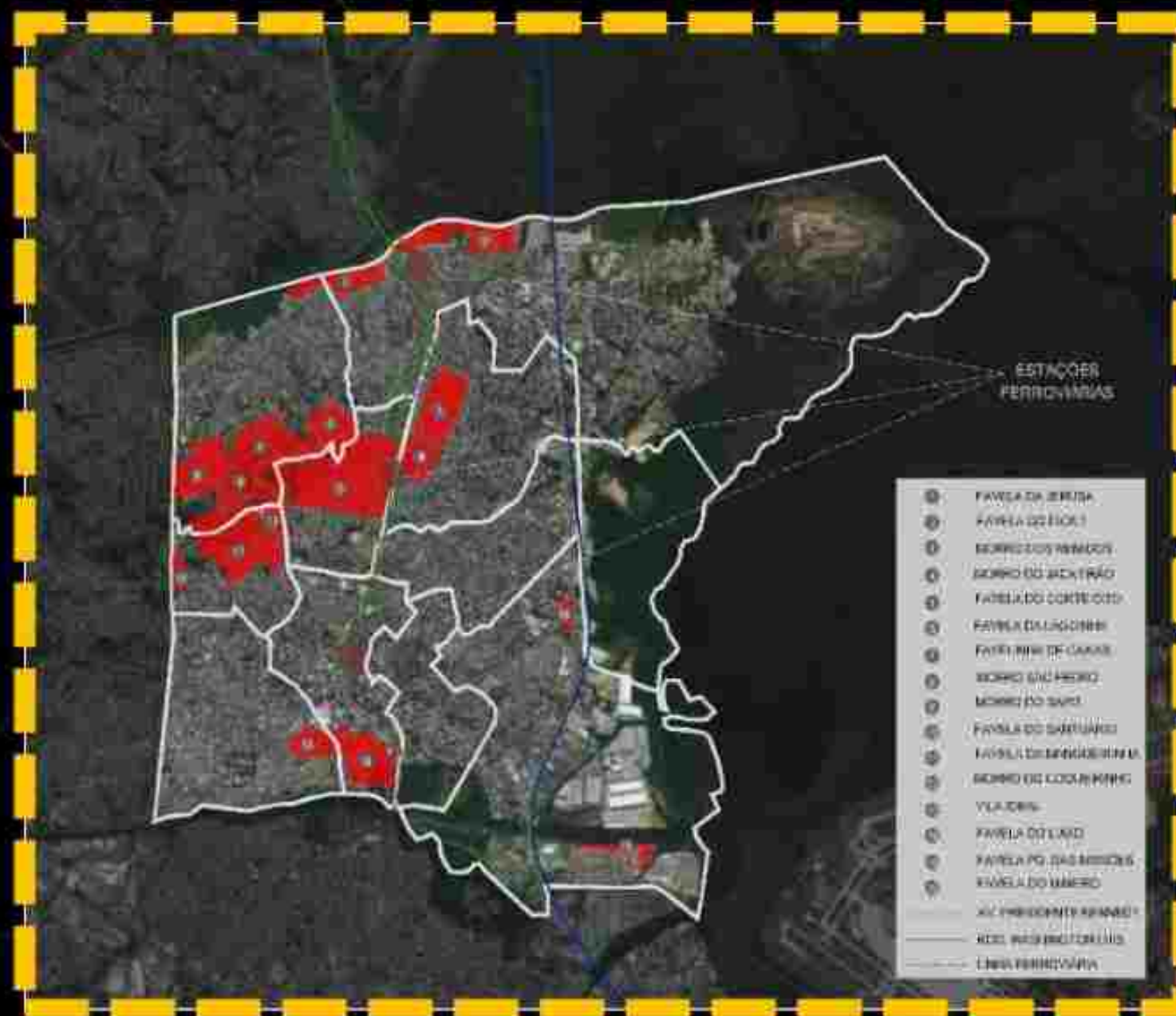
Figura 15 – Mapa de Estudo de Duque de Caxias – 1º Distrito.



Em concordância com as típicas áreas centrais das cidades metropolitanas, o centro de Duque de Caxias e as suas áreas mais abastadas recebem o devido acesso à infraestrutura e equipamentos públicos urbanos, além de se mantêm em áreas planejadas, enaltecendo, assim, o seu valor imobiliário e o seu custo de vida. Este fator acaba inviabilizando cada vez mais a ocupação da população de baixa renda nesses espaços. As favelas localizadas no 1º Distrito, apesar de, em sua maioria, estarem situadas nas proximidades das áreas centrais e pontos nodais, estão, também, inseridas em locais desvalorizados pelo poder público e pela indústria imobiliária. Os assentamentos informais distribuem-se em morros ou grandes relevos, muitas das vezes, com escassez de equipamentos públicos e infraestrutura urbana adequada. Logo, as heranças históricas da comunicação entre centro e periferia mostram-se latentes, revivendo os aspectos sanitaristas. Assim, com a valorização monumental das centralidades, a classe pobre era expulsa desses locais, em que, encontrando-se sem alternativas de moradia, acabava subindo os morros e se apropriando informalmente das terras encontradas.

Os assentamentos informais mapeados acima, no mapa da figura 16, demonstram um sistema de territorialização padronizada. Podemos correlacionar a proximidade dos assentamentos irregulares com as estações de trem e a linha ferroviária e, conseqüentemente, com os pontos de prostituição, visto que sua localização tende a ficar em pontos focais interessantes para a mobilidade urbana. A localização periférica é dispostas nestes locais devido a facilidade de locomoção tanto para o trabalho, quanto para os locais com mais infraestrutura e acesso para o lazer e/ou cultura, inserida na condição de espaço periférico subordinado ao núcleo (Simões, 2006). A seguir, o mapa na figura 17 ilustra algumas informações dos bairros Centro e 25 de Agosto – citados anteriormente pelo destaque em seu desenvolvimento urbano – para uma melhor inserção e ambientalização nas localidades a serem abordadas futuramente ao longo da pesquisa.

Figura 16 – Mapa de Estudo de Assentamentos Informais no 1º Distrito de Duque de Caxias.

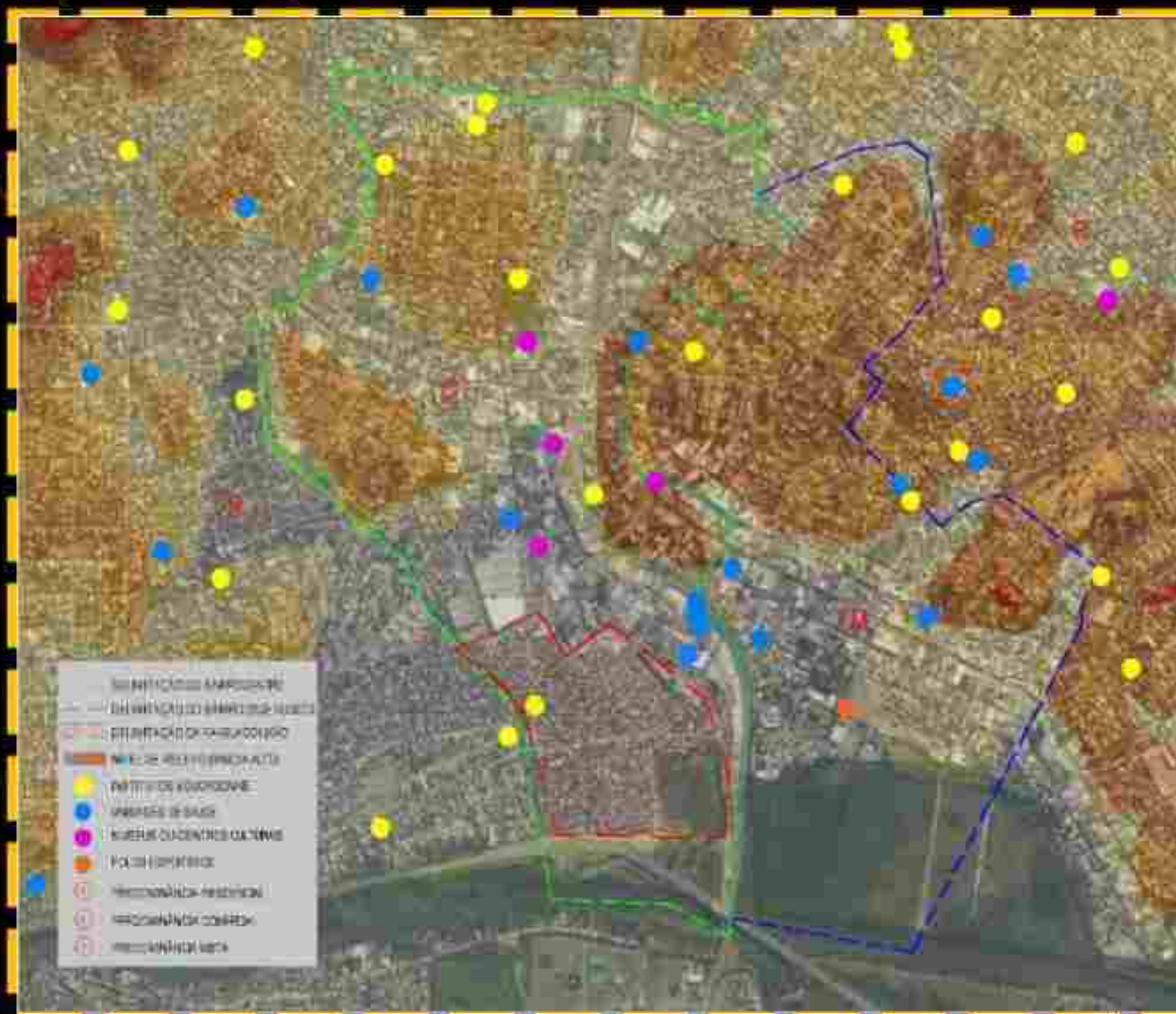


O CONTRASTE URBANO EM DUQUE DE CAXIAS E A RESISTÊNCIA DAS PERIFERIAS

No mapa ao lado, conseguimos identificar uma região abastada da infraestrutura e dos serviços públicos de educação, saúde e lazer, o que não é surpreendente para o centro urbano de uma cidade. A predominância comercial e mista nas edificações da delimitação dos bairros Centro e 25 de Agosto indica, também, que a região é de grande interesse econômico para a cidade. Porém, quando analisamos a delimitação e as extremidades da Favela do Lixão, percebemos a diminuição desses pontos de serviço, além de um traçado muito mais estreito do que o restante do bairro. Estes fatores resultam em consequências para a região que, apesar de se localizar na área planejada do Centro de Duque de Caxias, tem seus reconhecimentos imobiliários desvalorizados.

No entorno da favela mapeada, os equipamentos mais abundantes sinalizados são os institutos educacionais e unidades de saúde, públicos ou particulares e nas proximidades da linha do trem ou das vias principais. Quando procuramos por espaços de esportes, lazer e cultura, a presença desses locais, demonstra-se nas áreas de maior interesse econômico dos bairros centrais de Duque de Caxias, em localidades com edificações de apelo comercial ou misto em suas adjacências e fora da delimitação da favela colocada em foco.

Figura 17 – Mapa de Estudo Informativo dos Bairros Centro e 25 de Agosto.



CAPÍTULO VII

A CORPOGRAFIA DOS ESPAÇOS OPACOS E LUMINOSOS DA CIDADE



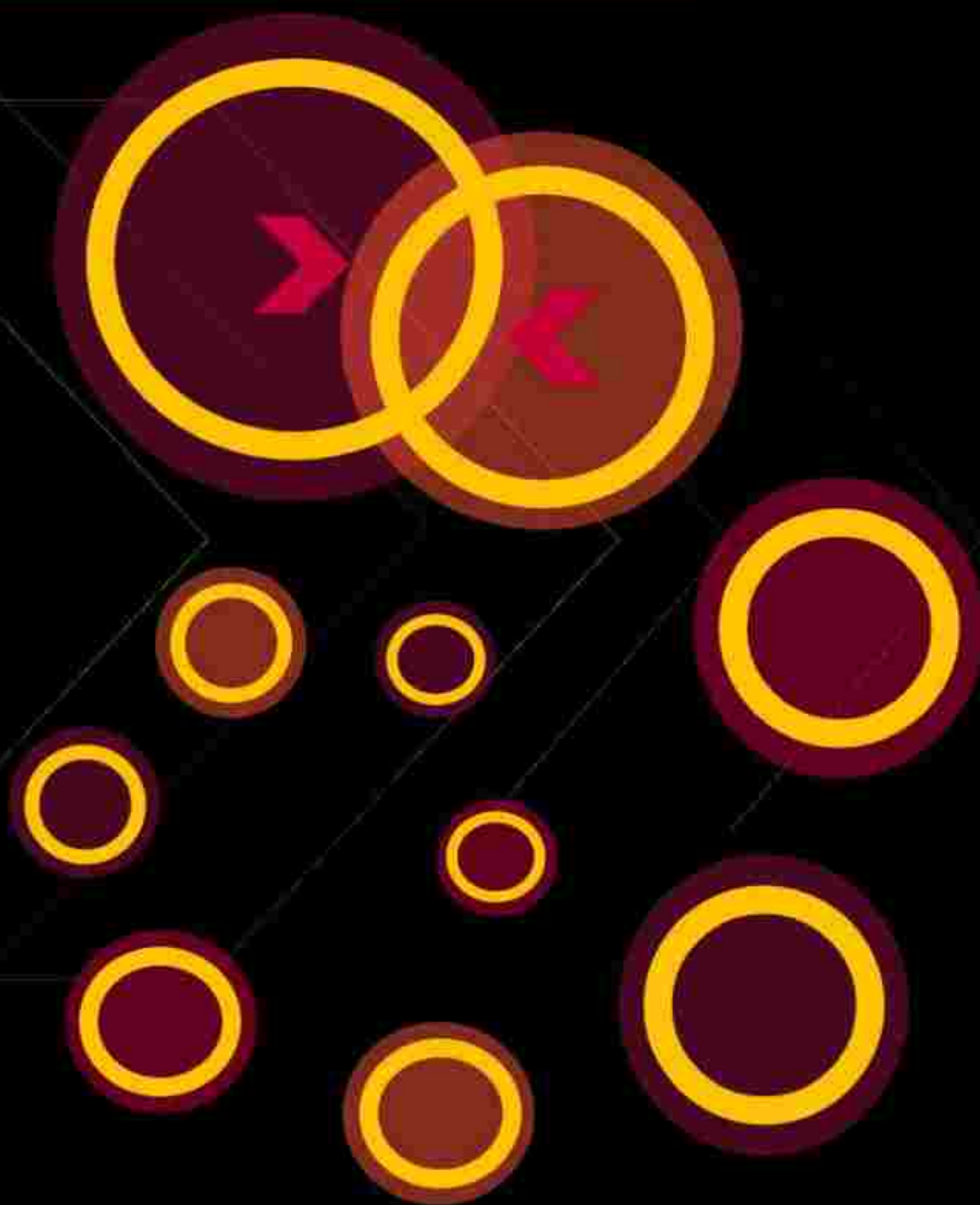


Foto: MARGOLLES, Teresa.
Título: *Pista de baile del club Bombín*, 2016.

A CORPOGRAFIA DOS ESPAÇOS OPACOS E LUMINOSOS DA CIDADE

OS REFLEXOS DE LUZ E SOMBRA

Culturalmente, tudo aquilo que capta luz ou que já é iluminado por si só na cidade, – seja ele um caminho, uma construção, um lugar ou um ornamento – carrega um estigma de apelo acolhedor, convidativo e, até mesmo, celestial em seu contexto, além de refletir significados de clareza, segurança e refúgio apenas pelo fato de ser luminoso. Porém, assim como em uma via de mão dupla, quando falamos de opacidade, obtemos o efeito contrário nos significados, trazendo a alusão de sombra, escuridão e, conseqüentemente, algo mundano ou profano. Logo, uma vez que colocamos a teoria dessas definições conceituais em prática no espaço urbano, obtemos espelhos de contradição na cidade, mesmo se esses lugares caminharem juntos. Segundo Santos (1994, p. 39) e, posteriormente, Ribeiro (2012, p. 67), os espaços opacos acabam se classificando como lugares de sobrevivência, resistência, sacrifício e de pouca importância política e urbana. Em contrapartida, os espaços luminosos são definidos como os locais de interesse da cidade, onde ocorre a valorização e o embelezamento das suas áreas, demonstrando que, ambos, possuem relação de valor com a cidade. Aplicando a compreensão dos conceitos de espaços luminosos e opacos no cenário atual, anteriormente discutido, e ambientalizando a sua análise no 1º Distrito de Duque de Caxias, podemos correlacionar a idealização dos espaços luminosos com as áreas elitizadas da cidade e com os estereótipos dos espaços opacos com as áreas periféricas. Nas localidades elitizadas ocorrem a maior valorização imobiliária e amplo acesso aos recursos e equipamentos públicos, enquanto a região periférica geralmente não possui a visibilidade necessária dentro do planejamento da cidade e não apresentam condições urbanas de acesso e reconhecimento. Essas condições tornam a periferia um local de resistência para a sua população, apesar do processo de periferização ser socialmente adotado como um método de tornar opaco um espaço de ocupação espontânea.



A CORPOGRAFIA DOS ESPAÇOS OPACOS E LUMINOSOS DA CIDADE

Na primeira imagem, feira autônoma, a movimentação de pessoas decorrente do ponto de ônibus e do comércio atrativo local, a sensatez da arborização implementada na praça e a simbologia do Museu Ciência e Vida tornam o lugar dinâmico, energético e urbanisticamente operante com o uso ativo da população, deixando a sensação de luminosidade no ambiente. A localização é ainda mais favorecida pelo seu entorno, onde conta com ruas e calçadas amplas, vegetação eficiente, zelo pela arquitetura e pelas condições de manutenção dos equipamentos públicos, infraestrutura urbana implementada, além de ter proximidade com a Universidade Unigranrio e com outros estabelecimentos de uso e usuários diversificados.

Já na segunda imagem, o local, apesar de localizado no centro de Duque de Caxias, apresenta-se de forma a sugerir a sensação de insegurança e descaso para quem o frequenta. A rua Almirante Tamandaré possui trechos degradados, com acúmulo de lixo e entulhos, pouca elaboração e, até mesmo, desconsideração pela arquitetura atuante. Apresenta, também, grande movimentação de automóveis e escassez de calçadas, além de contar com diversos pontos localizados embaixo de passarelas e viadutos, tornando local, já escurecido pelo uso monocromático das suas fachadas fatigantes, ainda mais opaco. O entorno da localidade é composto por uma contradição urbana onde, em uma extremidade se encontra a Favela do Lixão, e do outro lado, a Praça do Pacificador, local de grande movimentação populacional.

Uma vez com exemplos dos espaços identificados no cenário concedido, conseguimos identificar os protagonistas da opacidade urbana. Inserindo o conceito desses espaços nas áreas periféricas dos bairros Centro e 25 de Agosto, podemos concluir que os elementos que tornam um local opaco diante de um olhar totalitário de cidade, são os espaços estreitos, sem grande diálogo arquitetônico, com condições precárias em seus equipamentos públicos e com ampla área murada ou de sombreamento. Além disso, podemos concluir que seus personagens principais, o homem e a mulher negra, tornam-se os perfis mais afetados pela opacidade dos espaços públicos.

No momento em que correlacionamos as características dos locais opacos com as áreas de prostituição, obtemos, ainda, uma reflexão inserida no discurso que considera, potencialmente, as zonas de prostituição como um elemento de opacidade na cidade. Considerando esses locais como “submundos” dentro da dialética urbana, podemos formular uma observação crítica sobre os reflexos histórico-culturais inseridos na conceituação primitiva dos espaços opacos.

Figura 18 – A Praça Roberto da Silveira, no Bairro 25 de Agosto.



FONTE: Acervo Pessoal.

Figura 19 – Rua Almirante Tamandaré, no bairro Centro.



FONTE: Acervo Pessoal.

MAPA 1 - MAPA DE ESPAÇOS OPACOS E LUMINOSOS x PONTOS DE PROSTITUIÇÃO



LEGENDA

- PONTOS ATIVOS DE PROSTITUIÇÃO DE RUA
- PONTOS ATIVOS DE CASAS DE PROSTITUIÇÃO
- AVENIDAS PRINCIPAIS
- DELIMITAÇÃO DA FAVELA DO LINÃO
- ESPAÇOS OPACOS SANTOS (1944) E RIBEIRO (SIL)
- ESPAÇOS LUMINOSOS SANTOS (1991) E RIBEIRO (2017)
- ◆ ÁREAS DE LAZER
- ◆ INSTITUTOS EDUCACIONAIS
- ◆ UNIDADES DE SAÚDE
- ◆ INSTITUTOS DE POLÍCIA

FIGURA 1



O terminal rodoviário se localiza na Avenida Presidente Kennedy, no bairro Centro. O local se encontra degradado e em estado precário.

FIGURA 2



A praça Roberto da Silva e o Museu da Cultura se localizam na Avenida 25 de Agosto. O local se encontra bem cuidado e há uma integração e festa por meio de uma feira popular municipal.

MAPA 1.1 - MAPA DE RECONHECIMENTO DOS ELEMENTOS DE OPACIDADE



LEGENDA

- | | |
|---|--|
|  | PONTOS ATIVOS
DE PROSTITUIÇÃO DE RUA |
|  | PONTOS ATIVOS
DE CASAS DE PROSTITUIÇÃO |
|  | AVENIDAS PRINCIPAIS |
|  | AVENIDAS PRINCIPAIS |
|  | EDIFICAÇÕES COM
PREDOMINÂNCIA RESIDENCIAL |
|  | EDIFICAÇÕES COM
PREDOMINÂNCIA MISTA |
|  | EDIFICAÇÕES COM
PREDOMINÂNCIA COMERCIAL |
|  | ÁREAS DE LAZER |
|  | INSTITUTOS EDUCACIONAIS |
|  | UNIDADES DE SAÚDE |

FIGURA 1 OZACHADE URBANA
AV. NULO PECANILA



A Ar. Nila Pequena localizada no Centro conta com algumas construções elevadas por pilotis. Apesar de criar muitos espaços externos para serem utilizados, acabou criando, também, lugares visuais menos agradáveis.

FIGURA 2 OPACIDADE URRANA
RUA NUNES ALVES.



A Rua Gomes Afonso também localizada no bairro Centro, apresenta algumas particularidades ao longo de suas construções e grandes áreas abertas e com a utilização de materiais em sua construção evidenciando a arquitetura.

ESC: 1/1500

A CORPOGRAFIA DOS ESPAÇOS OPACOS E LUMINOSOS DA CIDADE

Iniciando a cartografia a ser apresentada durante esta pesquisa, os primeiros mapas exemplificam a sistematização do espaço diante dos conceitos estudados de Santos (1994) e Ribeiro (2012) sobre espaços opacos e luminosos. O Mapa 01 demonstra, em verde, uma delimitação do espaço luminoso dentro da poligonal estudada, o Centro e a 25 de Agosto. Podemos identificar a maioria dos equipamentos urbanos dentro desta delimitação, sejam eles institutos educacionais, em laranja; unidades de saúde, em azul; institutos de polícia, em cinza; ou áreas de lazer, em amarelo. Já a delimitação do espaço opaco, em roxo, abriga poucos equipamentos urbanos e contempla a Favela do Lixão. É possível identificar, ainda, que a maior parte da delimitação do espaço luminoso está inserido no bairro 25 de Agosto, um local elitizado da cidade. Em contrapartida, o espaço opaco delimitado está inserido no bairro Centro, local com grande interesse governamental, porém, com um grande contraste territorial no seu contexto, como visto anteriormente neste pesquisa.

As figuras 1 e 2 demonstram um exemplo de espaço opaco e luminoso, respectivamente, aplicando os conceitos estudados na prática. Como um exemplo de local opaco é apontado o Terminal Rodoviário, localizado no Centro, que se dispõe em uma construção que projeta uma grande área de sombra, escurecendo o local, além de estar sem manutenção do governo, contribuindo para a opacidade dos seus elementos. Apesar de ser um ambiente ativo, o Terminal Antigo e o seu entorno pouco atrativo propagam as sensações de desconforto e insegurança para as pessoas que o frequentam e, inclusive, acaba desmistificando o conceito de atividade relacionado aos espaços opacos e luminosos e reiterando os conceitos de valor. O exemplo de espaço luminoso é a Praça Roberto da Silveira que propõe uma atividade de valor na sua localidade. Situada na 25 de Agosto, o espaço, genuinamente transitório, consegue trazer permanência e contemplação para a praça uma vez que aplica medidas efetivas de valorização urbana, como a feira local e as barracas de lanches. A praça possui, ainda, em suas proximidades pontos nodais importantes para a cidade como a Universidade Unigranrio e o Museu da Ciência, além de comércio variados no seu entorno, valorizando ainda mais a região.

Analisando a perspectiva dos pontos de prostituição em comparação com os espaços opacos e luminosos na poligonal, é perceptível que existem mais pontos de prostituição na delimitação do espaço opaco do que no ambiente de local luminoso, sendo eles inserido no Centro e na 25 de Agosto, respectivamente. Ainda reafirmando todo o processo de elitização da 25 de Agosto e enaltecendo o contraste

urbano e territorial do Centro. Podemos observar que no bairro 25 de Agosto, na delimitação do espaço luminoso, menos da metade dos pontos de prostituição identificados são sinalizados, sendo a sua quantidade dividida entre pontos de prostituição de rua e casas de prostituição. Já no Centro, na delimitação do espaço opaco, existe um maior número de pontos de prostituição, sendo eles, em sua maioria, os pontos de prostituição de rua. Assim como já visto anteriormente, os pontos de prostituição de rua são expostos publicamente e vistos como o “submundo” da cidade, enquanto as casas de prostituição têm a sua atividade viabilizada uma vez que se mantenha oculta.

Em uma ampliação focalizada em uma delimitação de espaço opaco no Centro, demonstrada no Mapa 1.1, já conseguimos ter uma perspectiva mais focada de como é estabilizado os pontos de prostituição num espaço com elementos urbanos de opacidade. Diante de uma escala mais reduzida é possível identificar que os pontos de prostituição sinalizados, sendo eles casas de prostituição ou pontos de rua estão, majoritariamente, localizadas em avenidas principais e movimentadas da região e em áreas de predominância comercial, provavelmente pela grande incidência de automóveis e, até mesmo, remetendo o ato de “comercializar” da profissão. Conseguimos perceber também que os pontos de prostituição de rua se apropriam das esquinas.

Como um meio de identificação dos elementos que provocam a opacidade na região, as figuras 1 e 2 demonstram exemplos, já sinalizados anteriormente, que contribuem para a desvalorização da região. A figura 1 coloca em foco a Avenida Nilo Peçanha, que possui algumas das suas construções em pilotis criando espaços escurecidos e de longo trajeto, além de possuir pouca manutenção em suas calçadas e fachadas pouco interessantes. A figura 2 apresenta uma problemática parecida, situando uma rua extensa, com construções ornamentadas com marquises e arborização sem manutenção, causando o escurecimento de algumas áreas e longos percursos murados causando algumas sensações de insegurança no local. Alguns pontos que, a princípio, se apresentam como positivos - como arborização presente e criação de novos espaços térreos com a utilização de pilotis - se mal preservados ou projetados, podem causar o efeito contrário na localidade e acabar desvalorizando o a sua utilização ou retraindo as formas de apropriação.

CORPOGRAFIA E MOVIMENTO URBANO

As dinâmicas acerca das possibilidades de utilização, apropriação e percepção do cenário contemporâneo acabam enriquecendo as experiências de quem as utiliza, causando, assim, uma ramificação instintiva dessas vivências em que o seu usuário consegue assimilar o espaço à sua volta de forma sensorial e corporal. Segundo Jacques (2008, p. 02), a consciência corpórea experienciando o ambiente resulta em uma espécie de cartografia elaborada pelo e no corpo humano, registrando as experiências pessoais de cada indivíduo em relação à cidade vivida. Além de determinar o espaço no qual se insere, mesmo que indiretamente, reproduzindo um sistema mútuo de experimentação e efeito. Uma vez que cada corpo absorve e expõe diferentes corpografias individuais por meio de movimentos e gestos corporais involuntários, interpreta-se um resultado da experiência urbana sobre cada local público disposto ao longo da cidade. Logo, é possível criar uma coreografia que personifica a vida ativa da cidade, provocando um debate sobre o planejamento urbano vigente e uma reflexão diante das formas de apropriação e intervenção dos usuários em relação aos lugares comuns, gerando um impacto que qualifica o espaço urbano e atualiza as práticas urbanísticas aplicadas na cidade.

Porém, quando falamos da corpografia inserida na dinâmica dos espaços luminosos e opacos, conseguimos perceber divergências nas atitudes corpóreas de quem experiencia esses locais, onde o corpo que vivencia a cidade torna-se adepto dos espaços luminosos e rejeita os espaços opacos. Este fenômeno acontece pois estamos expostos a rugosidade do espaço urbano, ou seja, como explica Ribeiro (2012, p. 69), estamos submetidos a uma concepção do espaço urbano previamente formalizada e concebida ao longo do tempo com base na história e na cultura em que estamos inseridos, fazendo com que esse fator provoque reflexos sutis nas nossas percepções do ambiente, projetado ou espontâneo, até os dias de hoje.

Portanto, é possível concluir que, apesar de apresentarmos movimentos ou atitudes involuntárias no espaço público urbano, esses comportamentos herdam memórias e cicatrizes históricas que são proprietárias do ambiente no qual estamos expostos. Esta nova vivência é condicionada, ainda, aos diversos tipos de corpos e às divergentes experiências previamente obtidas de forma individual, onde, segundo Schvarsberg (2012, p.162), esta prática pode nos conduzir a múltiplas possibilidades de experimentação urbana.

Uma vez conscientes da herança histórica urbana absorvida ao longo dos anos, podemos refletir sobre as cicatrizes socioespaciais assimiladas pelas mulheres durante o tempo. A corpografia de uma mulher que é introduzida a um local não conveniente, ou seja, um espaço que apresente uma diferenciação entre os gêneros e/ou que cause sensações de insegurança, medo ou renúncia, mostra-se imprescindível para a qualificação deste espaço, fazendo com que esta mesma mulher propague as suas experiências para outras mulheres, sejam elas familiares ou não. A propagação informal de experiências urbanas tem o intuito de precaver que estas mulheres alertadas tenham a mesma experiência hostil, assegurando-as vivências mais agradáveis na cidade. Segundo a classificação de Kolektiboa (2012, p. 369), este processo é repassado de forma gradual em um sistema “boca a boca” entre as mulheres, onde elas compartilham este experimento diante da classificação positiva ou negativa dos lugares já visitados. Assim, é formulada uma espécie de mapa mental, não executado, que apresenta os locais mais favoráveis para transitar e frequentar, expondo as localidades com vivências mais desagradáveis. Ainda no texto de Kolektiboa (2012, p. 369), esta técnica faz parte de um procedimento de empoderamento e sororidade entre as mulheres denominado como “mapa da cidade proibida para as mulheres” em que nós listamos e repassamos, ainda que inconscientemente, essas informações de modo a alertar sobre os locais perigosos da região.

MAPA 2 - MAPA DE PERIGO PARA MULHERES x PONTOS DE PROSTITUIÇÃO

LEGENDA

- | | |
|---|---|
|  | PONTOS ATIVOS
DE PROSTITUIÇÃO DE RUA |
|  | PONTOS ATIVOS
DE CASAS DE PROSTITUIÇÃO |
|  | AVENIDAS PRINCIPAIS |
|  | DELIMITAÇÃO DA
FAIXA DO LINXÃO |
|  | ÁREAS DE PERIGO
LEVE |
|  | ÁREAS DE PERIGO
MODERADO |
|  | ÁREAS DE PERIGO
ELEVADO |
|  | COACÇÃO
POR PREDOMINÂNCIA MASCULINA |
|  | INSEGURANÇA
PELA RECORRÊNCIA DE CRIMES |

FIGURA 1. PREDOMINÂNCIA MASCULINA
SUA TENENTE JOSÉ DIAS



A coação feminista causada pela predominância masculina acutose, majoritariamente, nos pontos masculizados como maior risco, visto que podem ser pontos críticos que por o outro elemento de instabilidade.

FIGURA 3 RECORRÊNCIA DE CRIMES
AVENIDA DUQUE DE CAXIAS



A sensação de insegurança nos locais unificados ocorre, em menor ou maior escala, diante de elementos que unem o espaço como outros, valendo-se de pequenos e efêmeros que impedem de ver ou ser visto.

ESC.: 1/10000

AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS DA PROSTITUIÇÃO EM DUQUE DE CAXIAS

No Mapa 02 conseguimos identificar as áreas de perigo sinalizadas por mulheres que residem em Duque de Caxias e que possuem uma espécie de cartografia mental dos lugares de risco para mulheres na cidade. As áreas de perigo possuem a classificação definida em níveis de leve, moderado e elevado. Esta classificação foi criada diante de uma junção das problemáticas acerca da insegurança feminina encontradas em determinado lugar, além de considerar os períodos do dia em que ocorria os maiores índices de perigo. O mapa ainda lista duas classificações de perigo sentidas durante o levantamento de campo: a coação causada pela predominância de homens; e a sensação de insegurança causada pela recorrência de crimes no local. As perguntas efetuadas para obtenção das seguintes respostas foram na vivência da entrevistada e, também, questionamentos sobre o trajeto diariamente executado e o não executado na cidade. Diante da resposta sobre o trajeto não executado foram sinalizados os motivos da sua não execução, sendo eles os listados neste mapa. Todas as informações de perigo descritas por meio de manchas estão em comparativo com os pontos de prostituição de rua, em vermelho, e as casas de prostituição, em magenta.

As áreas com a mancha orgânica em amarelo sinalizam o perigo leve, ou seja, as áreas, geralmente, com apenas um tipo de sensação de risco e com alerta de perigo apenas durante a noite, sendo naturalizada o seu trajeto pela manhã ou durante a tarde, períodos de maior movimentação da população.

As manchas em laranja significam o perigo moderado, onde podem apresentar mais de um tipo de sensação de risco e estão localizadas, principalmente, em avenidas principais, caracterizando uma utilização muito maior de automóveis do que de pessoas. O perigo moderado significa, também, que o risco predominante é noturno, porém, os locais se apresentam como trajetos a serem evitados pelas entrevistadas. As manchas vermelhas representam o perigo elevado, demonstrando que as mulheres se sentem ameaçadas em qualquer horário nesses lugares, mesmo que eles apresentem apenas um tipo de sensação de risco. A mancha vermelha sinaliza, ainda, a travessia da linha ferroviária e a Favela do Lixão como as principais localidades de risco na poligonal estudada. Visto que a linha ferroviária é um local de grande movimentação popular, a localidade acaba sendo vista como possível ameaça por mulheres, tanto pela sua predominância masculina, quanto pela sua recorrência de crimes. Uma hipótese sobre a Favela do Lixão ser listada como um dos principais locais de risco elevado é por carregar os estigmas sociais e culturais que uma área periférica carrega, além do reconhecimento de escala municipal da sua recorrência de crimes.

A corpografia de algumas das mulheres entrevistadas e de outras mulheres observadas nessas localidades foi de profunda alerta diante de passos apressados e trajetos bem definidos.

CAPÍTULO VIII

AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS DA PROSTITUIÇÃO EM DUQUE DE CAXIAS





Foto: MARGOLLES, Teresa.
Título: Pista de baile del club Tiaquepaque, 2016.

AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS DA PROSTITUIÇÃO EM DUQUE DE CAXIAS

A GEOGRAFICIDADE DA PROSTITUIÇÃO E AS ÁREAS OCULTAS

Na medida em que absorvemos as reflexões sobre o espaço urbano periférico de Duque de Caxias e seus usuários, discutidos acima, e reconhecemos as atividades da prostituição, seus impactos e seus protagonistas ao longo da história, conseguimos ingressar em um debate ainda mais aprofundado sobre a prostituição periférica nos bairros Centro e 25 de Agosto no 1º Distrito da cidade. As dinâmicas socioespaciais da prostituição periférica Caxiense foi reconhecida por meio de entrevistas e estudos de caso, onde foi notado dois polos principais de extremidade, que são: a rua e as casas de prostituição. A rua como um local de trabalho sexual levanta alguns debates sobre os espaços que acolhem essa atividade e, conseqüentemente, incita reflexões sobre a localidade, segurança e qualidade dos equipamentos que definem o ambiente, uma vez que as áreas destinadas à prostituição acabam se fixando em espaços opacos da cidade. A prostituição que acontece no espaço público urbano explora as questões de território, já que os pontos de prostituição de rua são dispostos de forma a demarcar a abrangência de cada grupo de prostitutas. Assim como foi observado por Ramos (2015, p. 40) na cidade de Campinas, São Paulo, as prostitutas dos pontos de rua das áreas periféricas dos bairros centrais de Duque de Caxias também se localizam em áreas sombreadas e de boa visibilidade, geralmente esquinas. Os pontos demarcados nas esquinas são, geralmente, fixos e sem movimento transitório entre outras esquinas ou ruas, reafirmando ainda mais o debate territorial demarcado e defendido pelas próprias prostitutas locais.

Durante visita de campo em um ponto de prostituição situado na esquina da Avenida Manoel Teles com a Rua Genaro Lomba, nas proximidades da Favela do Lixão e Vila Ideal, no Centro, em Duque de Caxias, foi possível observar vários elementos que compunham o espaço e que tornavam-o opaco, fazendo, também, com que essas características sejam fatores para abrigar a atividade da prostituição na localidade. Além das prostitutas estarem localizadas em uma esquina sombreada, os componentes do espaço se apresentavam diante de grandes áreas sem iluminação e sem nenhum movimento peatonal.

O seu único ponto de agitação urbana era causado pela grande movimentação de automóveis na própria avenida, o que define mais um item favorável para as áreas de prostituição: a pouca ou nenhuma tumultuação de pessoas e a grande movimentação de carros. O ambiente ainda era composto por áreas muradas e com marquises, ou seja, em as áreas de sombra, e enfatizando o seu período de atividade que ocorre apenas durante à noite. No decorrer da entrevista feita com prostitutas locais, foi possível perceber a corpografia inserida em seus gestos e movimentos, resultando em mais um meio de qualificação do espaço. A movimentação percebida era de profunda alerta, desconfiança e até insegurança, mesmo o grupo permanecendo diante de um grande número de mulheres em exercício, tornando o espaço, já pouco acolhedor, ainda mais intimidador e arisco.

Figura 20 – Ponto de Prostituição na Avenida Manoel Teles, no Centro.



FONTE: Acervo Pessoal.

AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS DA PROSTITUIÇÃO EM DUQUE DE CAXIAS

Contudo, nem sempre as áreas de prostituição de rua foram dispostas da forma em que estão nos dias atuais. Antigamente, os pontos de prostituição se localizavam nas regiões centrais, ou seja, nos locais de atual interesse político e governamental. Contudo, esses pontos foram prontamente expulsos diante de um processo invisibilizado de gentrificação, excluindo essas narrativas do amplo convívio urbano das zonas centrais e levando-as a se apropriar das zonas periféricas com o preceito de valorização ou requalificação dessas áreas, substituindo, assim, o público que usufruía desse espaço por um perfil de usuário elitizado. As dinâmicas de exclusão e expulsão da atividade de prostituição nas ruas de Duque de Caxias, principalmente no 1º Distrito – local de rápido desenvolvimento urbano e econômico – resultaram na subtração dos pontos de rua e na crescente das casas de prostituição, tornando um meio muito mais acessível e factível de seguir em exercício, visto que se mantém oculto perante o ambiente urbano. Uma vez que a prostituta periférica de rua sofre com a exposição, rejeição e invisibilidade pública, a prostituta das casas de prostituição – também periférica e repelida dos centros – precisa lidar com a sua permanência igualmente invisível diante da sociedade e do planejamento urbano vigente, porém, muitas da vezes, com o respaldo da impressão de segurança que as alvenarias transmitem.

Figura 21 – Casa de Prostituição na Avenida Brigadeiro Lima e Silva, na 25 de Agosto.



FONTE: Acervo Pessoal.

MAPA 3 - ESPAÇOS ATIVOS E GENTRIFICADOS DA PROSTITUIÇÃO



LEGENDA



PONTOS ATIVOS
DE PROSTITUIÇÃO DE RUA



PONTOS ATIVOS
DE CASAS DE PROSTITUIÇÃO



AVENIDAS PRINCIPAIS



DELIMITAÇÃO DA
FAVELA DO LIXÃO



POSSÍVEL FLUXO DE
GENTRIFICAÇÃO DOS
PONTOS DE PROSTITUIÇÃO

FIGURA 1

FIGURA 2

FIGURA 1 SUPERMERCADO GUANABARA
RUA TENENTE JOSÉ DIAS



O supermercado Guanabara se localiza no bairro Centro e o seu exterior é caracterizado por uma grande atividade comercial no calçadão e comércio na rua principal.

FIGURA 2 PRAÇA DO PACIFICADOR
AV. GOV. LEONEL DE MOURA BRINHA



A Praça do Pacificador, localizada no Centro, é ocupada pelo Teatro Rui Costa, com o Biblioteca Municipal Governador Leonel de Moura Brinha. O local é de predominantemente gentílico e transmissor com pontos de ônibus, comércio e serviços.

FIGURA 3 BURGUEIR KING
AV. BRIGADEIRO LIMA E SILVA

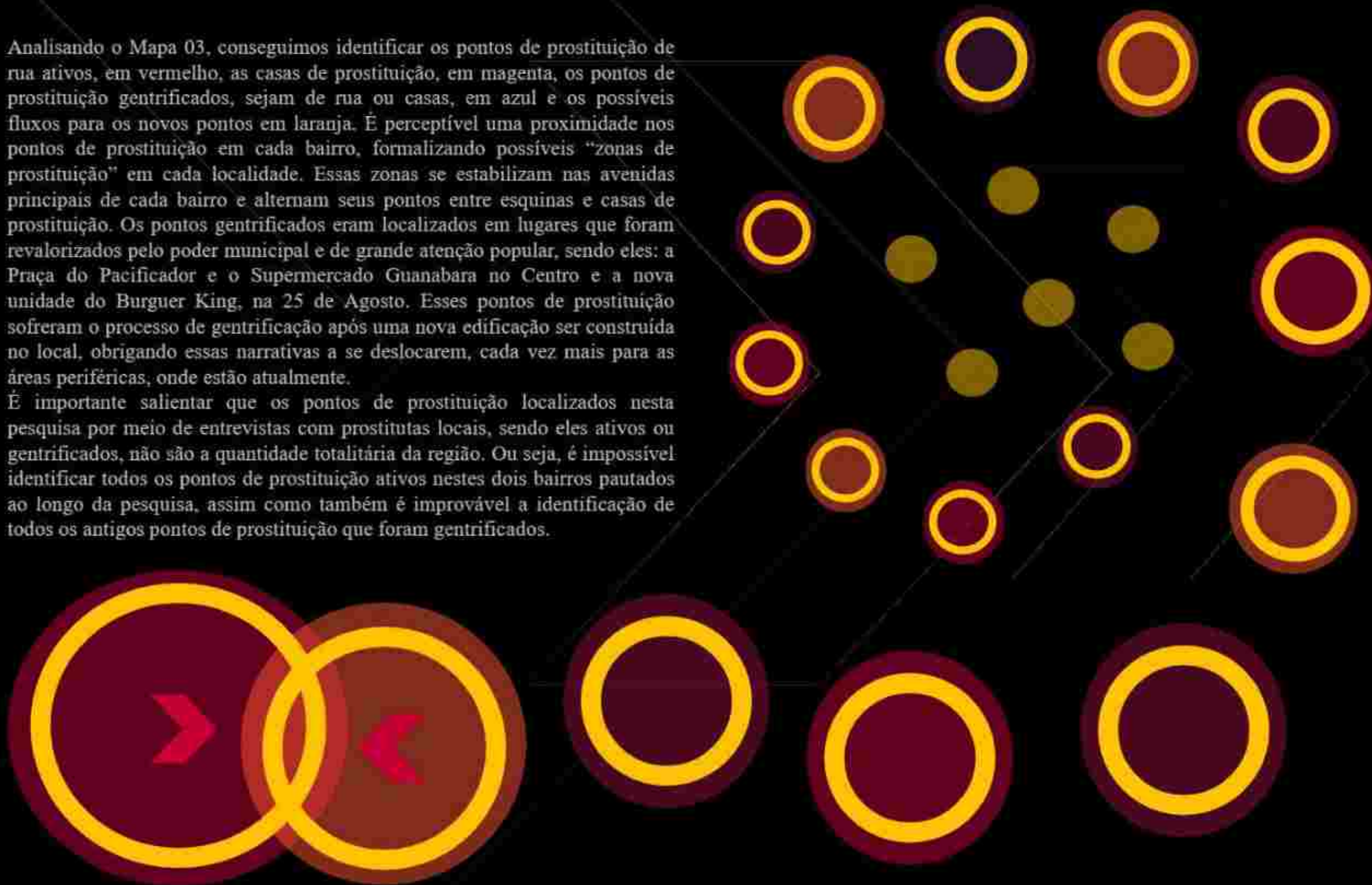


A Filial do Burguer King, localizada no bairro 25 de Agosto, possui um movimento de alta circulação de pessoas, com a presença de um comércio diversificado, incluindo lojas de roupas, calçados e outros produtos.

A CORPOGRAFIA DOS ESPAÇOS OPACOS E LUMINOSOS DA CIDADE

Analisando o Mapa 03, conseguimos identificar os pontos de prostituição de rua ativos, em vermelho, as casas de prostituição, em magenta, os pontos de prostituição gentrificados, sejam de rua ou casas, em azul e os possíveis fluxos para os novos pontos em laranja. É perceptível uma proximidade nos pontos de prostituição em cada bairro, formalizando possíveis “zonas de prostituição” em cada localidade. Essas zonas se estabilizam nas avenidas principais de cada bairro e alternam seus pontos entre esquinas e casas de prostituição. Os pontos gentrificados eram localizados em lugares que foram revalorizados pelo poder municipal e de grande atenção popular, sendo eles: a Praça do Pacificador e o Supermercado Guanabara no Centro e a nova unidade do Burguer King, na 25 de Agosto. Esses pontos de prostituição sofreram o processo de gentrificação após uma nova edificação ser construída no local, obrigando essas narrativas a se deslocarem, cada vez mais para as áreas periféricas, onde estão atualmente.

É importante salientar que os pontos de prostituição localizados nesta pesquisa por meio de entrevistas com prostitutas locais, sendo eles ativos ou gentrificados, não são a quantidade totalitária da região. Ou seja, é impossível identificar todos os pontos de prostituição ativos nestes dois bairros pautados ao longo da pesquisa, assim como também é improvável a identificação de todos os antigos pontos de prostituição que foram gentrificados.



AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS DA PROSTITUIÇÃO EM DUQUE DE CAXIAS

No Mapa 03 conseguimos identificar as áreas de perigo sinalizadas por mulheres que residem em Duque de Caxias e que possuem uma espécie de cartografia mental dos lugares de risco para mulheres na cidade. As áreas de perigo possuem a classificação definida em níveis de leve, moderado e elevado. Esta classificação foi criada diante de uma junção das problemáticas acerca da insegurança feminina encontradas em determinado lugar, além de considerar os períodos do dia em que ocorria os maiores índices de perigo. O mapa ainda lista duas classificações de perigo sentidas durante o levantamento de campo: a coação causada pela predominância de homens; e a sensação de insegurança causada pela recorrência de crimes no local. As perguntas efetuadas para obtenção das seguintes respostas foram na vivência da entrevistada e, também, questionamentos sobre o trajeto diariamente executado e o não executado na cidade. Diante da resposta sobre o trajeto não executado foram sinalizados os motivos da sua não execução, sendo eles os listados neste mapa. Todas as informações de perigo descritas por meio de manchas estão em comparativo com os pontos de prostituição de rua, em vermelho, e as casas de prostituição, em magenta.

As áreas com a mancha orgânica em amarelo sinalizam o perigo leve, ou seja, as áreas, geralmente, com apenas um tipo de sensação de risco e com alerta de perigo apenas durante a noite, sendo naturalizada o seu trajeto pela manhã ou durante a tarde, períodos de maior movimentação da população.

As manchas em laranja significam o perigo moderado, onde podem apresentar mais de um tipo de sensação de risco e estão localizadas, principalmente, em avenidas principais, caracterizando uma utilização muito maior de automóveis do que de pessoas. O perigo moderado significa, também, que o risco predominante é noturno, porém, os locais se apresentam como trajetos a serem evitados pelas entrevistadas. As manchas vermelhas representam o perigo elevado, demonstrando que as mulheres se sentem ameaçadas em qualquer horário nesses lugares, mesmo que eles apresentem apenas um tipo de sensação de risco. A mancha vermelha sinaliza, ainda, a travessia da linha ferroviária e a Favela do Lixão como as principais localidades de risco na poligonal estudada. Visto que a linha ferroviária é um local de grande movimentação popular, a localidade acaba sendo vista como possível ameaça por mulheres, tanto pela sua predominância masculina, quanto pela sua recorrência de crimes. Uma hipótese sobre a Favela do Lixão ser listada como um dos principais locais de risco elevado é por carregar os estigmas sociais e culturais que uma área periférica carrega, além do reconhecimento de escala municipal da sua recorrência de crimes.

A corpografia de algumas das mulheres entrevistadas e de outras mulheres observadas nessas localidades foi de profunda alerta diante de passos apressados e trajetos bem definidos.

AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS DA PROSTITUIÇÃO EM DUQUE DE CAXIAS

A PROTAGONISTA DA PROSTITUIÇÃO PERIFÉRICA NO ESPAÇO URBANO

Assim como um reflexo do cenário da história nacional visto anteriormente, o personagem principal das periferias e do desemprego apresentam-se, em sua maioria, como mulheres negras. Logo, quando reconhecemos a protagonista da narrativa da prostituição periférica caxiense, – visto que a atividade é tida como uma alternativa de refúgio econômico para as mulheres – identifica-se, também, uma mulher preta ou parda, pobre e residente das proximidades ou da própria área periférica em que se prostitui. O perfil padronizado acima é exposto de forma a se distanciar do, pouco atuante na prostituição, perfil masculino, como demonstrado na figura 22.

Em entrevistas realizadas em alguns pontos focais de prostituição atuantes nos bairros Centro e 25 de Agosto, no 1º Distrito de Duque de Caxias, foi possível adquirir resultados que reiteram o discurso histórico-cultural e geográfico previamente debatido nesta pesquisa, além de estampar, de forma quantitativa, novas condições a serem abordadas. As perguntas desenvolviam a temática da possível elaboração de um perfil convencional da prostituta periférica e, também, do espaço e localidades que as acolhem.

Analisando o gráfico da figura 23, percebemos que o perfil da prostituta se inicia com a informação de que sua faixa etária se mantém, majoritariamente, até os 25 anos, ou, até mesmo sujeita a ter menos de 18 anos de idade. Um dado que foi notado em campo é que as prostitutas que possuíam maioridade estavam concentradas em casas de prostituição, enquanto as que possuíam menos de 18 anos se encontravam nos pontos de prostituição de rua.

Na figura 24, a etnia das prostitutas entrevistadas se releva como predominantemente preta ou parda. Em campo, esse fato se distribui de forma dominante tanto nas casas de prostituição, como nos pontos de rua, fazendo com que o personagem padronizado da prostituição seja a mulher negra.

Figura 22 – Personagens da Prostituição Brasileira.



FONTE: Emissora BAND, 2016.

Figura 23 – Faixa Etária das Prostitutas Entrevistadas.

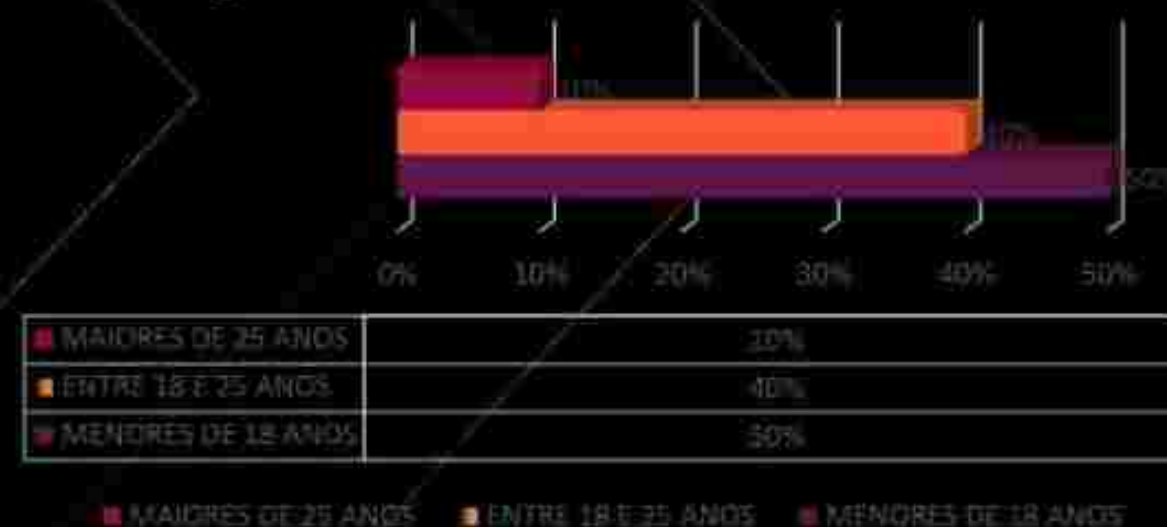


Figura 24 – Etnia das Prostitutas Entrevistadas.



AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS DA PROSTITUIÇÃO EM DUQUE DE CAXIAS

Figura 25 – Gênero das Prostitutas Entrevistadas.

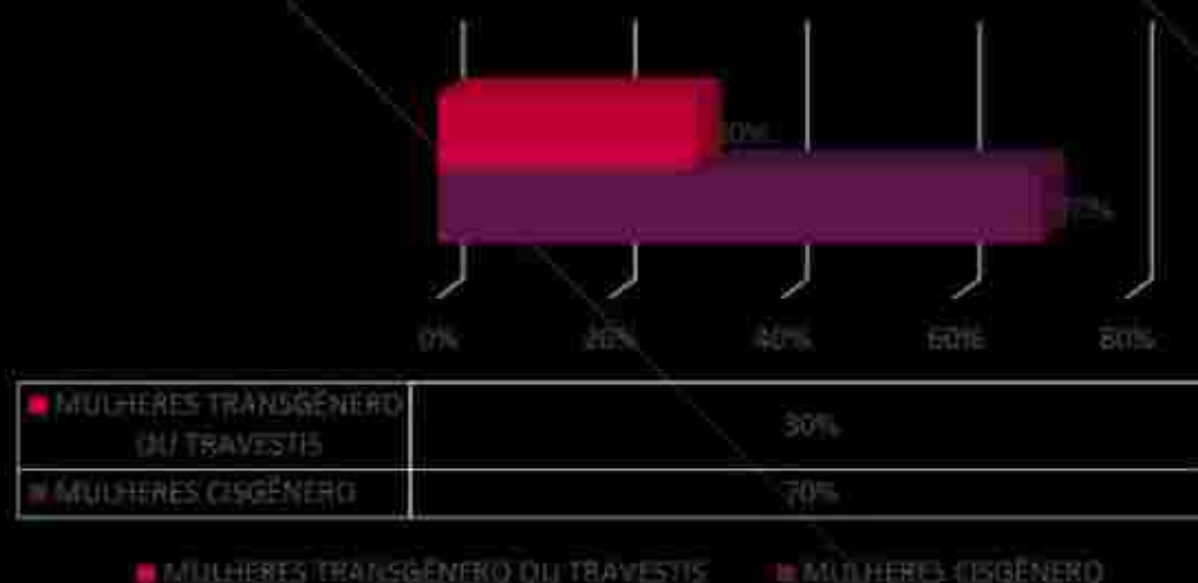
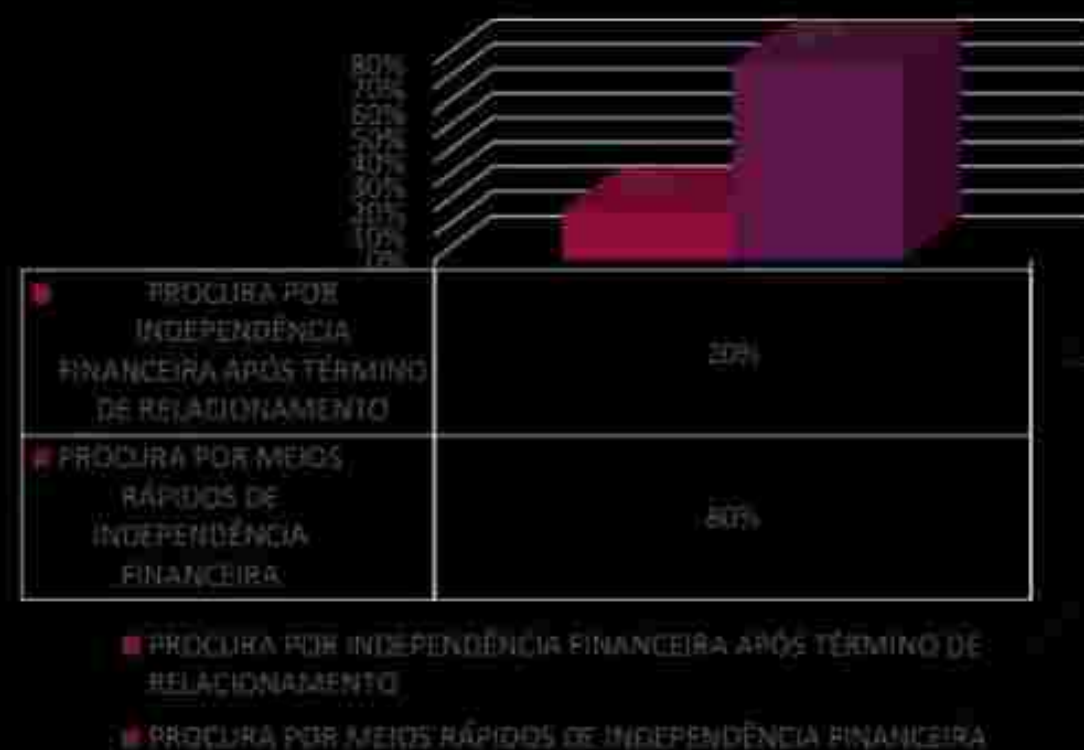


Figura 26 – Razões de Inserção na Prostituição Segundo as Prostitutas Entrevistadas.

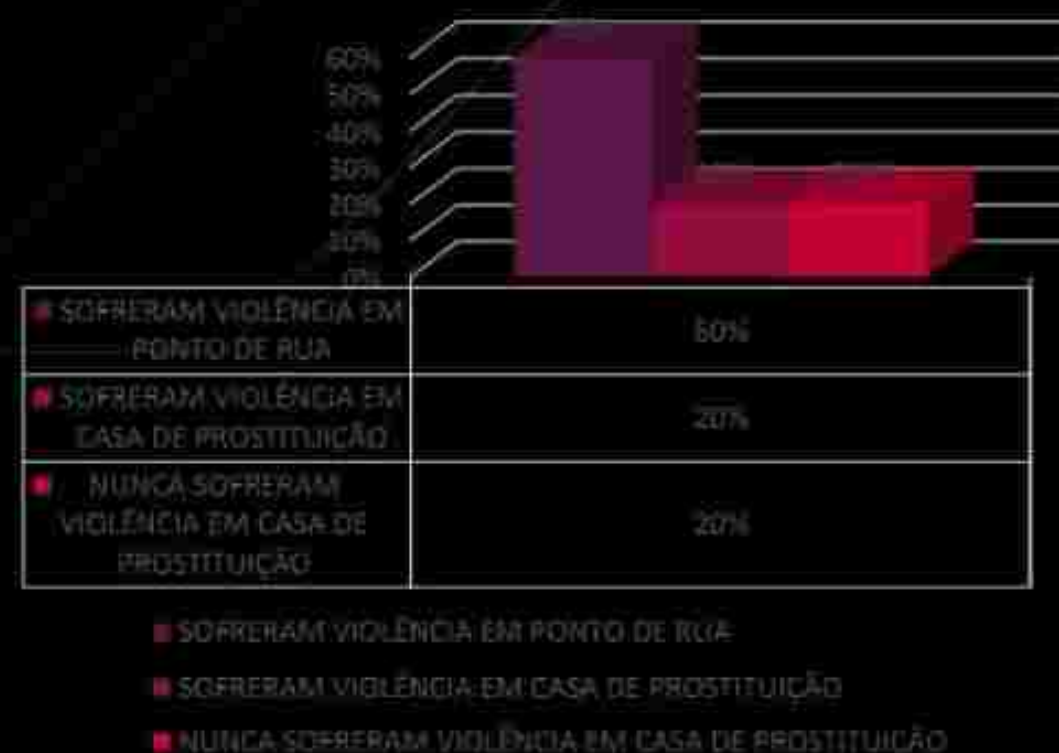


A figura 25 exemplifica o gênero dos personagens da prostituição da figura 22 de forma mais restrita e objetiva, ou seja, aplicando-a na localidade trabalhada nesta pesquisa. Avaliando os dados obtidos, percebemos que a prostituição periférica suprime o perfil masculino e se concentra apenas no círculo feminino. Durante entrevistas, foi observado a permanência de mulheres transgênero apenas nos pontos de rua, dividindo os espaços com mulheres cisgênero, enquanto nas casas de prostituição, apenas as mulheres cisgênero foram identificadas.

Os dados obtidos na Figura 26 se respaldam no discurso teórico construído anteriormente. Muitas das vezes, as mulheres que se encontram sem recursos econômicos diante da falta de escolaridade, de oportunidades de emprego ou, até mesmo, recém-abandonadas por seus parceiros que costumavam ser os provedores estruturantes das suas residências, passam a perceber a prostituição como um lugar de refúgio e acolhimento, tanto sentimental como financeiro.

Nas entrevistas obtidas em campo e na avaliação do gráfico contido na figura 27, podemos observar que, quando colocamos em pauta a violência nos pontos de prostituição de rua, o fato se torna quase inevitável devido a grande exposição urbana. Já os índices de violência nas casa de prostituição é circunstancial, visto que as localidades passam uma visão de segurança para as prostitutas e de sigilo para quem as frequenta.

Figura 27 – Violência Sofrida segundo as Prostitutas Entrevistadas.



AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS DA PROSTITUIÇÃO EM DUQUE DE CAXIAS

A figura 28 personifica os impactos acerca da figura 26, onde representa a falta de segurança nos pontos de prostituição de rua e enfatiza os conceitos de proteção sobre as casa de prostituição. O gráfico reforça, também, os índices de violência sofridos pelas prostitutas nas ruas, demonstrando como espaço urbano opaco pode ser hostil para estas mulheres.

Na figura 29, podemos comprovar a prostituição como refúgio econômico e como principal fonte de renda para essas narrativas, mesmo diante da informação de que algumas das entrevistadas optassem por ter uma outra alternativa para complementar o rendimento financeiro.

Como reflexo do primeiro dado obtido em entrevista na figura 23, uma vez que a maioria das prostitutas entrevistadas possuem menos de 25 anos e, até mesmo, são menores de 18 anos, as mulheres que se encontram na situação de chefes de família são inferiores do que as que assumem esta posição, como demonstrado na figura 30.

Figura 28 – Segurança nas Ruas e Casas de Prostituição Segundo as Prostitutas Entrevistadas.



Figura 29 – Opções de Renda das Prostitutas Entrevistadas.

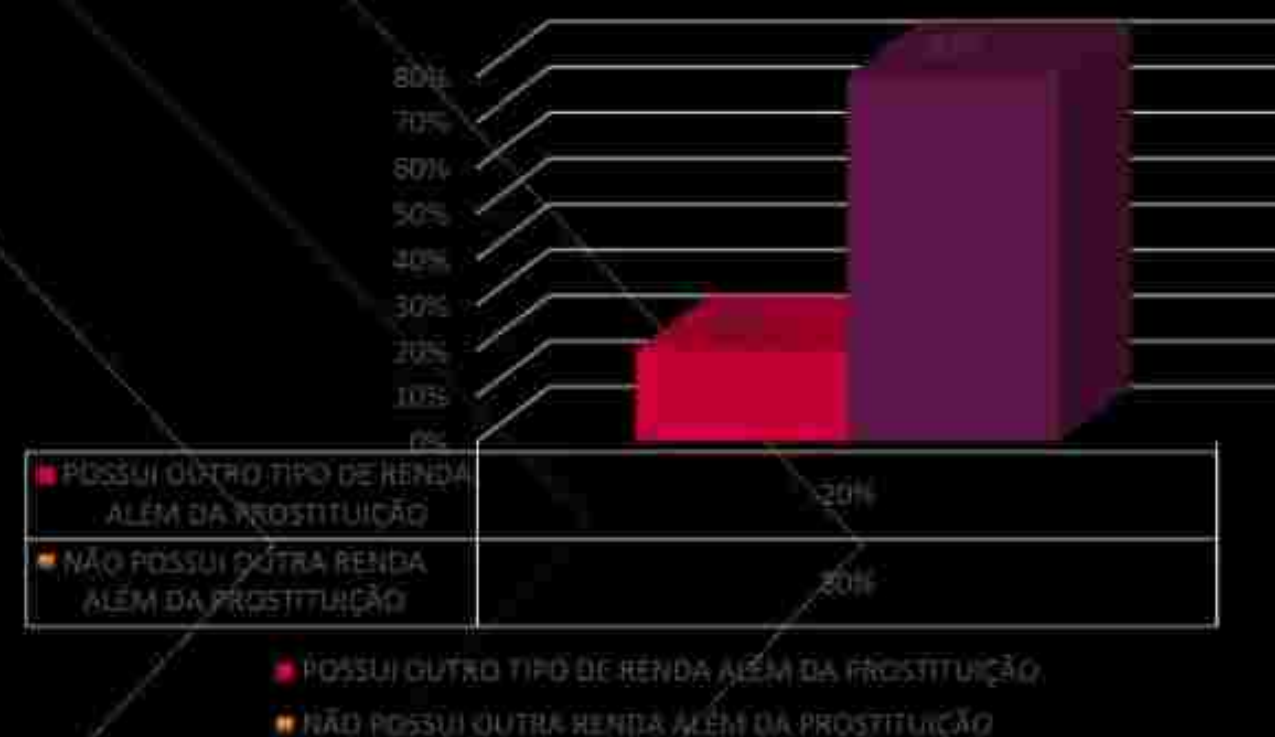
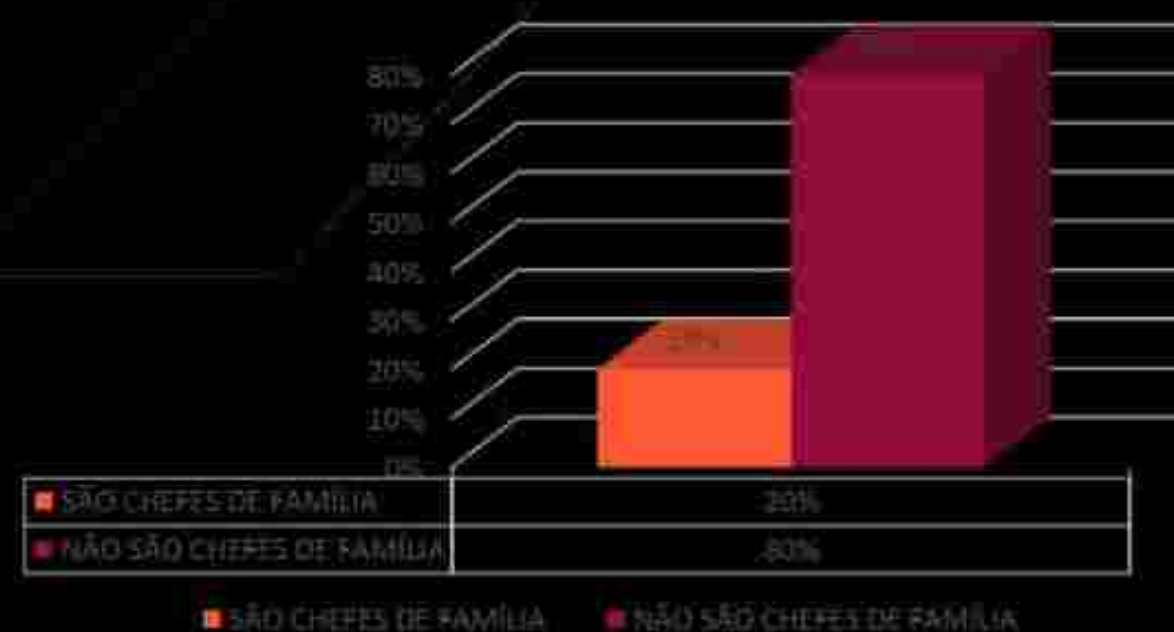


Figura 30 – Chefes de Família Segundo as Prostitutas Entrevistadas.



AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS DA PROSTITUIÇÃO EM DUQUE DE CAXIAS

Quando observamos os dados sobre a localidade das moradias das prostitutas entrevistadas no gráfico da figura 31, percebemos que a maioria dos perfis provém da periferia do Rio de Janeiro, já que 80% dos resultados corresponde a uma ocupação periférica – tanto de nível estadual, como de nível municipal – mantendo o serviço e a moradia em regiões e condições similares.

A figura 32 mostra a região originária de quem utiliza o serviço da prostituição como a mesma que abriga esses locais, além de abrigar, também, quem exerce a função, mantendo o ciclo totalitário da viabilização da prostituição inserido nos espaços periféricos e, na maioria das vezes, exclusivos, opacos e invisibilizados.

Logo, refletindo diante de todos os resultados obtidos em campo durante estas entrevistas, podemos formalizar um perfil já firmado e normalizado acerca da esfera da prostituição periférica: A mulher prostituta, preta ou parda, de classe social baixa, que procura, de forma rápida e eficaz, um trabalho que garanta a sua autonomia. Esta mulher sustenta a própria independência financeira e a de terceiros, se localiza perto da região de sua moradia, na Baixada Fluminense e já exerceu a atividade em pontos de rua ou em casas de prostituição, tendo sofrido violência enquanto estava em atividade. Podemos observar, também, que os próprios residentes das localidades que abrigam os pontos de prostituição, são os que absorvem do serviço sexual.

Figura 31 – Regiões de Moradia das Prostitutas Entrevistadas.

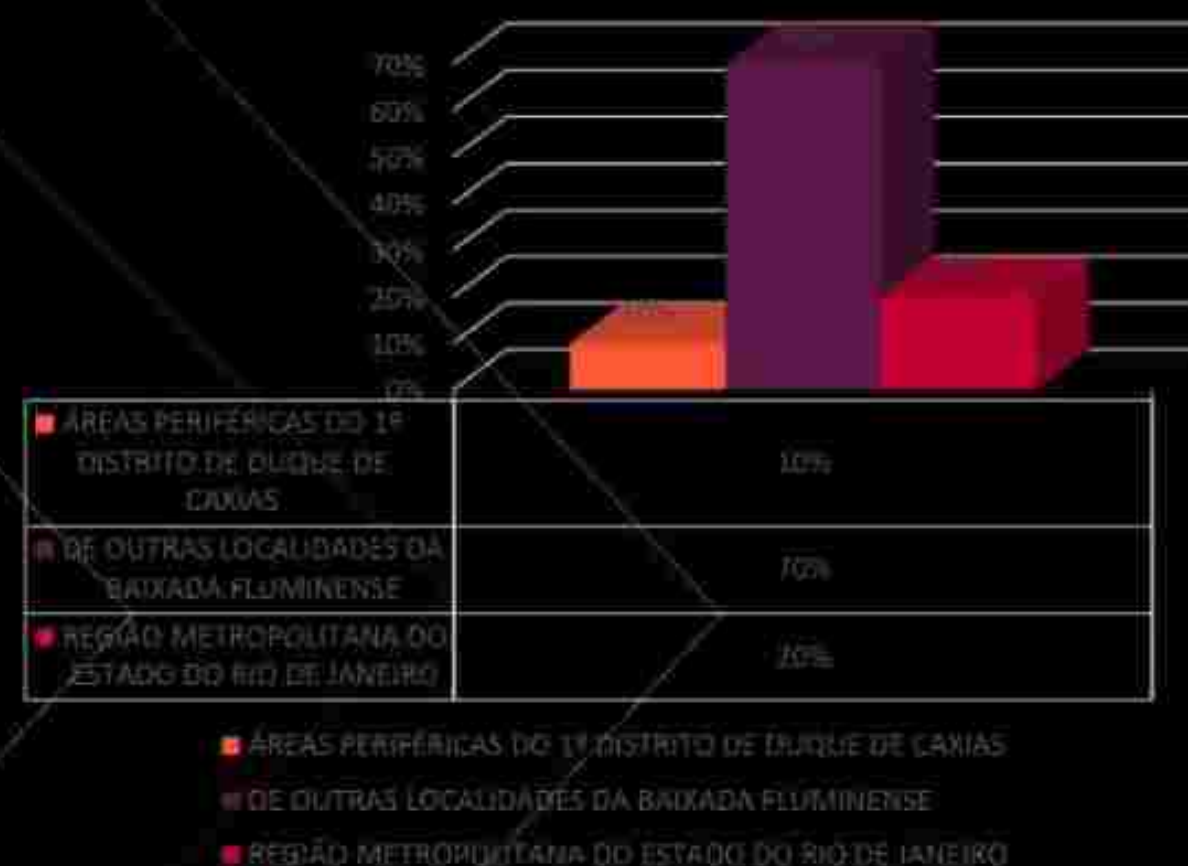
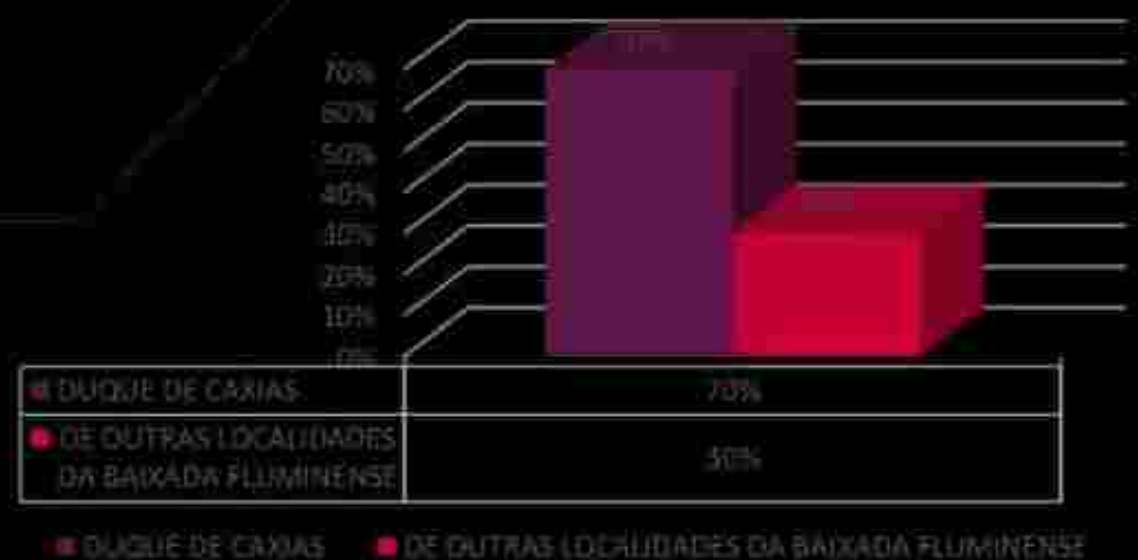


Figura 32 – Regiões de Moradia dos Clientes Segundo as Prostitutas Entrevistadas.



MAPA 4 - MAPA DE FLUXOS DA PROSTITUIÇÃO PERIFÉRICA (REGIÃO METROPOLITANA, RJ)

LEGENDA

- REGIÃO DE MORADIA DAS PROSTITUTAS ENTREVISTADAS
- REGIÃO DE MORADIA DOS CLIENTES SEGUNDO ENTREVISTAS
- FLUXO DAS PROSTITUTAS ATÉ DUQUE DE CAXIAS
- FLUXO DOS CLIENTES ATÉ DUQUE DE CAXIAS

FIGURA 1 DUQUE DE CAXIAS



FIGURA 2 SÃO JOÃO DE MERITI



FIGURA 3 RIO DE JANEIRO



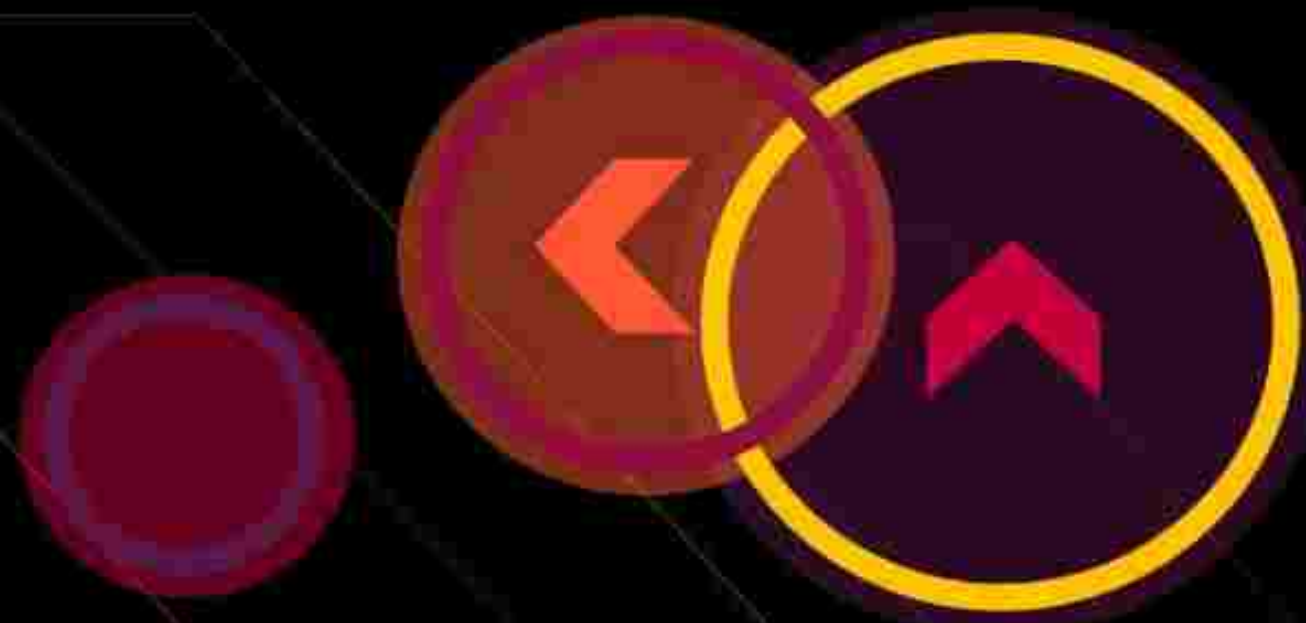
AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS DA PROSTITUIÇÃO EM DUQUE DE CAXIAS

Uma vez inseridos em uma escala menor nos mapas anteriores, para podermos identificar as regiões de moradia das prostitutas e dos clientes, nos deparamos com uma escala muito mais elevada para, assim, ser possível tal identificação. A base territorial apresentada no Mapa 04 é a Região Metropolitana do Rio de Janeiro com um foco, em vermelho, no 1º Distrito de Duque de Caxias e as localidades trabalhadas ao longo desta pesquisa. Analisando as regiões de Moradia das prostitutas entrevistadas, é possível reconhecer as cidades de Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Belford Roxo, Nilópolis, Mesquita, Niterói e Rio de Janeiro, demonstrando que as moradias sinalizadas possuem uma territorialização mais tentacular em relação às regiões de moradia dos clientes que foram sinalizadas pelas mesmas. As localidades de moradia dos clientes apresentam-se de forma mais retraída em relação à Duque de Caxias, localizando-se no próprio município, em São João de Meriti e no Rio de Janeiro. O possível fluxo espreado das prostitutas em azul demonstra que o trajeto da moradia até o seu trabalho se comunica, majoritariamente, na Baixada Fluminense. A Baixada Fluminense é uma periferia em relação à capital do Rio de Janeiro, classificando a maioria das prostitutas entrevistadas como periféricas. Colocando em pauta, agora, os possíveis fluxos em verde da região de moradia dos clientes até os pontos de prostituição, podemos perceber que sua maior presença também se classifica como periférica, mantendo-se, em sua maioria, também na Baixada Fluminense.



É possível encarar como os três lugares de coincidência prostituta/cliente no mapa a própria cidade de Duque de Caxias, que acolhe os pontos de prostituição pautados ao longo da pesquisa, São João de Meriti e Rio de Janeiro. O fator provável fator da cidade do Rio de Janeiro ser listado, além de ser a capital do estado, se deve à sua grande extensão territorial, contemplando mais de 150 (cento e cinquenta) bairros, fora a sua grande flexibilidade de fluxos de moradia e trabalho. A cidade de São João de Meriti possivelmente também foi listada devido a sua proximidade imediata com Duque de Caxias, em especial com o 1º Distrito da cidade, facilitando o acesso direto para a localidade. E, por fim, é relacionada a cidade de Duque de Caxias, demonstrando que, além de abrigar os pontos de prostituição, abrigam, também, a maioria das prostitutas e clientes segundo as entrevistas.

Refletindo diante desses dados, conseguimos relacionar os fatores de moradia, periferia e fluxos. Os resultados indicam que, na maioria das vezes, o serviço sexual da periferia é suprido pelas suas próprias moradoras, sendo absorvidos, também, por clientes que residem dentro desta periferia. Estes índices demonstram um cliço de serviço sexual, majoritariamente, regional e pouco escalonado, garantido pelas proximidades de trajeto.



CONSIDERAÇÕES FINAIS





Foto: MARGOLLES, Teresa.
Título: *Pista de baile del club Apache*, 2016.

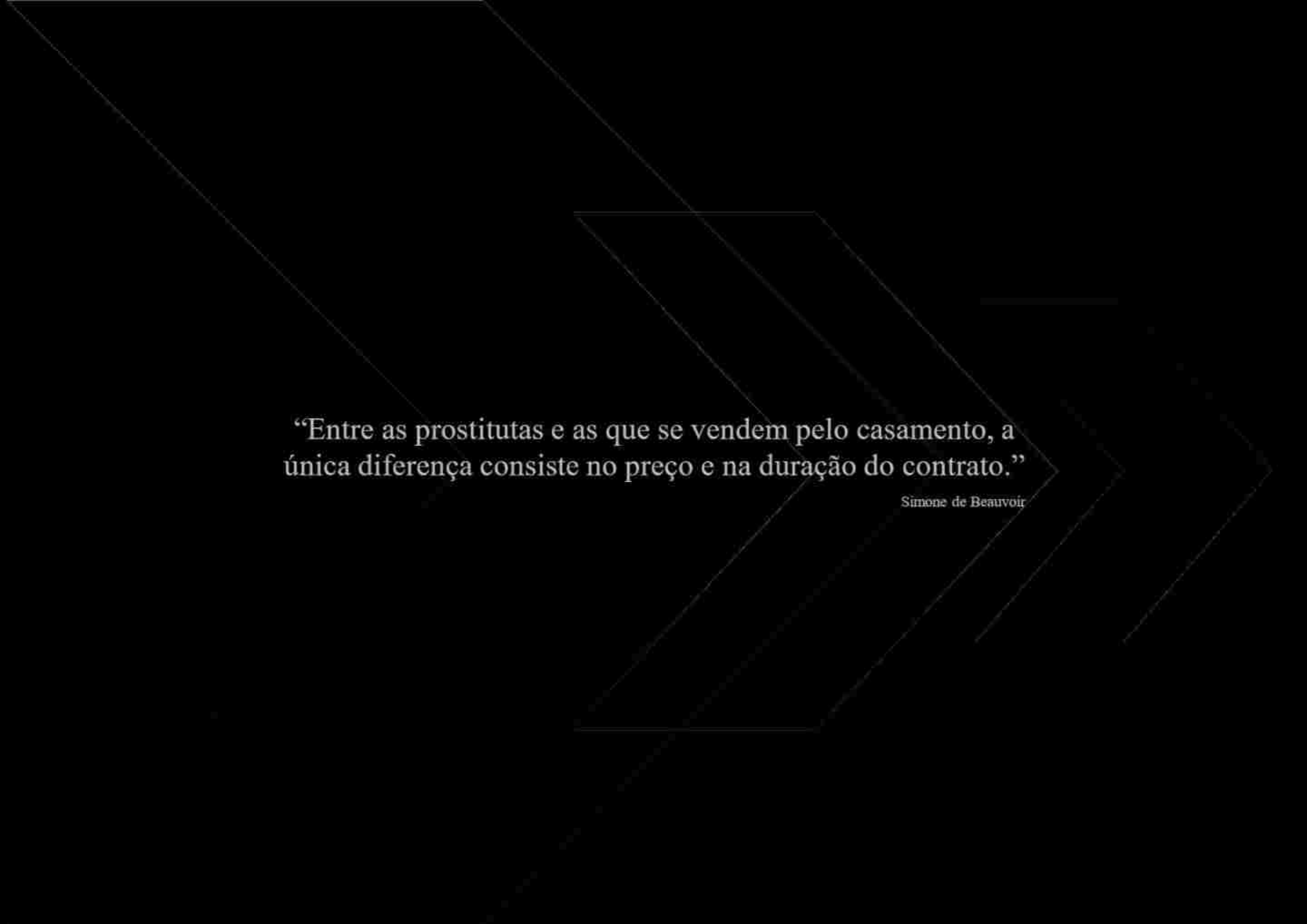
CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância deste projeto de pesquisa é legitimada a partir do reconhecimento socioespacial das dinâmicas da prostituição em uma região periférica diante de uma exposição esquematizada dos seus fluxos e permanências. Ao longo da pesquisa, foi possível identificar os fatores históricos, culturais e sociais acerca da temática da prostituição periférica e reconhecer diferentes escalas de periferias inseridas no contexto carioca. O embasamento teórico feito no primeiro momento da pesquisa foi necessário para resgatar a origem dos estigmas acerca dos dois polos principais da temática, a prostituição e a periferia, e para reconhecer os reflexos sociais que perduram até o dia de hoje. Durante a aplicação da entrevista em campo com as prostitutas da localidade, além de levantar os dados de relevância para a pesquisa, foi observado um perfil padronizado da protagonista da prostituição periférica. Foi formalizado, também, por meio de conceitos sobre o espaço urbano, a concepção do território que abriga os locais de trabalho sexual, sendo eles públicos (pontos de rua, esquinas) ou privados (casas de prostituição). Analisando a distribuição da prostituição na cidade de Duque de Caxias em locais, majoritariamente, classificados como opacos durante a pesquisa é possível refletir o quanto a problemática ainda se encontra às margens do planejamento urbano e com pouca visibilidade pública. Estes resultados encontrados levantam o assunto do direito à cidade, principalmente, quando pensada por um profissional de Arquitetura e Urbanismo, questionando se ocorre a reflexão de narrativas não convencionais utilizando e se apropriando do espaço urbano. Já analisando a geografia diante do processo cartográfico executado, foi possível reconhecer a tipologia dos espaços que abrigam a prostituição e seus elementos de composição urbana, recorrendo aos conceitos de periferia e opacidade. Também foi levantada a questão da gentrificação dos pontos de prostituição diante da revalorização de algumas áreas da cidade, expulsando alguns grupos sociais e abrangendo outros. Espaços de perigo e áreas de risco sinalizadas por mulheres foram correlacionadas com os pontos de prostituição, caracterizando ainda mais os espaços que acolhem a prostituição, além da análise do fluxo moradia-trabalho das prostitutas e clientes.

Por fim, conseguimos concluir que os espaços que abrigam os pontos de prostituição, sejam públicos ou privados, além de estarem localizados em regiões periféricas, estão, na maioria das vezes, em espaços opacos com elementos urbanos que contribuem para que a atividade se mantenha oculta na cidade. Podemos afirmar também que as prostitutas estão em uma posição de marginalização e exclusão na cidade devido à falta de visibilidade para a profissão, onde acabam passando constante gentrificação e se encontram obrigadas a se adaptar em locais cada vez mais opacos na cidade. O perfil periférico das prostitutas e dos clientes é formalizado uma vez que a maioria dessas personas reside na Baixada Fluminense, concluindo, assim, um serviço genuinamente periférico. Logo, é entendido que o trabalho sexual é servido por pessoas que moram em uma periferia, acontece em regiões periféricas na cidade e é absorvido por pessoas que também residem nesta periferia, mantendo um ciclo periférico contínuo.

A pesquisa cumpre seus objetivos uma vez reconhece a diversidade dos papéis femininos no espaço urbano e expõe o lado oculto das dinâmicas da prostituição nas áreas periféricas da cidade de Duque de Caxias de forma levantar a questão como uma problemática, proporcionando visibilidade à essas narrativas. Além disso, este trabalho possui o intuito de impulsionar outras pesquisas sobre o tema para, cada vez mais, ocorra uma transparência diante dos dois polos principais da pesquisa. Assim, a conclusão deste trabalho acaba denunciando problemáticas invisíveis, porém, relevantes no campo do urbanismo, visando que as regiões periféricas possuam acesso suficiente e igualitário aos equipamentos públicos e que as prostitutas consigam os direitos necessários para executar a atividade com segurança e respeito, fazendo com que a periferia e a prostituição tenham voz no planejamento urbano das cidades e visibilidade social desprendida de estereótipos.





“Entre as prostitutas e as que se vendem pelo casamento, a única diferença consiste no preço e na duração do contrato.”

Simone de Beauvoir

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS





Foto: MARGOLLES, Teresa.
Título: *Pista de baile del club Modelón*, 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- RAMOS, Diana Helene. **“Preta Pobre e Puta” A segregação urbana da prostituição em Campinas – Jardim Itatinga**. 2015. 337 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2015.
- TAVARES, Rossana Brandão. **As várias mesquitas das várias baixadas: Vitalidade e desigualdade no território Fluminense**. 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2007.
- DE BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. França, 1949. Tradução: Sérgio Millet, Difusão Européia do Livro. São Paulo, SP, 1970.
- FERERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva**. USA, 2004. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo, SP, 2017.
- MULLER, Glaucia Regina Ramos. **A influência do Urbanismo Sanitarista na transformação do espaço urbano em Florianópolis**. 2002. 136 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2002.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida nas grandes cidades**. Nova Iorque, 1961. Tradução: Carlos S. Mendes Rocha. São Paulo, 2000.
- LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. França, 1968. Tradução: Centauro Editora. São Paulo, SP, 2011.
- VALLADARES, Lícia. **A gênese da favela carioca: A produção anterior às ciências sociais**. São Paulo, 2000.
- DENALDI, Rosana. **Políticas de Urbanização de favelas: evolução e impasses**. 2003. 229 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2003.
- ABREU, Maurício de Almeida. **A Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, RJ, 2006.
- RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo. **Gentrificação: aspectos conceituais e práticos de sua verificação no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ, 2017.
- ZIRBEL, Ilze. **Estudos Feministas e Estudos de Gênero no Brasil: Um Debate**. 2007. 202 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2007.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Homens Lentos, Opacidade e Rugosidade**. Livro de Actas – 4º SOPCOM. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / CICANT. Aveiro, Portugal, 2012.
- MARTINS, Carla. **Arendt: Uma Perspectiva Feminina no Espaço Público?**. Livro de Actas – 4º SOPCOM. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / CICANT. Aveiro, Portugal, 2005.
- SANTOS, Milton Almeida. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo, SP, 1994.
- BRITTO, Fabiana Dultra. **A Ideia de Corpografia Urbana como Pista de Análise**. Redobra. Salvador, BA. Nº 12, p. 36-38, 2014.
- SCHVARSBERG, Gabriel. **Cartografar o Movimento: Narrativas da Sarjeta**. Redobra. Salvador, BA. Nº 9, p. 160-178, 2012.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PECIAR, Paola Luciana Rodriguez. **Caminhando Junto na Cidade: Reflexões sobre uma Experiência Urbana e Etnográfica**. 30ª Reunião Brasileira de Antropologia. João Pessoa, PB, 2016.
- BRITTO, Fabiana Dutra; JACQUES, Paola Berenstein. **Cenografias e Corpografias Urbanas: Um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade**. Revista UFMG. Belo Horizonte, MG, 2012.
- SCHVARSBERG, Gabriel. **Rua de Contramão: O movimento como desvio na cidade e no urbanismo**. 2011. 170 f. Dissertação (Mestrado em Processos Urbanos Contemporâneos) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2011.
- TAKAKI, Emika. **Corpo-Cidade: Coreografias Urbanas**. Indústria Criativa em Revista. Dossiê: A cidade e as questões do urbano. Rio de Janeiro, RJ. Nº 1, p. 87-94, 2015.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias Urbanas**. Vitruvius. Arqutextos 093.07. Rio de Janeiro, RJ, 2008.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Espaço Público, Espaços Públicos**. GEOgraphia. Niterói, RJ, Vol. 20, Nº 44, p. 115-119, 2008.
- KOLEKTIBOA, Hiria et.al. **Estudios Urbanos, Género y Feminismo**. América Latina, 2012.
- MANSANERA, Adriano Rodrigues; SILVA, Lúcia Cecília. **A Influência Das Ideias Higienistas No Desenvolvimento Da Psicologia No Brasil**. GEPHE – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre o Higienismo e o Eugenismo da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR, 2000.
- COSTA, Maria Clélia Lustosa. **O discurso higienista definindo a cidade**. Fortaleza, CE, 2002.
- LOVISOLO, Hugo Rodolfo; JUNIOR, Edivaldo Góis. **Descontinuidades e Continuidades do Movimento Higienista no Brasil do Século XX**. Rev. Bras. Cien. Esporte. Campinas, SP, Vol. 25, Nº 1, p. 41-54, 2003.
- MENEZES, Jaci Maria Ferraz. **Abolição no Brasil: A Construção da Liberdade**. Revista HISTEDBR On-line. Campinas, SP, Nº 36, p. 83-104, 2009.
- FONSECA, Cacá. **Cartografia em Jogo: Artificios para uma Construção Metodológica**. Redobra. Salvador, BA. Nº 9, p. 126-144, 2012.
- CALJO, Sônia Alves. **Incorporando a Questão de Gênero nos Estudos e no Planejamento Urbano**. In: 6o ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA. Observatório Geográfico, 1997.
- BRITTO, Fabiana Dutra; JACQUES, Paola Berenstein. **Corpocidade 5: Gestos Urbanos**. UFMG. Plataforma CORPOCIDADE. Belo Horizonte, MG, 2016.
- CAVOUR, Renata Casemiro. **Mulheres de Família: Papéis e Identidades da Prostituta no Contexto Familiar**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2011.
- TESSARI, Leandro Marcos. **Dinâmica Centro-Periferia e Estrutura Urbana no Contexto das Aglomerações Não-Metropolitanas no Interior do Estado de São Paulo: O Caso de Araraquara/Américo Brasiliense**. GEOAMBIENTE ON-LINE, Revista Eletrônica do /curso de Geografia – UFG, Nº 20. Jataí, GO, 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARICATO, Erminia. **A Produção Capitalista da casa (e da Cidade) no Brasil Industrial**. São Paulo, SP, 1982.

TEIXEIRA, Marilane Oliveira. **Desigualdades Salariais entre Homens e Mulheres A Partir de uma Abordagem de Economistas Femininas**. Gênero. Niterói, RJ, Vol. 9, Nº 1, p. 31-45, 2008.

CISNE, Mirla; GURGEL, Telma. **Feminismo, Estado e Políticas Públicas: Desafios em Tempos Neoliberais para a autonomia das mulheres**. SER Social. Brasília, DF, Vol. 10, Nº 22, p. 69-96, 2008.

BERALDO, Beatriz. **O que é Feminilidade? Papéis Sociais e o Feminismo Contemporâneo**. ESPM-SP. COMUNICON – COMUNICAÇÃO, CONSUMO E NOVOS FLUXOS POLÍTICOS: ativismos, cosmopolitismos, práticas contra-hegemônicas, 4º Encontro de GTs. São Paulo, SP, 2014.

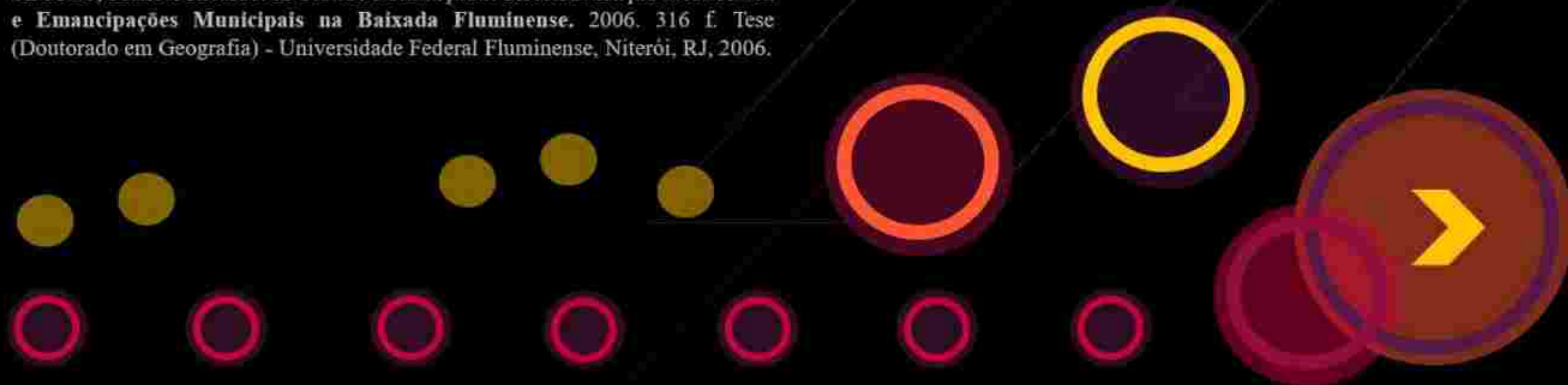
SIMÕES, Manoel Ricardo. **A Cidade Estilhaçada: Reestruturação Econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense**. 2006. 316 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2006.

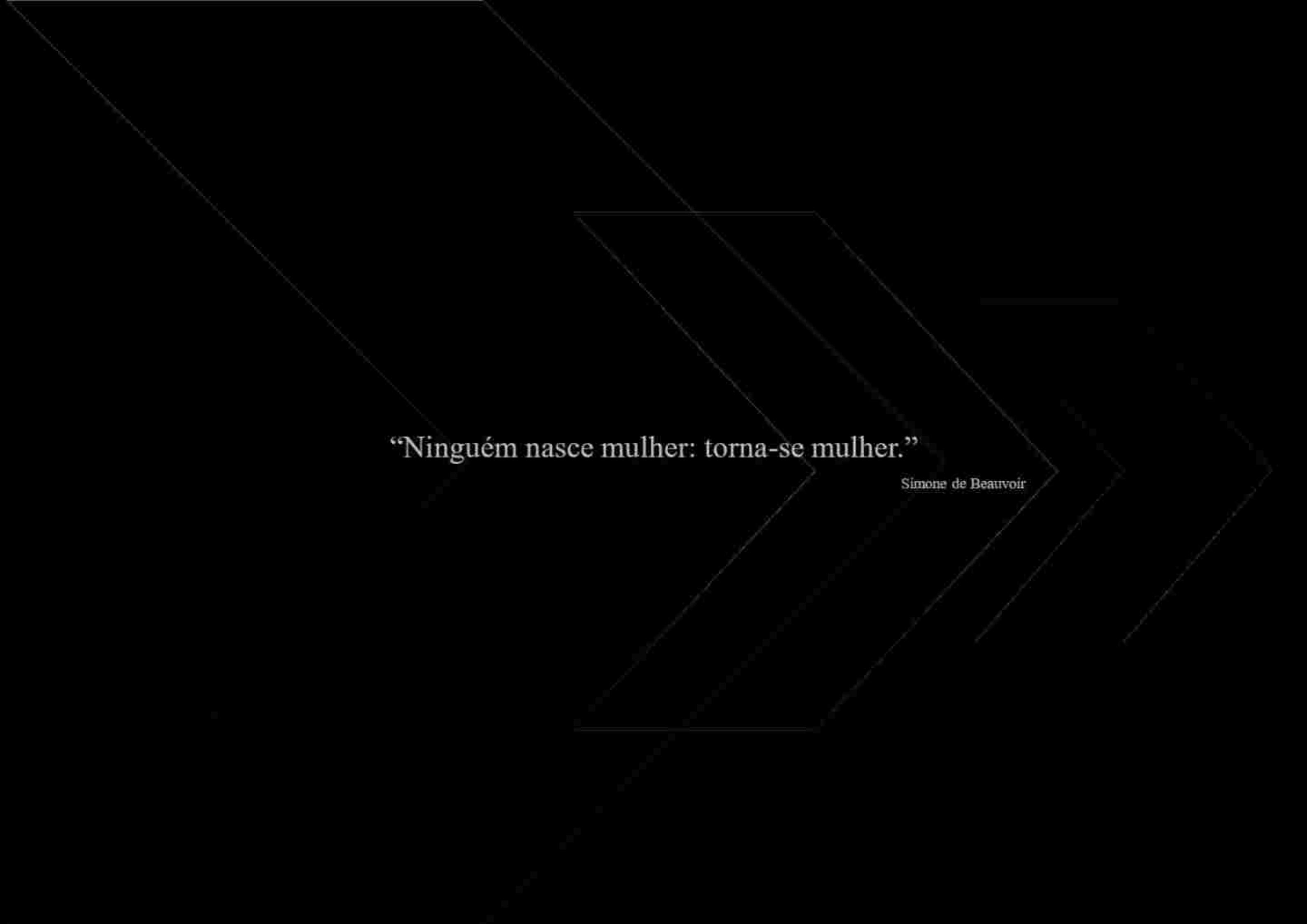
COSTA, Ana Carolina Silva; ARGUELHES, Delmo de Oliveira. **A higienização social através do planejamento urbano de Belo Horizonte nos primeiros anos do século XX**. Programa de Iniciação Científica do UniCEUB. Vol. 5 Nº 1/2., p. 109-137. Brasília, DF, 2008.

COSTA, Ana Alice Alcantara. **Corpografias Urbanas**. Gênero. Niterói, RJ, Vol. 5, Nº 2, p. 9-35, 2005.

MORAIS, Marcelo Moura. **A chegada de novos agentes econômicos e a reestruturação do espaço urbano em Queimados – Rio de Janeiro**. Revista Brasileira de Geografia Econômica, Espaço e Economia. Rio de Janeiro, RJ. Ano VI, Nº 8, p. 01-20, 2016.

GREGORI, Juciane. **Feminismo e Resistência: Trajetória Histórica da Luta Política para Conquista de Direitos**. Caderno Espaço Feminino. Uberlândia, MG, Vol. 30, Nº 2, p. 47-68, 2017.





“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.”

Simone de Beauvoir

DISCENTE: ANA CAROLINA PACHECO OLIMPIO
DOCENTE: ALLINE SERPA

A CIDADE OCULTA DA
**PROSTITUTA
PERIFÉRICA**



UMA CARTOGRAFIA DAS
DINÂMICAS URBANAS DA
PROSTITUIÇÃO PERIFÉRICA
EM DUQUE DE CAXIAS

UNIVERSIDADE UNIGRANRIO
2019.2